

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO
EM TEOLOGIA – PPGT - PUCPR**

IZAURA DA SILVA

**A VIDA, A ESPIRITUALIDADE E O CARISMA DE ZYGMUNT FELINSKI:
CONTRIBUIÇÕES PARA A RENOVAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA
PRECONIZADA PELO CONCÍLIO VATICANO II**

**CURITIBA
2022**

IZAURA DA SILVA

**A VIDA, A ESPIRITUALIDADE E O CARISMA DE ZYGMUNT FELINSKI:
CONTRIBUIÇÕES PARA A RENOVAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA
PRECONIZADA PELO CONCÍLIO VATICANO II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Teologia, Área de Concentração - Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa - Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes

CURITIBA

2022

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Silva, Izaura da
S586v A vida, a espiritualidade e o carisma de Zygmunt Felinski : contribuições
para
2022 a renovação da vida consagrada preconizada pelo Concílio Vaticano II / Izaura
orientador: Márcio Luiz Fernandes. – 2022.
125 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2022
Bibliografia: f. 110-117

1. Teologia. 2. Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria.
3. Carisma (Traço da personalidade). 4. Espiritualidade. 5. Vida monástica e
religiosa. 6. Feliński, Zygmunt Szczęsny, Santo, 1822-1895. I. Fernandes,
Márcio Luiz. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 007.2022
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos vinte e três dias de fevereiro de dois mil e vinte e dois, reuniu-se às dezessete horas, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes, Prof. Dr. Teodoro Hanicz, Profa. Dra. Clelia Peretti, para examinar a Dissertação da mestranda **Izaura da Silva**, ano de ingresso 2020, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Ético-Social - Linha de Pesquisa: "Teologia e Sociedade". A mestrando apresentou a dissertação intitulada "**A VIDA, A ESPIRITUALIDADE E O CARISMA DE ZYGMUNT FELINSKI: CONTRIBUIÇÕES PARA A RENOVAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA PRECONIZADA PELO CONCÍLIO VATICANO II**". A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **APROVADA** pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 19 horas. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes - Presidente/Orientador

Prof. Dr. Teodoro Hanicz - Convidado Externo

Profa. Dra. Clelia Peretti - Convidado Interno



Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

Dedico esse trabalho a Congregação das Irmãs
Franciscanas da Sagrada Família de Maria

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conduzir em caminhos não esperados por mim, mas necessários para uma caminhada de fé, de pesquisa, silêncio e oração.

Ao Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes, orientador desta dissertação, que com muito carinho e apreço acompanhou-me com sua paciência e amizade.

Na pessoa da Madre Provincial Maria Madalena Ryndack, agradeço à Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, pelo incentivo e apoio.

À Irmã Conceição Schumilo, por ajudar na procura dos textos e à Ir. Alda Gorka, pela ajuda na procura das referências, bem como dos textos.

Com imensa gratidão à Madre Fabiola Ruszczyk, de saudosa memória, que no início da pesquisa ajudou-me na procura dos textos, pois tinha uma grande veneração ao Fundador Zygmunt Felinski.

À Ir. Irene Amaoka, superiora da comunidade religiosa na qual morei durante o período do mestrado, minha gratidão pelo incentivo e apoio.

Aos professores Clélia Peretti e Teodoro Hanicz, que aceitaram participar da banca.

Aos colegas do programa de pós-graduação do PPGT da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, pela troca de experiência e incentivo à pesquisa.

Em ação de Graças a Deus, pois assim conheci melhor a vida daquele que fundou a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, da qual sou membro.

Aos amigos e amigas que fizeram-se presentes nesse momento da pesquisa e foram suporte para que eu desse continuidade.

Por fim, gratidão a todos os Professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR, que contribuíram para a minha formação.

Deus a chama como instrumento em suas mãos para enxertar no coração dos pobres e aflitos o amor à Cruz e o amor incondicional à vontade de Deus.

Assim como Maria viveu entre os pobres e simples, assim você entre os pobres e abandonados, procure os mais necessitados, porque eles são os mais próximos do coração de Maria.

Quando o pobre pedir ajuda, lembra sempre as palavras de Jesus “tudo o que fizerdes a um desses meus irmãos menores, a Mim o fizestes”.

Sempre quando puder visite os pobres e os doentes nas suas casas, pois qualquer ajuda é um grande benefício e testemunho.

(Zygmunt Felinski, 2009)

RESUMO

O objeto principal deste estudo refere-se à vida e ao carisma de Zygmunt Szczeny Felinski (1822 - 1895) e sua contribuição à Igreja e à sociedade. Está vinculada à Área de Concentração Ético-Social e à Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, do Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Teologia – PPGT/PUCPR. Os objetivos consistem em apresentar a vida de Zygmunt Felinski a partir dos relatos autobiográficos, cartas e escritos ascéticos e, em seguida, analisar as principais contribuições teológico-espirituais do fundador da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria com relação à vida consagrada colocando em relevo as fontes mariana e franciscana de sua espiritualidade. Por fim, pretende-se demonstrar a atualidade do carisma a partir do Vaticano II. A pesquisa, metodologicamente, caracteriza-se como bibliográfica, exploratória e documental. Desse modo, foram selecionadas referências bibliográficas para aprofundar a situação eclesial, social e histórica no qual se inseriu o autor em questão e foram examinados documentos e escritos espirituais e autobiográficos de Felinski pertencentes ao Arquivo Provincial da Congregação das Irmãs da Família de Maria. A visão eclesial e teológica dominante era profundamente jurídica, vertical e apologética, no entanto, Felinski será um bispo e fundador marcado pela vivência da perseguição política e do exílio. No governo do Czar Alexandre II (1818 - 1881), enfrentará muitos desafios pela liberdade da igreja e da pátria polonesa e, por tal razão, será perseguido e condenado pelo regime ao exílio por vinte anos. O estudo permitiu revisitar a vida e a obra de Zygmunt Felinski e revelar os principais traços da espiritualidade mariana e franciscana presentes em suas cartas, poesias e na atuação pastoral. Constatou, por sua vez, que ele soube responder aos desafios da Igreja e da sociedade de seu tempo de modo criativo, fazendo emergir uma obra que mantém até hoje na sociedade uma atuação, por meio de mulheres consagradas, que buscam servir no campo religioso, social e educacional. O carisma do fundador Felinski, à luz da renovação promovida pelo Concílio Vaticano II, contribuiu para iluminar a vida consagrada sobretudo com relação à postura de resistência profética em tempos de perseguição, bem como na compreensão dos temas teológicos da providência, da hospitalidade e da esperança. Assim, nota-se que pessoas como Felinski e as primeiras religiosas da Família de Maria, que experimentaram a cruz do Senhor sendo perseguidas, condenadas e exiladas nos deixam um precioso legado profético cujos frutos permanecem na história e constituem, por meio das instituições da Congregação, apoio para os pobres e desamparados.

Palavras-chaves: Zygmunt Felinski; Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria; Carisma; Espiritualidade mariana e franciscana; Vida consagrada.

ABSTRACT

The main object of this study refers to the life and charisma of Zygmunt Szczeny Felinski (1822 - 1895) and his contribution to the Church and society. It is connected to the Ethical-Social Area of Concentration and the Theology and Society Research Line, of the Post-graduate Master's and Doctoral Program in Theology–PPGT/PUCPR. The objectives are to present the life of Zygmunt Felinski from autobiographical sayings, letters and ascetic writings, and then analyze the main theological-spiritual contributions of the founder of the Congregation of the Franciscan Sisters of the Holy Family of Mary in relation to the consecrated life, with reference to the Marian and Franciscan sources of his spirituality. Lastly, this study intends to demonstrate the actuality of the charism and its update from Vatican II. The methodologically research, is characterized as bibliographical, exploratory and documentary. In this way, bibliographic references were selected to explore the ecclesial, social and historical situation in which the author in question was inserted and documents and spiritual and autobiographical writings by Felinski belonging to the Provincial Archive of the Congregation of the Sisters of the Family of Mary were examined. The dominant ecclesial and theological vision was deeply juridical, vertical and apologetic, however, Felinski will be a bishop and founder marked by the experience of political persecution and exile. In the government of Tsar Alexander II (1818 - 1881), he will face many challenges for the freedom of the church and the Polish homeland and, for this reason, he will be chased and condemned by the regime to exile for twenty years. The study allowed us to relive the life and work of Zygmunt Felinski and reveal the main characters of Marian and Franciscan spirituality present in his letters, poetry and pastoral work. As investigated, he knew how to respond to the challenges of the church and society of his time in a creative way, giving rise to a work that continues to this day in society, through consecrated women, who seek to serve in the religious life, social and educational. The charisma of the founder Felinski, in the light of the renewal promoted by the Second Vatican Council, contributed to illuminating consecrated life, especially in relation to the posture of prophetic resistance in times of persecution, as well as the understanding of the theological themes of providence, hospitality and hope. Thus, it is noted that people like Felinski and the first religious women of the Family of Mary, who experienced the cross of the Lord, being chased, condemned and exiled, leave us a precious prophetic legacy whose fruits remain in history and constitute, through the institutions of the Congregation, support for the poor and helpless.

Keywords: Zygmunt Felinski; Franciscan Sisters of the Holy Family of Mary; Charism; Marian and Franciscan Spirituality; Consecrated life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Repartição da Polônia	21
Figura 2 - Mapa repartição da Polônia em 1772	22
Figura 3 - Mapa representa as repartidas por dois Impérios multiculturais.....	23
Figura 4 - Europa após o Congresso de Viena.....	24
Figura 5 - Propriedade da Família Felinski	25
Figura 6 - Escolta militar, Felinski indo para o exílio.....	31
Figura 7 - Foto da Família Felinski.....	33
Figura 8 - Foto de Zygmunt Szczeny Felinski, no exílio.....	41
Figura 9 - Casa Geral das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.....	53
Figura 10 - Cruz de São Damião.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Filhos de Ewa e Geraldo Felinski.....	33
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Arquivo da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Ensino Superior
CAT	Catecismo da Igreja Católica
DAp	Documento de Aparecida
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
ET	Exortação Apostólica <i>Evangelica Testificatio</i> .
GI	Gálatas – Livro Bíblico
Gn	Gênesis – Livro Bíblico
Jo	João – Evangelho de João
Jr	Jeremias – Livro Bíblico
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si</i>
LTC	Legenda dos Três Companheiros
MC	<i>Marialis Cultus</i>
Mt	Mateus – Evangelho de Mateus
MR	Critérios diretivos para as <i>Mutuae Relationes</i> entre os bispos e os religiosos na Igreja
PAT	Pontifícia Academia Teológica
PC	Decreto sobre a renovação da vida religiosa <i>Perfectae Caritatis</i>
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Mater</i>
Rm	Romanos – Livro Bíblico
VC	<i>Vita Consecrata</i>
VR	Vida Religiosa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A TRAJETÓRIA DE ZYGMUNT FELINSKI: PRINCIPAIS FATOS A PARTIR DE SEUS ESCRITOS	19
2.1 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DA POLÔNIA NA INFÂNCIA DE FELINSKI	20
2.1.1 Propriedades da Família Felinski	24
2.2 MOMENTOS DE GRANDES SOFRIMENTOS NA FAMÍLIA FELINSKI	26
2.3 ESTUDOS, COMUNICAÇÃO COM A MÃE E DECISÃO DA VOCAÇÃO	26
2.3.1 Arcebispo de Varsóvia	30
2.4 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA DE FELINSKI	32
2.5 MOMENTOS DE DECISÕES NA VIDA DE FELINSKI.....	38
3 AS FONTES DA ESPIRITUALIDADE DE ZYGMUNT FELINSKI: MARIANA E FRANCISCANA	47
3.1 FELINSKI E A DEVOÇÃO À MARIA	47
3.1.1 A liberdade de Felinski a partir do exílio e a liberdade de Maria a partir do discernimento	54
3.2 FELINSKI E AS POESIAS MARIANAS	57
3.3 A DEVOÇÃO MARIANA NAS CARTAS ASCÉTICAS DE FELINSKI	62
3.4 FELINSKI, MEMBRO TERCÍARIO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	68
4 AS CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICO-ESPIRITUAIS DE FELINSKI PARA A VIDA	72
4.1 SUA OBRA PREDILETA: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA.....	73
4.2 FELINSKI, UM REFORMADOR DA VIDA CONSAGRADA	75
4.3 O CARISMA DE FELINSKI À LUZ DA RENOVAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA NO VATICANO II.....	79
5 CONTRIBUIÇÕES DO CARISMA DE FELINSKI PARA A REALIDADE DA VIDA CONSAGRADA HOJE	88
5.1 O CARISMA DO FUNDADOR: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA	89
5.2 CARISMA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA	95
5.3 CARISMA FRANCISCANO	100
5.4 CARISMA DE FELINSKI PARA A IGREJA	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	110
ANEXO A – CARTA nº 34 – DEVER DE ESTADO, COMUM A TODAS AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS	118

ANEXO B - HOMILIA DA BEATIFICAÇÃO DE FELINSKI	122
ANEXO C – MAPAS: PRIMEIRA, SEGUNDA E TERCEIRA PARTILHA DA POLÔNIA	123
ANEXO D – MAPA: A EUROPA NAPOLEÓNICA, 1809	124
ANEXO E – MAPA: O REINO DO CONGRESSO, 1815-1831	125

1 INTRODUÇÃO

A vida, a intuição carismática, a espiritualidade de Zygmunt Szczeny Felinski (1822 - 1895) e sua contribuição para a Igreja e para a sociedade é o objeto principal desta pesquisa. Seu nascimento se deu na cidade de Wojutyn, em terras pertencentes à Polônia e posteriormente anexadas à Rússia. Viveu em um século onde a Igreja viu florescer diversas instituições religiosas carismáticas que procuraram responder aos desafios econômicos, sociais, religiosos e culturais da sociedade de seu tempo. Um período permeado por uma visão eclesial hierárquica e autoritária, contudo permeada por uma devoção e espiritualidade mariana que semeou ternura e docilidade materna no seio do povo de Deus. O século XIX foi marcado pela presença dos Papas: Leão XII (1823 - 1829), Pio VII (1829 - 1830), Gregório XVI (1831 - 1846), Pio IX¹ (1846 - 1878), Leão XIII (1878 - 1903) que se colocaram frente a grandes transformações, basta pensar na Revolução Industrial, questões sociais, Revolução Francesa, relação Igreja e Estado, Concílio Vaticano I.

Nesta pesquisa busca-se percorrer as principais etapas da vida de Zygmunt Felinski como sacerdote, Arcebispo de Varsóvia, fundador da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Além de aprofundar seu carisma, sua herança espiritual e sua contribuição para a vida religiosa contemporânea. Sua vida foi um dom para Igreja, tanto como sacerdote quanto como arcebispo de Varsóvia. Salienta-se aqui, de modo particular sua ação, por meio da Congregação, preocupado com a ajuda aos órfãos e aos idosos, e com a formação do clero.

No final de 2018, ao término da graduação em Teologia, parecia que algo não tinha terminado, e surgiu o desejo de ir além. Dessa maneira, veio a ideia de dar continuidade aos estudos, cursando o mestrado: uma análise da vida, espiritualidade e carisma de Felinski, procurando entender o que ele fez e deixou como legado para a Igreja, para a congregação e para a sociedade, através de uma vida marcada pelo sofrimento. Um estudo que também contribua para que Felinski possa tornar-se uma figura carismática conhecida por outras pessoas.

¹ Foi o papa “que protestou energicamente na alocução de 24 de abril de 1864 e, ainda, na ‘Encíclica Urbi Urbaniano’ de 30 de julho de 1864, endureceu aos bispos poloneses, contra a disposição do monarca que se permitiu remover de sua jurisdição o Arcebispo de Varsóvia. O Papa solicitou, enfim, a todos os fiéis, de não respeitarem o decreto emanado do Czar, e a ficarem unidos ao seu verdadeiro e legítimo Pastor.” (FUDALI, 2009 p. 58)

O legado deixado para a posteridade inicia-se com o seu olhar atento à realidade e traduzido em preocupações cotidianas diante das necessidades da vida:

Felinski manifestou preocupação no sentido de que ele próprio e a sociedade, de modo geral, deveriam ter acesso ao conhecimento e à educação. Preocupava-se também com o sofrimento físico e moral do povo polonês durante o domínio russo, austríaco e prussiano na República da Polônia. (GRYBOSI e VIEIRA, 2019, p. 161)

Sua biografia é marcada pelo exílio da mãe e a morte do pai, além de seus 20 anos de exílio na Sibéria, às margens do rio Volga, vividos no silêncio. Sua luta pela Igreja nunca esmoreceu, pois confiava plenamente n'Aquele que o chamou para dar continuidade à missão do próprio Cristo. O aprofundamento do sentido de sua vida, de sua missão, de seu carisma e da continuidade deste para a Igreja e a sociedade nos faz perguntar: qual a contribuição de Felinski para a Igreja da Polônia de sua época? Qual o fundamento do carisma da Congregação das Irmãs Franciscanas da sagrada Família Maria? E qual a contribuição deste mesmo carisma para a vida consagrada hoje?

As respostas a essas perguntas são permeadas pela atmosfera evangélica herdada de sua família, que proporcionou o fundamento para a consolidação de uma fé fortalecida e para uma moral cristã amadurecida, visíveis em sua vida adulta.

Em Felinski, encontramos uma postura de gratuidade voltada para servir à Igreja e amenizar as mazelas de sua época: o governo (que não queria uma sociedade instruída), crianças abandonadas, anciãos à espera de cuidados, enfim, um povo sofrido devido à tomada indevida de suas terras e em busca de pão e casa. Todavia, ele se manteve firme no caminho indicado por Deus, assumindo-o com liberdade, deixando-se conduzir interiormente por um trabalho pessoal e, mais tarde, compartilhado com as Irmãs da Congregação por ele fundada.

Felinski foi um grande incentivador da educação, sempre preocupado com a formação da pessoa por inteiro, em todas as suas dimensões: humana, espiritual e psicológica. Trabalhou incessantemente pela formação das vocações e, conseqüentemente, pela formação sacerdotal e religiosa. Essa preocupação continua viva ainda hoje, na Congregação.

No percurso investigativo, revisitamos a literatura, materiais autobiográficos, as Constituições e o acervo da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família. Servimo-nos do material datilografado, apostilas, Cartas Ascéticas, Constituições e as fontes de espiritualidade. Para essa pesquisa documental, acessamos os arquivos da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, da Província Menino Jesus, à Rua Emiliano Pernetá 640, Curitiba, Paraná – Brasil.

A pesquisa e o estudo sobre as cartas foram realizados, anteriormente, pela Ir. Zofia Grzerzólka na Casa Geral (Polônia) e, conseqüentemente, foram aqui utilizados. No Brasil, as irmãs receberam as Cartas Ascéticas já impressas, em 2000, traduzidas do polonês para o português. Esse trabalho foi realizado com muita dedicação por Madre Fabiola Ruszczyk², que deixou grande legado para a Congregação. Dentre as 43 (quarenta e três) Cartas Ascéticas escritas por Zygmunt Felinski em seu exílio, 6 (seis) foram escolhidas para serem estudadas no percurso desta pesquisa. Tratam-se das cartas ascéticas de números 9,13, 20b, 30, 36 e 41.

Além disso, a pesquisa orientou-se por outros autores que se dedicaram à pesquisa e escreveram sobre a vida de Felinski, tais como: Francisco Ziejka (2009), João Szczepaniak (2009), Zdzislau Gogola (2009) e Irmã Teresa Antonietta Fraceki (2009)³. Os estudos destes autores, além da obra escrita pelo próprio Felinski, intitulada *Paulina: filha de Ewa Felinski*, contribuíram para com a conferência científica

² Madre Fabiola Ruszczyk nasceu em 27 de agosto de 1934, em Guarani das Missões (RS). Ingressou na Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria em Curitiba (PR) com 13 anos e fez sua Profissão Perpétua em 1954. Foi professora, mestra, diretora e a partir de 1982 assumiu cargos na Província Menino Jesus em Curitiba, como provincial e secretária. Em 1996 participou do Capítulo geral em Varsóvia, sendo eleita como Vice-geral, posteriormente como Geral e retornando ao seu país, em 2014, como delegada da Madre Geral para o Brasil. Neste período que residiu na Polônia, colaborou com a Ir. Dra. Tereza Antonietta Fracek, postuladora do processo de beatificação e canonização de Zygmunt Szczeny Felinski. Faleceu aos 11 de março de 2021.

³ Esses autores, no ano de 2009, compilaram material de simpósio por ocasião dos 150 anos da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, ocorrido em 2007. Por este motivo a superiora da província do Sagrado Coração de Jesus, madre Maria Rokosz, apresentou a finalidade da organização em uma conferência científica, com a colaboração do Departamento de História da Igreja, da Pontifícia Academia Teológica, em Cracóvia. O Simpósio foi concluído em 18/12/2007 no salão da 'Pedreira João Paulo II', junto à Igreja de São José, em Cracóvia – Podgórze. Entre os conferencistas estavam presentes representantes de diversas Instituições eclesiais e científicas. O Professor Dr. Francisco Ziejka, da Universidade Jagiellona, proferiu uma conferência sobre o trabalho poético do arcebispo Zygmunt S. Felinski. O professor e decano do Departamento de História PAT, pe. Dr. João Szczepaniak, discursou sobre o tema *A preocupação do arcebispo Felinski sobre a formação sacerdotal e religiosa*. Frei Dr. Zdzislau Gogola da Ordem Franciscana Conventual, discorreu sobre a correspondência de Felinski com a família Rogawski. A Dr^a Irmã Teresa Antonietta Fracek tratou da questão do desenvolvimento da congregação durante os 150 anos. (cf. WOLCZANSKI, 2009, p. 12)

na Academia Teológica em Cracóvia. Foi realizada, também, pesquisa no Portal de periódicos da Capes, nas bases SCIELO, JUSTOR, SCOPUS e Web of Science e constatamos a escassez deste tipo de material acadêmico-científico.

Deste modo, analisamos nesta dissertação a vida, a espiritualidade e o carisma de Zygmunt S. Felinski – fundador da Congregação das Irmãs da Sagrada Família – e suas implicações para a vivência espiritual segundo a renovação da vida consagrada preconizada pelo Vaticano II.

Em síntese, a estrutura desta dissertação é composta por uma introdução e quatro capítulos. A segunda seção, *A Trajetória de Zygmunt Felinski: principais fatos a partir de seus escritos*, discorre sobre sua família: a perda do pai, a mãe exilada, a decisão de sua vocação e a vida familiar, seu pastoreio em Varsóvia, seu período de exílio e seus últimos anos de vida em Dzwiniaczka.

Na terceira seção, faz-se uma análise profunda das fontes de sua espiritualidade: mariana e franciscana. É traçada uma analogia entre a liberdade de Maria e a de Felinski e aprofunda-se uma das formas que traduz sua devoção à Mãe de Deus: suas poesias. Desde criança, sua mãe, Ewa, o orientou a seguir a devoção mariana: sua vida foi enraizada e cultivada no amor a Maria Santíssima. Testemunhas confirmam que esse fato permeou toda a sua vida, enquanto a espiritualidade franciscana foi adquirida mais tarde, quando conheceu a vida de São Francisco de Assis e consagrou-se como terciário da Ordem.

Na quarta seção trata das contribuições teológicas-espirituais de Felinski para a vida Consagrada. Sua própria biografia é uma história tecida de grandes manifestações do amor de um Deus que o chama e o acompanha em cada passo de seu itinerário humano-espiritual. Sendo assim, discorreremos sobre a congregação por ele fundada, a renovação da vida consagrada e suas preocupações com a vida consagrada do século XIX.

Na quinta seção, traz uma reflexão sobre o que é o carisma de Felinski e sua atualização a partir da espiritualidade e da teologia da vida consagrada proposta pelo Vaticano II. Abordamos o carisma da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, o carisma franciscano, o carisma da vida consagrada e o carisma de Felinski. Para tanto, é indispensável o aprofundamento da vida religiosa

na perspectiva teológica, resgatando a preocupação de Felinski com a Igreja e transportando-a para a realidade atual.

Assim sendo, concluímos nosso trabalho enfatizando a importância que Felinski exerceu para a vida da Igreja em sua época e para a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Seu carisma continua vivo ainda hoje e, guiado pelo Espírito, na Igreja contemporânea, continua a chamar muitos para a edificação do Reino de Deus na história do mundo.

2 A TRAJETÓRIA DE ZYGMUNT FELINSKI: PRINCIPAIS FATOS A PARTIR DE SEUS ESCRITOS

A segunda seção apresenta a trajetória de vida de Felinski, os principais fatos a partir de seus escritos, a situação geográfica e histórica da Polônia de sua época, aspectos da vida familiar, seus estudos, sua vocação, o exílio da mãe e as dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida.

Zygmunt Szczeny Felinski, nasceu em 1º de novembro de 1822 em Wojutyn⁴, filho de Geraldo Felinski e Ewa Wendorff. Em 1833 seu pai falece e sua mãe, em 1838, é exilada na Sibéria, onde permanece até 1844. Felinski estudou matemática na Universidade de Moscou de 1840 a 1844. Em 1847 fixou residência em Paris, onde estudou na Universidade de Sorbonne, aperfeiçoando seus conhecimentos em Ciências Humanas e, em 1848, conheceu seu grande amigo Júlio Slowacki.

Em 8 de setembro de 1855 ordena-se sacerdote e, em 1856 obtém o título de “Mestre em Teologia”. Funda a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria no ano de 1857. Sua mãe falece em 1860 e em 1862 é nomeado Arcebispo de Varsóvia pelo Papa Pio IX. No dia 14 de junho de 1863 foi exilado para Jaroslaw, na Sibéria. Em 1883 recebe anistia, mas não pôde voltar à Varsóvia, passando a residir em Dzwiniaczka. Após sua volta do exílio, continuou sua missão com a Congregação que fundara, desenvolvendo atividades pastorais e sociais entre os poloneses e ucranianos. Terciário Franciscano, faleceu em 17 de setembro do ano 1895 em Cracóvia, no dia litúrgico dos Estigmas de São Francisco de Assis.

Sendo assim, a Igreja Católica, perdeu um defensor da fé aqui na terra, porém anos depois pode compartilhar dessa alegria, quando em 11 de outubro de 2009 Felinski é elevado aos altares.

A seguir, descreveremos brevemente o contexto histórico-geográfico onde Felinski nasceu e viveu sua infância.

⁴ Wojutyn é um lugar de terras planas com matas e, também, dos grandes rios – Bug, Dryp e Dniepr. Ocupada pela tribo “Eslava”, foi império independente com capital em Wlodzimierz. Desde o século XIV tornou-se rival da Polônia e Lituânia. Após a primeira divisão da Polônia (1772) um pedaço ao sul de Wojutyn, tornou-se Áustria e o restante, na segunda e terceira divisão (1793-1795), ficou integrada à Rússia. (FRACEK, 2009a, p. 10)

2.1 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DA POLÔNIA NA INFÂNCIA DE FELINSKI

Neste tópico aprofundaremos os aspectos histórico-geográficos de sua cidade natal. Wojutyn, que se encontra em “terras que pertenciam à Polônia e que foram anexadas à Rússia. Dos 76 anos de sua vida [...] Felinski passou 58 no território da Rússia” (FRACEK, 2009a, p. 7). Este e outros fatos mostram que Felinski realizou muitas viagens durante sua vida, e absorveu rapidamente valores das diferentes culturas, impulsionando-o a dialogar com elas.

Ir. Teresa Antonietta Fracek⁵ assim descreve a situação geopolítica da época:

Polônia: dominada pela Rússia, Prússia e Áustria, no ano de 1822 quando nasceu Zygmunt a Polônia não existia como nação independente. Desde a metade do século XVIII, encontra-se sob o domínio das Três potências: Rússia, Prússia e Áustria. Como resultado da divisão de 1772, 1793, 1795, esses países dividiram entre si as terras da Polônia. Em seguida extinguiram tudo o que era polonês, com exceção da Áustria. Então, a Polônia desapareceu do mapa europeu (2009a, p. 7).

Os poloneses, por consequência da divisão de suas terras, jamais se conformaram com isso. “Trabalhavam no país e na emigração para cultivar o espírito nacional e aproveitavam cada oportunidade para lutar pela libertação da escravidão” (FRACEK, 2009a, p. 8). Ainda hoje, os poloneses sofrem as consequências da tomada de suas terras. A conquista da libertação consistiu em um longo caminho. No entanto, continua prevalecendo o sentimento de perda entre os poloneses. Para Fracek, as terras da família Felinski foram anexadas à Rússia quando a Polônia sofreu sua segunda e terceira divisão em 1793 e 1795. Wojutyn, lugar onde a família viveu, atualmente, é uma nação independente da Ucrânia (2009a, p. 9-10).

A seguir, o mapa mostra as três divisões sofridas pelo país com suas terras tomadas por outros povos⁶. Trata-se, portanto, de uma nação marcada pelas consequências dessas diversas divisões territoriais e em que se notam as

⁵ Historiadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, postuladora na beatificação e na canonização de Zygmunt Szczeny Felinski.

⁶ Nos anos 1772, 1793, 1795 ocorreram três divisões territoriais da Polônia, perpetradas por Rússia, Prússia e Áustria, pelo que o tamanho da Polônia foi progressivamente reduzido até que, após a repartição final, o estado da Polônia deixou de existir. (Encyclopedia Britannica, 2021)

ressonâncias ainda hoje. Esse mapa nos ajuda a compreender como ficou a Polônia, depois das divisões. É nesse contexto espaço-temporal que se insere a vida de Felinski.

Figura 1 - Mapa da Repartição da Polônia

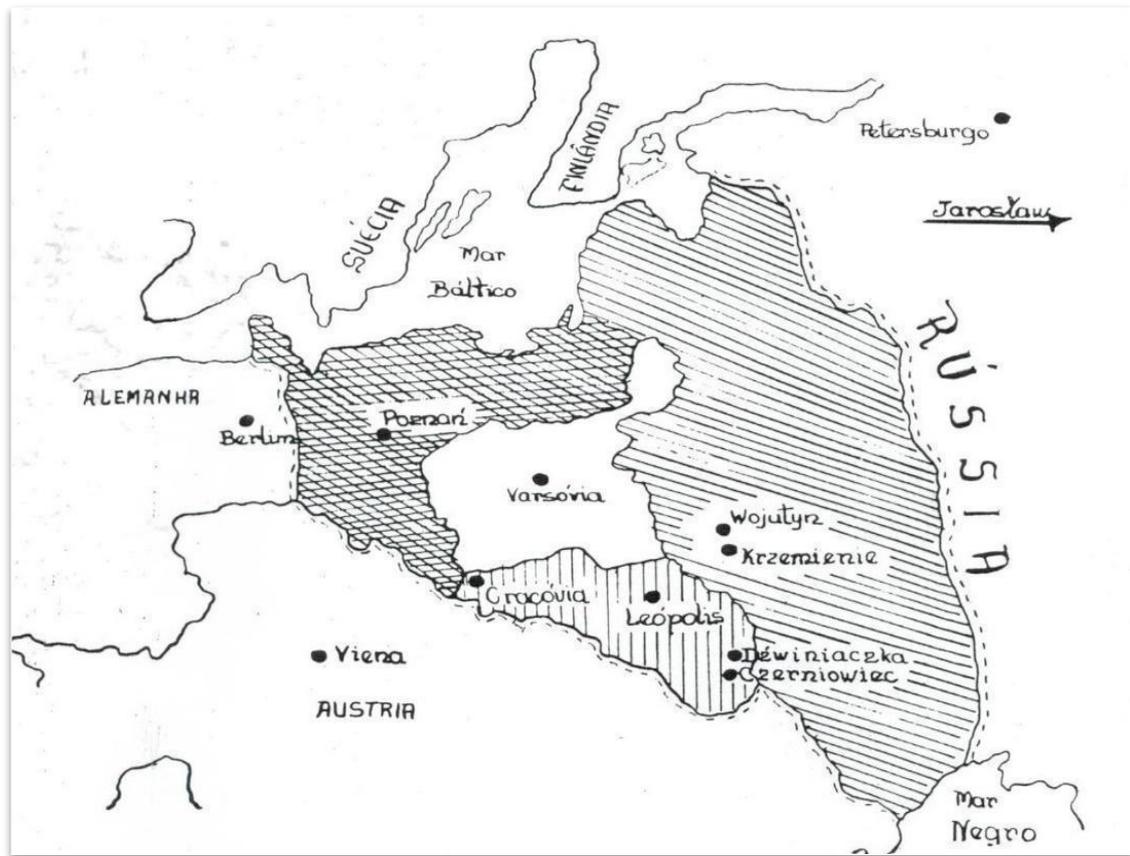


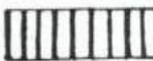
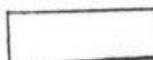
Fonte: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Partitions-of-Poland>. Acesso: 03. 01. 2022.

Mesmo diante desta divisão, das disputas por territórios, da tentativa de extinguir a Polônia e de um cenário de lutas e guerras, a nação não esmoreceu e continuou defendendo sua Pátria.

Abaixo, o mapa mostra a divisão da Polônia em 1772 e tem um grande significado porque representa as regiões onde Felinski nasceu, viveu e onde as terras foram tomadas por outros povos.

Figura 2 – Mapa repartição da Polônia, em 1772



	Parte da Polônia dominada pela Rússia.
	Parte dominada pela Alemanha.
	Parte dominada pela Áustria.
	Assim chamado "Reino Polonês", o qual aparentemente diante do mundo era livre, mas na realidade estava inteiramente na dependência da Rússia.

Fonte: (ZYLINSKA, 1973, p. 32).

Zylinska descreve, abaixo, um retrato da Polônia dessa época:

O esquema deste mapa da Europa Central apresenta o País da Polônia antes da sua divisão. A Polônia era um país famoso pelas forças militares estendendo-se de mar a mar, com sua rica tradição e história. No fim do século XVIII, ficou completamente arruinada na parte econômica e política, por causa da injustiça social (Feudalismo). De um lado, a classe rica tinha interesses próprios e comodismo e de outro – o povo simples, era explorado, abusado e desprezado. O último rei Estanislau Augusto Poniatowski – grande artista, mas na parte política fraco, não conseguiu fazer as reformas que eram necessárias, e às quais o povo patriótico implorava para o bem de sua Pátria. A vizinhança desfavorável aproveitou da ocasião, para repartir a Polônia entre si, o que sucedeu no ano de 1772 (1973, p. 32).

A vida de Felinski, se entrelaça nessa história permeada de conflitos e divisões de seu país, com mudanças territoriais evidentes. Pode-se observar, na Figura 3, as divisões repartidas por dois Impérios multiculturais.

Figura 3 - Mapa representa as repartidas por dois Impérios multiculturais



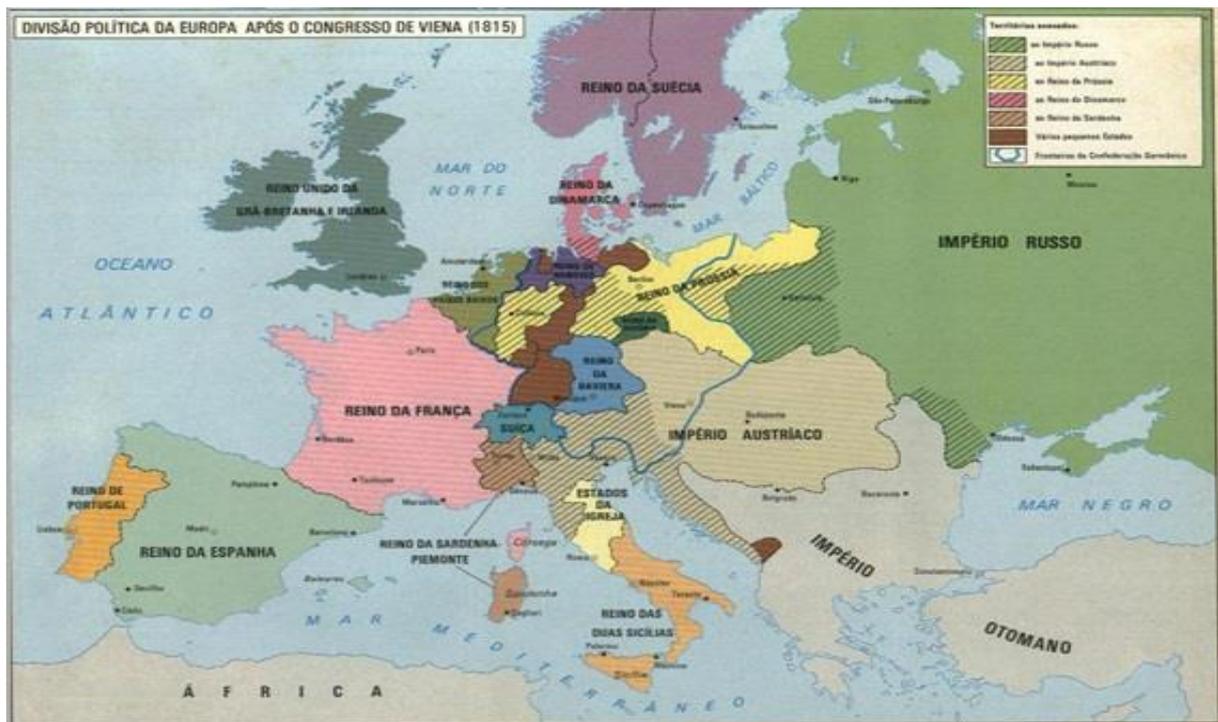
Fonte: <https://herdeirodeaecio.blogspot.com/2014/03/uma-sintetica-historia-da-ucrania.html>. Acesso em: 13.01.2022.

A Polónia desaparece da história política por 120 anos:

As Partições da Polónia foram um evento-chave na política de poder do final do Antigo Regime e tiveram grandes consequências de longo prazo para o equilíbrio de poder no norte e leste da Europa. Durante um período de vinte e cinco anos, Catarina II (Rússia), Frederico II (Prússia) e Maria Teresa e José II (Áustria), entre outros, varreram a Polónia, o segundo maior país da Europa, para fora do mapa político, e a Polónia desapareceu como estado por 120 anos. O novo relato de Jerzy Lukowski, o primeiro estudo abrangente do tema em inglês desde 1915, define a dimensão polonesa desta história em seu contexto europeu mais amplo, iluminando os motivos e atitudes dos participantes e explorando suas consequências. Esta é uma grande contribuição para a história diplomática da Europa do século XVIII (LUKOWSKI, 1999, p. 2).

A Figura 4 mostra a Europa após o Congresso de Viena (1815). Zygmunt Felinski defende sua Pátria e trabalha para a construção da Igreja e da sociedade. Neste cenário é fácil reconhecer as razões que o levaram e a tantos outros poloneses de sua época a se manifestarem na luta e defesa da cultura, da vida e do território polonês.

Figura 4 – Europa após o Congresso de Viena



Fonte: THUOR SAUER, 2015. Disponível em: <https://universoracionalista.org/tradicao-x-modernidade-no-inicio-do-seculo-xix/>. Acesso em: 13.01.2022.

2.1.1 Propriedades da Família Felinski

Seus pais possuíam duas propriedades: uma em Wojutyn e outra em Zboroszw. Em 1826 Felinski transferiu-se com a mãe e seus irmãos para esta última onde transcorreu sua infância, pois ofertava melhores condições para a educação e

formação dos filhos. A Figura 5, mostra como a propriedade da família⁷ era um lugar simples e foi neste ambiente que Felinski viveu junto com seus familiares.

Figura 5 – Propriedade da Família Felinski.



Fonte: Arquivo da Congregação, Província Menino Jesus – Curitiba – PR.

Zygmunt Felinski, em 1828, iniciou seus estudos junto com seu irmão Aloísio, “sob a direção de um instrutor que tinha a tarefa de acompanhar os dois rapazes não só na realização do programa escolástico paroquial, como também de vigiar o seu comportamento e estar presente em seus divertimentos” (FUDALI, 2011, p. 14). Dessa forma, a educação teve um caráter domiciliar, sendo iniciada por sua mãe.

Seu pai, senhor Geraldo, de acordo com Irmã Regina Zylinska, “era partidário do ensino público e preocupava-se com a formação dos filhos, enviando-os ainda muito jovens para a escola” (1973 p. 11). A insurreição⁸ de 1830 tornou a vida mais difícil com a crescente violação dos direitos de seus habitantes por parte do Império

⁷ "Não vou te escrever palavras de conforto, Deus manda você para mim. Afaste-se, não desanime, porque a Providência zela por nós." (Tradução livre da frase que se encontra na Figura 5). Zborosów, propriedade da família Felinski.

⁸ Em novembro de 1830, um grupo de oficiais cadetes entrou à força no Palácio Belvedere para assassinar o grão-duque Constantino enquanto outro atacava um quartel da cavalaria russa localizado nas proximidades. Ocorreu tudo mal. Os Russos foram alertados a tempo e o grão-duque escapou às facas dos assassinos. As autoridades polacas reagiram com prontidão para retomarem o controle da situação e evitarem um confronto com a Rússia. O Czar negou-se a receber o príncipe e no dia 7 de janeiro enviou-lhe uma missiva exigindo a capitulação incondicional como pré-condição para quaisquer negociações. Varsóvia foi dotada de uma cidadela a partir da qual o czar prometeu bombardear e arrasar a cidade se houvesse mais problemas. (ZAMOSYSKI, 2010)

Russo. Diante disso, Felinski teve que deixar seus estudos e retornar com sua família para a antiga propriedade de Wojutyn.

2.2 MOMENTOS DE GRANDES SOFRIMENTOS NA FAMÍLIA FELINSKI

Em janeiro de 1833, o senhor Geraldo adoece e vem a falecer, deixando esposa e sete filhos, sendo a mais velha, Paulina, com apenas treze anos. Outro sofrimento que marcou a história da família foi a prisão da mãe. “Descoberto o conciliábulo de Simão Konarski, inúmeros foram os aprisionamentos dos membros da Associação da Nação Polonesa, que lutavam pelo renascimento material e espiritual da nação, atingindo também a Ewa Felinski” (FRACEK, 2009a, p. 67). Em julho de 1838 a polícia czarista tirou brutalmente a mãe de seus filhos e levou-a para prisão em Wilno (atual Lituânia)⁹. Depois da deportação de Ewa para a Sibéria, os bens da família em Wojutyn e Zboroszów, foram confiscados pelo governo czarista deixando os filhos sem teto e privados de qualquer recurso material.

Grande foi a dor no momento da separação. Zylinska reporta o trecho autobiográfico de Felinski no qual descreve os sentimentos que habitavam sua alma no momento desta dolorosa cena de separação:

Todas as circunstâncias que acompanharam este episódio, gravaram-se tão profundamente em minha memória que ainda hoje as tenho presentes perante meus olhos, como se tivessem acontecido ontem, posto que um quarto de século já tenha decorrido daquele momento. Em vão tentaria descrever esta cena de despedida. O desespero das crianças que, com lágrimas nos olhos, agarravam as mãos, os pés e as vestes da mãe que estava sendo arrancada à força e semimorta de dor. Era um chocante episódio que os próprios executores da sentença brutal, não se continham de emoção (1973, p. 13).

A separação causou muita tristeza entre os filhos, pois todos ainda eram pequenos. Assim, a família Felinski, ficou separada fisicamente, mas unida pelos afetos transmitidos pela mãe.

2.3 ESTUDOS, COMUNICAÇÃO COM A MÃE E DECISÃO DA VOCAÇÃO

⁹ Ewa Felinski foi presa por ser escritora e defender os direitos da Pátria. Depois, em 1839, exilada em Berestezko, às margens do Rio Ob, na Sibéria. (FUDALI, 2011, p. 18)

Depois da separação física da mãe, Felinski inicia seus estudos na universidade de Moscou e, em seguida, começa a escrever cartas, único elo de comunicação entre ambos, para sua mãe exilada. No entanto, as dificuldades eram muitas em relação à correspondência: endereço incerto (não se sabia realmente onde a mãe se encontrava), demora do correio e dificuldade em obter papel e caneta, pois faltava dinheiro para comprá-los.

Felinski escreve para a mãe cartas afetuosas, nas quais relata as principais adversidades pessoais e familiares, principalmente com relação à sua própria evolução nos estudos e às condições dos seus irmãos menores. Em carta datada de 20 de janeiro de 1840, comunica à sua mãe sua aprovação na universidade, contudo, não deixa de manifestar sua preocupação com sua irmã Vitória. Dessa forma, tenta se manter fiel aos laços originais das relações afetivas entre filho e mãe ao transmitir-lhe os sentimentos, as reflexões e as experiências interiores por ele vividas. Esse afeto é visível no trecho de um fragmento de carta transcrito abaixo:

Não sou capaz de expressar o quanto me impressionou esta carta, pois foi a primeira que recebi de vós, caríssima mãe, após a tua saída do país. Os pensamentos de que, quando escrevia a carta, estava ocupada somente comigo, esta tranquilidade que domina a tua carta, encheu minha alma de suave melancolia. Quando recebi a carta não tive muita coragem em abri-la, apesar de uma grande impaciência em ler alguns artigos que muito me interessam. [...]. Enfim abri a carta, lia lentamente, e cada palavra, cada verso repetia, e depois relia por várias vezes a carta inteira, esqueci de mim, estava feliz e gostaria que a vida inteira passasse naquele esquecimento, mas os meus deveres me retornaram à realidade e percebi que isso era um sonho. Naquele momento meu coração se apertou, fui até o meu amigo, ele me acolheu, e conversamos sobre ti e choramos juntos (FELINSKI, 1840. p.1).

Na carta de 23 de abril de 1841, Felinski percebe uma tristeza imensa por parte de sua mãe, alguma preocupação relacionada com sua própria saúde ou, pior ainda, a perda da esperança de ser libertada e poder encontrar-se de novo com seus filhos e familiares. Continua relatando que nos estudos está bem, ocupado com seus exames finais e sua esperança de encontrar-se com seus irmãos, Paulina e Aloísio, depois de um tempo separados.

Ewa na prisão tenta animar seus filhos por meio de cartas, pede com grande estima que os filhos continuem estudando, agradece aos professores que despendem

seu tempo para dar aulas e ensinar a língua francesa. Em uma das cartas, em março de 1839, descreve o que sentiu ao despedir-se dos filhos:

Caríssimos filhinhos, com o coração dilacerado escrevo esta carta. Os noticiários espalham que as mulheres são condenadas ao exílio, não se sabe por quanto tempo. Pode acontecer que quando receberem esta carta eu já esteja muito longe de vocês. Que Deus lhes dê forças para suportar a orfandade. O coração me parte de dor, não pela minha sorte, mas por vossa orfandade e vosso abandono (FRACEK, 2009a, p. 68).

Terminando a carta, a mãe despede-se deixando transparecer que será transferida para outra localidade, pois diz que a carroça já está aguardando-a para seguir: “meus últimos momentos quero consagrar a vocês” (FRACEK, 2009a, p. 68). Felinski, enquanto seguia com seus estudos em Moscou, enviava cartas carregadas de afeto à sua mãe e pedia orientações sobre o futuro de sua vida profissional quando do término dos seus estudos do curso superior de matemática na prestigiosa Universidade de Moscou.

A ele foi possível dar continuidade aos estudos, pois ao longo das pesquisas encontramos o nome de um protetor, “Sr. Zenon Brzozowski, abastado proprietário de Podole Oriental, que encarregou-se de sua educação” (ZYLINSKA, 1973, p. 14). “Oferecendo-lhe ajuda, o necessário para aquisição de roupas e a dirigir-se a ele caso precisasse de alimento” (FUDALI, 2010, p. 20). Como atesta o trecho a seguir:

Felinski sonhava unir-se à família, em sua terra natal, uma vez que a mãe fora anistiada em 1843. A alegria do filho não tinha limites, entretanto, outra sorte lhe é reservada. Era o desejo de seu protetor Zenon Brzozowski: que Felinski permanecesse em Moscou a fim de obter a licença governamental e todos os direitos aos cursos superiores (ZYLINSKA, 1973, p. 16).

Seu desejo, ao concluir os estudos em 1844, era voltar para Wojutyn, mas a intenção do senhor Zenon Brzozowski era outra. Com isso, Felinski sentiu uma imensa tristeza, pois não era isso o que queria. Embora desfeitos os seus planos, submeteu-se à vontade de seu protetor, que “propôs-lhe três empregos: gerente da propriedade, comissário de Odessa e educador de seus filhos” (ZYLINSKA, 1973, p. 17). Aceitou esta última opção. Como seus educandos ainda eram pequenos, foi acertado que iria passar um tempo em Paris a fim de dar continuidade a seus estudos. E, enquanto

esperava a obtenção do passaporte, trabalhou na secretaria de seu protetor. Em 1847 foi para Paris estudar na Universidade de Sorbonne e no College de France onde aperfeiçoou seus conhecimentos históricos e filosóficos:

Felinski dedicava muito tempo aos estudos particulares nos livros da Biblioteca Santa Genoveva. Trabalhava com dedicação. Escreveu à mãe: 'Não perco tempo e não tenho dificuldade em saber como usar o tempo'. A opinião a seu respeito no exterior era unânime: instruído e estudando com dedicação e com facilidade compreendia os assuntos; conforme expressão de Slowaski, 'pessoa de plena sabedoria'. Os sistemáticos estudos de Felinski permaneceram pouco tempo, apenas até julho de 1848 e ainda interrompidos pelo levante de Poznan, depois pode ser que aproveitasse esporadicamente, mas não tem comprovantes nas fontes (FRACEK, 2009b, p.104).

Em Paris, Felinski conhece o poeta Júlio Slowaski¹⁰ com o qual estabelece uma fecunda relação de amizade que, por sua vez, lhe servirá de inspiração em seus escritos espirituais:

O que uniu estas duas pessoas foram a afinidade de caráter, a grande honestidade, a predileção pela arte poética, o ardente amor para com a pátria e a profunda religiosidade, ainda que para Júlio esta última fosse baseada mais num fervor místico, um pouco acentuado, de que sobre o ensinamento oficial da Igreja (FUDALI, 2011, p. 25)

Entre eles criou-se um estreito vínculo embora houvesse uma grande diferença de idade entre eles. A cultura e a poesia foram elementos para o cultivo dessa amizade e o fato de Felinski estar residindo em Paris contribuiu muito para este relacionamento.

A amizade entre ambos era tão forte que Felinski sofreu dolorosamente a perda de seu amigo Júlio Slowaski. Tamanha saudade fazia com que passasse horas no cemitério, junto ao seu túmulo. Nada o podia consolar e expressou a seguinte frase: "Sinto-me melhor, agora, entre os mortos do que entre os vivos" (ZYLINSKA, 1973, p.

¹⁰ De acordo com Francisco Ziejka, Júlio Slowacki era um poeta e dramaturgo polonês que editava suas obras anonimamente. As obras e a vida desse poeta serviam de inspiração para Felinski escrever seus versos e poemas. É considerado o maior representante do romantismo e dos místicos poloneses. Gostava muito de viajar pelos países europeus, o que lhe inspirou na escrita de muitos poemas. (2009, p. 41-52)

Segundo Oliveira, era companheiro de Felinski nas lutas em defesa da independência da Polônia, e participaram juntos do Levante Polonês que fracassou em Poznan (território ocupado pela Rússia), em 1848. Morreu em 3 de abril de 1849. (2005, p. 35)

23). Foi neste momento de dor e sofrimento que amadureceu sua decisão de entrar para o seminário e seguir a vocação sacerdotal, pois percebeu que esse era o seu caminho.

Em 31 de outubro de 1851 Felinski ingressou no Seminário Maior Diocesano na cidade de Zytomierz (atual Ucrânia). Em 29 de dezembro 1852 foi para a Academia Eclesiástica de São Petersburgo, onde concluiu seus estudos teológicos. No dia 08 de setembro de 1855 Felinski é ordenado sacerdote e, logo foi trabalhar na paróquia de Santa Catarina em St. Petersburgo. Sensível às necessidades sociais dos pobres e o agravamento das condições de crianças, jovens e famílias abandonadas, o jovem sacerdote que sentiu na pele as questões da orfandade, inquieto pela situação social, em 27 de dezembro de 1857 em Petersburgo, fixa a data da fundação da Congregação Família de Maria. No entanto, também exercia outras funções como diretor espiritual dos seminaristas da Academia em Petersburgo onde foi professor de Filosofia. “Em 1860 tornou-se titular da cátedra de Filosofia na mesma Academia” (FUDALI, 2011, p. 35). De tal modo, visava oferecer uma boa formação para os futuros sacerdotes.

2.3.1 Arcebispo de Varsóvia

Em 09 de fevereiro de 1862 tem início sua missão como Arcebispo de Varsóvia. Durante esse período de seu governo pastoral (1862-1863), a Polônia vivia momentos de muitos conflitos, devido à complicada situação política de anexação do território polonês a outros países: Rússia, Prússia e Áustria. O levante de janeiro de 1863 que eclodiu na Polônia, a população polonesa sendo convocada pelo exército russo... É um momento de dor e angústia para Felinski, porque encontra-se numa situação onde a sociedade e a própria Igreja Católica viviam momentos cruciais¹¹.

Em Varsóvia, o Arcebispo Felinski foi recebido com indiferença por parte do clero como também por alguns fiéis, “apresentado como traidor da Pátria, e renegado, exatamente quando defendia poloneses contra as barbaridades russas, junto às

¹¹ Segundo Fracek, a crise pela qual passou a Igreja católica, no século XIX, na Europa, no território polonês, tinha outros motivos: complexa situação política, social e econômica; desmembramentos e repressões da parte dos países opressores, ordem das classes sociais, crise das bases econômicas de várias instituições eclesiais dentro do País. (2009b, p. 84)

autoridades governamentais” (ZYLINSKA, 1973, p. 35). Diante de tais acusações não esmoreceu e continuou sua missão de pastor. Atendeu fiéis, mandou reabrir Igrejas, apoiou a vida religiosa e trouxe várias congregações para ajudar no atendimento às crianças, jovens, assistência aos pobres, cuidado aos doentes e idosos, além de prestar auxílio à sociedade que sofria. Eis um pequeno relato de como Felinski agia diante da situação da Polônia:

Após o Levante Polonês de janeiro de 1863, Felinski permaneceu ao lado do povo polonês. Essa foi a mais longa insurreição polonesa contra o governo russo czarista: 1863-1865. Começou como um protesto dos jovens poloneses ao alistamento militar russo. Logo, o número de revoltosos cresceu. Contudo, o movimento não foi forte o suficiente para conseguir a vitória. No final, muitos revoltosos foram levados para o desterro na Sibéria e outros, com medo de ter o mesmo fim, desistiram (ZAMOYSKI, 2010 *apud* GRYBOSI e VIEIRA, 2019, p. 54-55).

É este o contexto, sem dúvida, no qual se insere o pastoreio de Felinski na Arquidiocese de Varsóvia, que durou apenas 16 meses. Aos 14 de junho de 1863 foi sentenciado pelo czar Alexandre II e conduzido como prisioneiro de estado para a Sibéria debaixo de escolta militar, como mostra a Figura 6.

Figura 6 – Escolta militar, Felinski indo para o exílio



Fonte: (FUDALI, 2011, p. 55).

De 1863 a 1883, longe da sede episcopal de Varsóvia, viveu condenado ao exílio em Jarosław no Volga, por não compactuar com a forma de governo czarista. KAMINSKI e KORKUC, assim descrevem os acontecimentos de janeiro de 1863:

Em 1863 eclodiu o Levantamento de Janeiro. Um caráter de guerra. Os levantinos agrediram as forças russas em mais de mil combates. Criou-se o estado clandestino com governo e complexa administração conspiratória. Do exterior eram enviadas armas. Vieram muitas divisões voluntárias de italianos, húngaros e franceses, que se integraram à luta. Também houve o engajamento de muitos religiosos nos combates: o padre Stanislaw Brzóska comandou a última unidade até dezembro de 1864. Entre os envolvidos com o levantamento há três posteriormente santos: o Arcebispo de Varsóvia Zygmunt Szczesny Felinski, condenado por divulgar carta em defesa dos compatriotas, a carmelita Rafal Kalinowski e Adam Chmielowski. Os líderes da luta, com Romuald Traugutt na vanguarda, foram condenados à morte pelos russos e executados nas encostas da Cidadela de Varsóvia (2016, p.51-52).

O período do exílio foi, portanto, “uma etapa de longos e sensíveis sofrimentos para o filho fiel da Igreja” (ZYLINSKA, 1973, p. 47). Uma etapa em que, junto com outros compatriotas, foram exilados e mortos os que buscavam um acordo entre ideias de igualdade social com a ideia de independência.

2.4 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA DE FELINSKI

Felinski amou sua família e apesar das circunstâncias não terem permitido uma convivência na normalidade, ele encontrou formas para conservar os ideais familiares não só no âmbito dos laços de sangue, mas na sua dimensão espiritual como experiência na vida concreta da Igreja por meio do carisma de uma Congregação. Os acontecimentos do ambiente familiar ficaram gravados em sua memória. A Figura 7, foto de sua família (pais, irmãos e parentes), retrata um pouco do ambiente no qual cresceu.

Figura 7 - Foto da Família Felinski



Fonte: FRACEK, 2010, p. 5

O casal Ewa e Geraldo tiveram onze filhos: cinco homens e seis mulheres, quatro faleceram ainda bebês, (dois meninos e duas meninas) e, também, a penúltima filha com 6 anos. O Quadro 1 abaixo, nomeia todos os irmãos de Felinski.

Quadro 1 – Filhos de Ewa e Geraldo Felinski

	Nome	Data de nascimento	Estado de vida	Falecimento - data e local
1	Estanislau	08/09/1812 em Włodzimierz	-	1813 – limite de Rússia e Áustria
2	Emília	Metade de 1813 em Wojutyn	-	Dezembro de 1813 - Wojutyn
3	Amilcar	Dezembro de 1815 em Wojutyn	-	Novembro de 1817 – Zboroszw
4	Geraldina	Dezembro de 1817 em Holynka	-	1819 – Wojutyn
5	Paulina	22/06/1819	Casou em 1840 com Adão Szemesz	19/04/1843 - Saratow
6	Aloísio Andre	11/1820 em Zytomierz	1º casamento em 1852 com Ewa Brynk e 2º com L. Meillard	Primavera de 1878 – Wojutyn

7	Zygmunt	01/11/1822 Wojutyn	em	Sacerdote Arcebispo Varsóvia	e de	17/09/1895 - Cracóvia
8	Zofia	25/01/1825		Casou em 1850 com Adão Poniatowski		15/05/1908 – Zosin
9	Juliano	21/07/1826 – Wojutyn		Ordenado sacerdote em 03/07/1862		16/05/1885 - Gorycja
10	Geraldina	1829 – Zboroszw		-		1835 – Wojutyn
11	Vitória	19/04/1831		Casou em 1848 com Vicente Wydzga		29/04/1868 – Varsóvia

Fonte: FRACEK, 2009a, p. 29-30

Dentre todos os irmãos de Felinski, Paulina merece aqui particular atenção. Ela cuidou dos irmãos quando a mãe foi exilada. Em 1840 casou-se com Adão Szemesy e faleceu em 1843, em Sararow.

Aloísio André (1820 – 1878), durante o período de exílio da mãe oscilou entre as casas dos parentes e conhecidos, com o retorno da mãe voltou a residir em Wojutyn. Casou-se por duas vezes, teve oito filhos, cinco do primeiro casamento e três do segundo.

Sofia (1825-1908) acompanhou sua irmã Paulina e uniu-se com sua mãe em Saratów. Após a libertação da mãe voltou para Wojutyn em 1844 e casou-se-se com Adão Poniatowski, teve três filhos: Casemiro, Szczesny e Leonora.

Juliano (1826 – 1885), terminou o ginásio em Zytomierz graças à ajuda do senhor Dario e sua esposa Dionisia Iwanowski e estudou na universidade de Kijów. Depois foi à Roma, onde fez os estudos teológicos com doutorado em Teologia Dogmática. Juliano, foi ordenado sacerdote em Varsóvia, no dia 03 de julho de 1863. Faleceu no dia 16 de maio de 1885 em Goricia, com 59 anos de vida.

Vitória (1831 – 1868), filha mais nova da família dos Felinski, nasceu durante a insurreição de novembro. “Recebeu o nome de Vitória, expressando a esperança do término da insurreição e a recuperação da independência da Pátria” (FRACEK, 2009a, p. 33). Durante a permanência da mãe no exílio, a senhora Miguelina de Dziakowski Stanzani cuidou dela. Em 1848 casou-se com Vicente Wydzga e residiu em

Zboroszów. Teve quatro filhos: Estanislau, Bohdan, Boleslau e Stefânia. No período de 1865 – 1868 cuidou do palácio episcopal de Varsóvia. Stefânia, a filha mais nova de Vitória, por alguns anos passou em Jaroslaw, às margens do Volga, para ajudar seu tio Zygmunt Felinski nos trabalhos domésticos. Deste modo, podemos ter uma visão geral sobre os filhos de Ewa e Geraldo Felinski.

Zygmunt Felinski herdou de sua mãe o amor pela literatura. Com a morte de Ewa em Wojutyn, aos 20 de dezembro de 1859, parentes e amigos puderam ter acesso às suas correspondências desejando que, pelo menos algumas delas, fossem publicadas. Muito afeiçoado ao gênero da prosa, estimava narrar os acontecimentos da sua própria família, como atesta abaixo seu biógrafo Ziejka:

[...] é necessário afirmar aqui que o escritor iniciara a sua carreira literária pela prosa. A sua primeira obra no campo memorialista e literário, foi o conto sobre a sua irmã Paulina que, [...], apesar de sua pouca idade, dedicara-se de maneira incomum ao grupinho de cinco irmãos órfãos. Conto este, sob o título: Paulina, Filha de Ewa Felinski, editado em 1885, é testemunho não somente do grande amor fraternal de Zygmunt S. Felinski, mas também, do domínio de seus fundamentos principais da produção e da criatividade literária, da qual daria provas, principalmente, na poesia (2009, p.45).

O conto relata que a família ficou desprovida de tudo. Descreve, ainda, as crianças órfãs, os sofrimentos, o ocorrido dentro do seio familiar, com ênfase especial na vida de Paulina que, com coragem e forças sobrenaturais, manteve a confiança na divina providência. Ela desenvolveu um papel importante na vida de seus irmãos e, quando sua mãe foi exilada, cuidou de seus irmãos menores praticamente exercendo o papel de mãe. Fracek descreve:

Paulina (1819-1843) excepcional figura na família de Ewa e Geraldo Felinski. Nasceu depois da morte de seus quatro filhos, amavam-na muito. Após a morte do pai (1833), desde 12 anos de vida partilhava junto com sua mãe a preocupação pela casa e educação dos irmãos mais novos. Desde a juventude caracterizavam-na: grande prudência, serenidade, responsabilidade nos deveres, esquecimento de si mesma. Após a prisão da sua Mãe (1838) e levada ao exílio da Sibéria (1839), Paulina, com 19 anos de vida, fraca fisicamente, mas forte no espírito, colocou-se à frente da família órfã, sem casa e meios de manutenção. Confiante no auxílio Divino, se esforçava para assegurar a devida formação, como também a liberação da mãe exilada (2009a, p. 30).

Paulina marcou a vida de seu irmão pela sua vivacidade, caráter, coração aberto, principalmente para com os seus irmãos, fé profunda, convicções firmes, mansidão, sensibilidade e companheirismo para com sua mãe:

Até hoje me emocionam as lembranças daqueles passeios com a Paulina e Sofia pelas margens do rio Nepava, revestidas com variedades de vegetação onde muitas vezes atolávamos na água para colher várias flores e lírios aquáticos. Andando nas colinas, de longe já sentíamos os cheirosos perfumes das vegetações e até juntávamos cogumelos no meio do capim, em corrida para ver quem juntava mais (FRACEK, 2009a, p. 45).

Além disso verifica-se que Paulina, herda de sua mãe a preocupação com a família e também com as outras pessoas. Ewa Felinski ensinou a cultivar as amizades com grande amor, trato cordial com todos, porém, as confidências eram reservadas para algumas pessoas mais próximas. No conto *Paulina* encontramos:

[...], a escolha de amizade não era feita por interesses sociais e tanto menos por interesses financeiros, mas unicamente por ideais mútuos e simpáticos, fundamentada nos valores de caráter. Esta apreciação, baseada nos valores interiores, [...], e não era permitido a todos compartilhar igualmente de suas confidências, ainda mais que, mesmo nas amizades mais fortes, não dava privilégios a ninguém, nem levava em consideração os sinais externos de gentileza. Esta aceitação uniforme atingia também a mesa, pois tanto para os ricos como para os pobres era a mesma; [...] ‘se o rico sair de nossa casa com fome, chegando em sua casa, sempre encontra o que comer’; porém, se eles chegam até nós, é sinal de que estão procurando o alimento espiritual, e principalmente este, precisamos oferecer-lhes (FELINSKI, 1885, p. 9).

Acima de tudo era perspicaz no atendimento às pessoas, cuidadosa com o outro, mesmo desprovidos de alimentos, sempre tinha uma palavra de conforto para quem chegava até ela, na convivência com estes, mostra carinho e atenção. A educação com os filhos era pautada num bom relacionamento e, com Paulina, confidenciava os problemas: “Mamãe também começou a tratar Paulina como amiga e não como criança, fazendo-a confidente de todas as suas preocupações” (FELINSKI, 1885, p.15). O conto *Paulina* descreve como foi sua infância, seu modo de viver no seio familiar, seus primeiros passos, desde os mínimos detalhes até as conversas com a mãe.

Ainda na infância de Paulina, em Zboroszów, a monotonia foi interrompida por uma grande tragédia: um incêndio destruiu a casa, deixando a família desprovida, mesmo do necessário para sobreviver. Após o ocorrido, narrou-se:

Como residência provisória os pais escolheram a chamada 'alambique', [...] onde tinha dois quartos, [...]. Pranchões cortados do depósito desmanchado, apoiados em cepos rústicos, substituíam-nos muito bem a cama, alguns banquinhos arrecadados às pressas na vila, completavam nossa mobília improvisada, xícaras e bacias de barro substituíam as de mesa e cozinha, o jogo de copos e jarras foi substituído, não sem prejuízo, para o paladar sensível por canecas de alumínio emprestadas dos botequins para este fim. Porém, não durou muito tempo esta vida de acampamento e partimos com o primeiro trenó à Wojutyn. Com tristeza deixamos o agradável ermo de Zboroszów, onde nos havíamos afeiçoado a tantas recordações admiráveis (FELINSKI, 1885, p. 19).

No entanto, com muita coragem, fé e entusiasmo a família foi, aos poucos, se reconstruindo em uma nova estadia em Wojutyn. Os pais preocuparam-se com a educação dos filhos e, para os meninos, Geraldo Felinski, contratou um professor. Os estudos deram-se em tempos difíceis para Paulina, pois não podia dedicar-se o suficiente a eles e, com isso, sofreu em sua formação intelectual, mas soube aproveitar outros momentos para recuperar essa defasagem.

Naquela época, Geraldo Felinski morava em Zytomierz e ficava distante da família devido à sua profissão como deputado e nas férias ia para Wojutyn. Por conta disso, a educação dos filhos estava sob a responsabilidade de Ewa. A avó, Sofia Wendorff residia com eles e ajudava na educação dos netos.

Sendo assim, Ewa Felinski e seus filhos, por motivo de ações armadas, foram obrigados a abandonar Wojutyn e partir para Zboroszów por entre as matas, passando fome e miséria material. Com frequência mudavam-se entre as duas residências que possuíam. No excerto abaixo lemos as dificuldades que a família toda enfrentou nessa época diante do exército austríaco:

Na passagem pela fronteira a família inteira foi presa pelo exército austríaco e internada em Mikolajowie, e depois em Strzemilcz. Com ajuda dos presos veio a avó Wendorff, a qual deixou Zboroszów para cuidar do patrimônio antes da requisição pelos russos, mas sentindo a situação de Eva e suas crianças, enviou o servo Niczypor com mantimentos para ajudá-la. Este se vestiu de mendigo, passou pelo cordão da fronteira, procurou os detidos e lhes ofereceu os dons que trouxe. As crianças famintas ficaram muito alegres com a visita de Niczypor, o que Zygmunt Szczeny após alguns anos escreveu com as palavras: 'Olhando na manifestação fracassada da alegria de nossa

infância, o coração da mãe não menos alegre do nosso, ficou emocionado em relação a Deus por essa paternal Providência Divina. Agradecendo junto conosco ao bondoso Niczypor porque expondo-se ao perigo, gentilmente se apressou para nos ajudar' (FRACEK, 2009a, p. 28).

Dessa forma, a família supriu suas necessidades básicas, a gratidão foi imensa pela generosidade de seu Niczypor, mesmo expondo sua vida ao perigo do exército austríaco não deixou de prestar sua prodigalidade. Portanto, essa imagem ficou gravada na vida da família Felinski.

2.5 MOMENTOS DE DECISÕES NA VIDA DE FELINSKI

Os pais de Felinski eram pessoas cultas, comprometidas com questões sociais e políticas. De tradição cristã católica, formaram seus filhos à luz destes valores. Foi nesse clima que seu filho Zygmunt recebeu a educação que o preparou para enfrentar, no futuro, inúmeros desafios:

Em todo o contexto de sua vida sofrida, sempre foi fiel à sua fé e pôde também sentir muito presente o amparo da Providência Divina. No momento universitário, permeado de contravalores e dos mais variados ideais filosóficos de vida, mesquinhos e vazios, Deus lhe proporciona um grande amigo – o famoso poeta polonês Júlio Slowacki, pessoa culta impregnada de sentimentos nobres e ideais cristãos e patrióticos. Diante de sua querida mãe e dos irmãos, essa amizade tão bonita foi como lenitivo que o fez mais seguro porque tinha com quem partilhar sua vida e seus sentimentos (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA, 2005, p. 35).

Dessa maneira, a morte de Júlio Slowacki, constituiu um fato decisivo na vida de Felinski: essa impulsionou sua vocação¹². A tristeza e o desamparo vivenciados, diante do túmulo do amigo e em meio a lágrimas faz emergir nele valores existenciais. A partir dessa experiência, decide escolher um amigo que vive por todo o sempre: Jesus Cristo. Assim sendo, segue a sua vocação sacerdotal, todavia, depara-se com a decisão de ser sacerdote diocesano ou de ordem religiosa. Aconselhado pelo

¹² “O termo vocação indica este dado gratuito, como um depósito de vida que não cessa de renovar a humanidade e a Igreja no mais profundo do seu ser.” (FRANCISCO PAPA, Audiência Geral Praça de São Pedro 2014, p. 24)

Monsenhor Vitor Ozarowski, escolhe ser diocesano, entretanto, junto com a sua escolha sua vida será marcada pelo sofrimento.

Toda a vida humana comporta sofrimento. Comporta também a vida no espírito e quanto mais intensa esta for, mais comporta. A existência do místico distingue-se pelo gozo vivíssimo, fundamental, e pelo sofrer igualmente vivo. É surpreendente a presença dos sofrimentos nas vidas dos fundadores e fundadoras (LOZANO, 1994, p. 496).

Desse modo, Felinski escolheu uma vida que se identifica com o destino da Igreja e da nação e o sofrimento de Cristo tornou-se o seu sofrimento. Insultos, tribunais humanos, falsas acusações não apenas afetaram a sua pessoa, mas, principalmente, sua dignidade humana e pastoral.

No século XIX, a Polônia era dominada, tanto politicamente como religiosamente, por potências europeias. Essa situação impulsiona Felinski a não simplesmente amar a pátria como sua terra, mas assumir um compromisso com as pessoas que trabalham e lutam por um país melhor. É, portanto, um símbolo perfeito de unidade e irmandade das nações à luz do Evangelho.

Seguindo as orientações da Santa Sé, ao assumir a Arquidiocese de Varsóvia ordenou a abertura de todas as Igrejas que estavam fechadas e propôs liberdade religiosa para todo o povo. Organizou retiros para o clero, missões nas igrejas, nos hospitais e na prisão. A renovação espiritual estendeu-se a toda a arquidiocese.

Alertou sobre a ação imprudente e o derramamento de sangue, pois havia uma revolta latente do povo contra o governo vigente. Sua deportação ao exílio foi causada por uma carta escrita ao Czar Alexandre II no dia 15 de março de 1863, pedindo a independência da Polônia. Conseqüentemente, no dia 14 de junho de 1863, deixou a capital como prisioneiro de Estado e foi levado ao desterro no interior da Rússia, onde permaneceu 20 anos, de 1863 a 1883. Eis o teor da carta:

Ilustríssimo Senhor.

Era sempre missão e privilégio da Igreja falar aos governantes deste mundo nos momentos de grandes desgraças e calamidades públicas. Em nome deste privilégio e de meu dever como primeiro Pastor Polonês, atrevo-me a dirigir-me à Vossa Real Majestade, para lhe apresentar as urgentes necessidades de meu rebanho.

O sangue corre largos córregos e as repressões em vez de acalmar os ânimos, cada vez mais os provocam. Suplico a Vossa Real Majestade, em nome da misericórdia cristã e em nome dos interesses das duas nações, para que ponha fim a esta luta que conduz à aniquilação. As instituições feitas por Vossa Majestade são insuficientes para garantir a felicidade do país. A Polônia não se contentará com autonomia administrativa, ela precisa de vida política.

Ilustríssimo Senhor, tome sob a sua mão poderosa a questão polonesa. Faça da Polônia uma nação independente, unida à Rússia somente com o laço de vossa nobre dinastia. É a única solução capaz de conter o derramamento de sangue e construir uma base de duradouro acalmamento.

O tempo urge. Cada dia de atraso afunda o abismo, que separa o trono da nação. Não espere, Ilustríssimo Senhor, o último resultado da luta. Há mais verdadeira grandeza de espírito na demonstração de clemência que recusa diante da carnificina, do que na vitória sanguinolenta alcançada pela desabilitação do Reino. Uma grande palavra digna da generosidade do grande Monarca basta para o nosso salvamento. Esperamo-la dos lábios de Vossa Majestade.

Ouso confiar que o Monarca que, apesar de tantos empecilhos, livrou da servidão vinte milhões de seus súditos e tornou-os cidadãos livres, não recusará também diante de uma tarefa igualmente gloriosa, a de assegurar a felicidade de uma nação tão dolorosamente provada.

Ilustríssimo Senhor, a Providência nos confiou estas nações. Ela Vos amparará, Ela Vos preparará uma coroa de eterna glória, se estancardes para sempre os córregos de sangue e lágrimas que correm na Polônia. Perdoai, Ilustríssimo Senhor, a ousadia de minhas palavras, mas o momento é muito sublime. Perdoai ao Pastor que, sendo testemunha das horríveis desgraças, ousa interceder por seu rebanho.

Depositando aos pés do trono a minha humilde, mas ardente súplica, tenho a honra de me reconhecer como fiel e obediente de Vossa Majestade (ZYLINSKA, 1973, p. 71).

Como resultado da carta, seu destino foi o exílio. Assim o Arcebispo Felinski pronuncia as últimas palavras, antes de sua partida, para o clero e para o povo em prantos: “Até a vista, filhos meus, até logo, se não for aqui na terra, então no céu” (FUDALI, 2011, p. 55). Com a ordem autoritária do Czar, incompreendido em sua solicitação, o Arcebispo de Varsóvia será deportado e permanecerá por 20 anos no exílio. Mesmo distante da Pátria e de sua Igreja, não deixou de amar e pedir intercessão pela sua arquidiocese, pelo povo e pela Congregação por ele fundada. Na Figura 8, o destaque é pela sua caligrafia, um manuscrito de 1874 no exílio.

Figura 8 – Foto Zygmunt Szczeny Felinski, no exílio



Fonte: ARQUIVO DA CONGREGAÇÃO – PROVINCIA MENINO JESUS, CURITIBA – PR

De tal modo, com o mandato do Czar, Felinski segue o caminho para o exílio, e finalmente, sela o memorial no qual, sob a exigência de Alexandre II, o Arcebispo, pedindo a demissão do conselho de Estado, rompe com as relações do governo de Varsóvia:

O amor à Pátria é sentimento inato e não se pode culpar ninguém por isso; não é culpa também dos poloneses, que possuem um magnífico e rico histórico, suspirar pela independência perdida e pretender recuperá-la. Durante vinte anos o arcebispo passou sob o céu frio no norte da Rússia em Jaroslau, às margens do Volga. Rezava pelo bem-estar da Igreja na pátria e sofria pela orfandade da arquidiocese. [...]. Seu destino pessoal depositou nas mãos do Santo Padre, e ao mesmo tempo recusava toda pressão governamental induzindo-o para que desistisse da capital arquiépiscopal (GAWRON, [entre 2000-2016] p. 30).

Neste período, ainda reinava na Polônia um ódio persecutório do governo czarista contra a Igreja. O papa Pio IX escreve a encíclica *Urbi Urbaniano*, 1864, aos veneráveis bispos da Rússia e da Polônia:

Além disso, nesta ferocíssima guerra conduzida pelo governo Russo contra a Igreja Católica e seus sagrados direitos, contra os seus ministros e seus interesses, somos constringidos a deplorar um outro ato temerário, até agora nunca registrados nos anais da Igreja: o governo não só mandou para o exílio, em distantes regiões, o venerável irmão Zygmunt, insigne e louvado Arcebispo de Varsóvia, tirando-lhe o seu rebanho, mas também não hesitou privar o venerável irmão da autoridade e da jurisdição episcopal da Diocese de Varsóvia e a impedir que alguém daquela diocese pudesse comunicar-se com ele e nem teve escrúpulo de substituí-lo, como administrador da Diocese, com o dileto filho Paulo Rzewuski, seu vigário geral, já eleito Bispo por nós de Prusa no país dos infiéis, e designado como sufragâneo do Bispo de Varsóvia (p. 2).

No período de 1863 a 1883 a Arquidiocese de Varsóvia passou por muito sofrimento. O Papa Pio IX não se cala diante de uma emergência para a Igreja, expõe a situação para que o povo possa tomar conhecimento sobre o ocorrido com o seu pastor. Segundo Lucyna Rapala, os acontecimentos em torno de Felinski levaram-no a viver o martírio do exílio. Mas, apesar de longa duração, possibilitou ao Arcebispo demonstrar sua sabedoria e confiança na providência de Deus:

O arcebispo leu o exílio que durou 20 anos (1863 – 1883) como um sinal dos tempos, e com o passar dos anos, ele sabia que a mão do Senhor o levava a este ‘deserto’ para ajudá-lo a aprender as coisas certas e mostrar os assuntos internos de Deus, e salvar muitas gerações de pessoas, tornando-se pai de deportados de ambos os clérigos, bem como leigos de várias nações, culturas, denominações e crenças religiosas. Ele valorizou a verdade e passou pelo ‘martírio’ do exílio sem medo. Ele assistiu com uma distância de toda iniquidade e a repressão dele. Ele os tratou como resultado da fraqueza humana (RAPALA, 2010, p. 16, tradução nossa).

No exílio irá dedicar-se ao apostolado e uma atividade intensa na assistência espiritual dos exilados poloneses e, em particular, aos sacerdotes, aos doentes e aos mais necessitados. Organizou uma capela na sua própria residência, para que os fiéis pudessem participar da Santa Missa. Era um bispo que, mesmo distante da sua pátria e dos próprios diocesanos, confiava na providência de Deus, esperando pela libertação e exercendo a principal função do pastor, zelar pelo seu povo.

Portanto, nesse longo período de sua permanência em Jaroslaw, não esqueceu a Congregação que fundara, a “Família de Maria”, as suas filhas espirituais, comunicando-se com elas por meio de cartas desde 1873. No início de sua primeira carta escreve: “Transcorreram dez anos, quando as deixei sem nenhuma garantia

para o futuro, sem alguma proteção humana, somente sob a Providência Divina”. (FELINSKI, 2000a, p. 1)

Distante da Congregação inicia uma série de cartas ascéticas para as Irmãs da Congregação que fundara, com o intuito de transmitir uma visão da presença de Deus na história do mundo, apesar de todo sofrimento e cruz. Felinski olha para a situação vivida e decide romper o silêncio do exílio com a escrita das cartas, manifestando a preocupação com a vida da obra por ele iniciada:

Há muito tempo não lhes escrevia, somente recomendava a Deus as suas necessidades e quase perdendo a esperança de que um dia pudesse lhes falar, resolvi romper este longo silêncio e, ao menos por carta, satisfazer a minha preocupação por vocês e ajudar-lhes o quanto puder no cumprimento dos seus deveres (FELINSKI, 2000a, p. 1).

Por meio de seus trabalhos literários, desejava servir à Igreja e dar assistência espiritual às suas filhas espirituais, às Irmãs da Sagrada Família. Em 1881, sobe ao trono o Czar Alexandro III e reaviva a esperança da libertação de Felinski. A negociação entre o governo Russo e o Vaticano começa a melhorar e em maio de 1882, chegam a um acordo. Exatamente após um ano, em maio de 1883, o Czar assina o documento que concede a Zygmunt Szczeny Felinski sua libertação.

Sobre sua ação e destaque na história, o Congressista americano Bob Schaffer, destaca: “Congresso Ucrâniano Caucus, chamou a atenção da Câmara para a vida do Arcebispo Felinski — um homem cujo exemplo de coragem, perseverança e fé oferece um incentivo heroico a todos nós que desejamos liberdade e liberdade” (SCHAFFER, 2002, p. 1). E continua, com uma síntese do que ele fez depois do fim do exílio:

Em 1883, após negociações entre a Santa Sé e a Rússia, o Arcebispo Felinski foi libertado e em 15 de março de 1883, o Papa Leão XIII o transferiu da Sé de Varsóvia para a Sé titular de Tarso. Nos últimos 12 anos de sua vida, ele viveu em semiexílio, no sudeste da Galícia, em Dzwiniaczka, entre os agricultores de origem polonesa e ucraniana. Como capelão da capela pública do solar dos condes Keszycy e Koziebrodzki, iniciou uma intensa atividade pastoral. Do próprio bolso, ele montou na aldeia a primeira escola e um jardim de infância. Ele construiu uma igreja e um convento para as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria (SCHAFFER, 2002, p. 3).

Ainda em suas cartas ascéticas, encontramos o zelo e admiração pelas pessoas. Deste modo escreve, na carta de número treze, sobre as qualidades, virtudes e graças que podem ser reconhecidas nas pessoas.

Existem pessoas tão dotadas de qualidades naturais e graças, que as conhecendo, parece impossível não amá-las. Se acontece assim com as pessoas que são apenas uma fraca imagem de Deus, pode-se concluir, que tendo o conhecimento de Deus que é perfeitíssimo e pura bondade, não se acenda no coração o amor a este DEUS? Podemos dizer que para o coração puro e conhecedor, isto é impossível; é por este motivo que todos os santos aconselhavam o conhecimento de Deus, como meio mais eficiente para amá-lo acima de tudo (FELINSKI, 2000a, p. 13).

No entanto, a história de Felinski são memórias escondidas e inseridas nas preocupações que viveu com a Igreja e com a sua Pátria. Ao longo de sua história, ajudou pessoas, tanto material, como espiritual e intelectualmente. Foi sensível às preocupações do povo e mostrou ser possível buscar. Aquele que morreu na cruz mesmo diante de todas as adversidades sofridas.

Conforme Zylinska (1973, p. 12), os sentimentos de amor e piedade pelas pessoas que lutam afloraram muito cedo na alma de Felinski. Esses sentimentos, para com aqueles que sofrem pela falta da liberdade da Pátria, transformaram-se, gradativamente, em auxílio para compartilhar de sua sorte.

Bento XVI, em sua homilia por ocasião da canonização de Felinski, sintetizou sua vida nessas poucas linhas:

Zygmunt Szczesny Felinski, Arcebispo de Varsóvia, fundador da Congregação das Franciscanas da Família de Maria, foi uma grande testemunha da fé e da caridade pastoral em tempos muito difíceis para a nação e para a Igreja na Polônia. Preocupou-se com zelo pelo crescimento espiritual dos fiéis, ajudava os pobres e os órfãos. Ocupou-se, na Academia Eclesiástica de São Petersburgo, de uma sólida formação dos sacerdotes. Como Arcebispo de Varsóvia inflamou todos para uma renovação interior. Antes da insurreição de Janeiro de 1863 contra a anexação russa admoestou o povo acerca do inútil derramamento de sangue. Mas quando explodiu a revolta e se verificaram as repressões, defendeu corajosamente os oprimidos. Por ordem do czar russo transcorreu vinte anos no exílio em Jaroslaw, no Volga, sem nunca mais poder regressar à sua diocese. Em todas as situações conservou inabalável a confiança na Divina Providência, e assim rezava: "Oh, Deus, protegei-nos não das tribulações nem das perseguições deste mundo..., mas multiplicai o amor nos nossos corações e fazei que com a mais profunda humildade mantenhamos a infinita confiança na Vossa ajuda e misericórdia...". Hoje o seu doar-se a Deus e aos homens, cheio de confiança e de amor, torna-se um exemplo resplandecente para toda a Igreja (BENTO XVI, 2009, p. 1).

Sua fé foi extremamente pautada na ação que realizou ao longo de sua vida. Desde criança aprendeu as verdades da fé e viveu profundamente isso em sua casa paterna. “A Sagrada Escritura, a vida dos Santos e as práticas religiosas, eram o pão espiritual de todos os dias, na família dos Felinski” (ZYLINSKA, 1973, p. 80). Sendo assim, Felinski era fortalecido com os momentos de oração e silêncio.

Além do alimento espiritual, Felinski recorria às pessoas amigas para poder desabafar e assim ouvi-los também. É o caso do casal Eufêmia e Carlos Rogawski, que o conheceu na França quando era estudante no College de Sorbone. O casal Rogawski não tinham filhos e não transferiram seus bens aos familiares mais próximos, no entanto era visível sua generosidade para com as instituições eclesiais, “como para com a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria” (GOGOLA, 2009 p. 70). Por esse motivo, Felinski escreveu muitas cartas para o casal Rogawski, principalmente após sua volta do exílio.

Preservaram-se 36 cartas, entre os anos de 1883 e 1895. A última é datada de 16 de agosto de 1895. Esta carta fora escrita em Dzwiniaczka; nela anotara exatamente assim: ‘como a minha saúde não vai muito bem, mas para isto não tem solução pois ainda não encontraram uma maneira de rejuvenescer os velhos’ (GOGOLA, 2009, p. 67).

Felinski tinha o desejo, em seu coração, de visitar o casal amigo Rogawski, mas as ocupações não permitiram. Ao retornar do exílio em 1883, estabeleceu-se em Dzwiniaczka (região da Galícia, atual Ucrânia) e dedicou os últimos dias de sua vida à pastoral, literatura e consolidação do espírito da Congregação das Irmãs da Sagrada Família. Definiu o seu papel assim:

O meu dever em relação à Família de Maria, se apresenta na minha consciência não como secundário, mas primordial, por causa do papel que me cabe, por vontade de Deus, no surgimento desta Congregação. ‘Após os 20 anos em que as Irmãs foram privadas de uma constante direção espiritual, hoje novamente aconchegam-se sob as minhas asas e por isso estabeleceram-se em Czerniowce, para aproveitar dos últimos anos de minha vida, buscando compreender o espírito da sua regra. Julgo que devo dar de mim, para corresponder à sua confiança’ (FRACEK, 1997, p. 2-3).

A partir disso, Felinski, define suas últimas orientações para sua obra predileta: a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Nesse momento é Superiora Geral a Madre Sofia Koncza, à qual confiou a direção da Congregação. Em 17 de setembro de 1895, em silêncio, Felinski faz sua Páscoa definitiva. Estavam presentes o Arcebispo Puzyn, e a Superiora Geral que recebeu dele a última bênção para a Congregação.

Assim, concluímos este primeiro capítulo, fazendo memória à vida de Felinski, que em sua trajetória, valorizou de tal forma a família, que foi-lhe dado por Deus o dom de fundar uma Congregação religiosa com o nome “Sagrada Família”. Na Arquidiocese de Varsóvia, no exílio e no pós-exílio, viveu profundamente os ensinamentos recebidos em família. Na terceira seção, abordaremos sua espiritualidade mariana e franciscana.

3 AS FONTES DA ESPIRITUALIDADE DE ZYGMUNT FELINSKI: MARIANA E FRANCISCANA

Nesta terceira seção, aprofundaremos as fontes da espiritualidade mariana e franciscana de Zygmunt Felinski. Desde criança, aprendeu a devoção mariana no seio familiar. Sua mãe o orientou a seguir essa devoção: sua vida foi enraizada e cultivada no amor à Maria Santíssima. Ziejka, afirma que “Felinski, durante toda a sua vida, alimentou uma singular devoção à Santíssima Virgem Maria” (2009, p. 57). Enquanto a espiritualidade franciscana foi adquirida mais tarde ao conhecer a vida de São Francisco de Assis e consagrando-se como terciário da Ordem.

3.1 FELINSKI E A DEVOÇÃO À MARIA

Antes de mais nada, vale fazermos uma contextualização das devoções Marianas ocorridas no século XIX que permearam a religiosidade, influenciando a muitos e, conseqüentemente, Felinski e sua família. Esse período foi marcado pelo desenvolvimento do culto a Maria, no qual a Igreja estimulou fortemente sua devoção, e que desembocou no Dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854 pela bula *Ineffabilis Deus*. Um tempo onde o culto mariano ganhou destaque extraordinário por meio das grandes aparições de Nossa Senhora. Por exemplo: Bac em 1830, Salette em 1846, Lourdes em 1858, Pontmain em 1871. Essas aparições tiveram seu reconhecimento oficial pela Santa Sé. Cerimônias de coroamento, construção de novos lugares santos, reformas de santuários antigos e grande deslocamento de peregrinos para estes espaços aconteceram ao longo do período. Nas paróquias encorajavam-se as devoções Marianas com a recitação do Rosário.

Em meio a diversas aparições ocorridas no século XIX, as mais conhecidas são aquelas em que Nossa Senhora aparece para crianças. Além dessas, gostaríamos de destacar aqui duas aparições de menor difusão, mas que privilegiam personagens que se tornaram centrais dentro de suas congregações: Catherine Labouré (1830), irmã de caridade, teve uma série de visões de Nossa Senhora, que a orientou a cunhar uma medalha contendo determinados símbolos e dizeres; Alphonse Ratisbonne (1842), co-fundador da Congregação dos Padres de Nossa

Senhora de Sion, judeu, teve seu momento diante de Nossa Senhora em sua conversão ao catolicismo. A virgem vista por ele era a mesma da medalha milagrosa de Catherine Labouré.

Por conseguinte, “a devoção mariana sempre foi uma devoção popular, que servia como caminho seguro para nos dirigir a Deus. Não havia nessa devoção muita preocupação com explicações teológicas. [...]. Era uma devoção afetuosa e carinhosa”. (KEARNS, 2017, p. 8)

Cabe ressaltar, ainda, que o desenvolvimento do culto a Maria teve um papel significativo, na construção de uma nova imagem da mulher e de seu papel na família, na Igreja e na sociedade. Em consequência dessa devoção, surgiram muitas congregações religiosas que receberam o nome relacionado a Maria, tais como: “Pequenos irmãos de Maria” e “Irmãs de Nossa Senhora” dentre tantas outras. Surge então, “uma experiência mística de fundo mariano, que leva a pensar com Maria, julgar como Maria, sentir e agir como Maria” (GOFFI, 1995, p. 478). Assim, a vida consagrada torna-se grande, rica, o que possibilita ajudar a Igreja por meio de novas perspectivas teológicas de espiritualidade mariana.

Lourenço Kearns afirma: “Eis a chave para entender a devoção mariana: Maria conduz-nos a Cristo, que é a única fonte de graça e de salvação. Maria não salva, mas orienta-nos para o Salvador”. (2017, p. 9)

É neste período, no ano em que Pio IX declara o dogma da Imaculada Conceição (1854), que Felinski se preparava para sua ordenação sacerdotal em São Petersburgo. Ele recebeu o sacramento da Ordem, no dia 8 de setembro de 1855, festa da natividade de Nossa Senhora.

Felinski, insere-se em um contexto de restauração da Igreja no qual nascem muitas congregações religiosas, de grandes obras e expansão missionária.

Daneil-Rops (2003) apresenta uma espiritualidade mariana vinculada a consagração. Como exemplo, podemos citar que no dia 8 de dezembro de 1856, em Lyon, aos pés de Nossa Senhora de Fourviere, mons. Marion-Brésillac fez voto, juntamente com seis companheiros, consagrando-se à África, para fazê-la batizar-se. Nesse período, já mencionadas acima, temos a aparição da Virgem Maria a Catarina Labouré e as aparições em Lourdes (França), em 1858, à jovem Bernardete Soubirous, de 14 anos. Deste modo, “junto com as aparições, a nova etapa da

devoção mariana caracteriza-se pela participação ativa da hierarquia na promoção da devoção mariana popular”. (VELASCO, 1995, p. 399)

Ainda Velasco: “a devoção mariana aparece, desse modo, como um elemento que ajuda a revitalizar a dimensão eclesial e mostra-se parte importante de um caminho que convida os cristãos ao compromisso teórico e prático no seio do cristianismo” (1995, p. 404).

Por sua vez, a história da própria mariologia mostra uma série de epítetos e títulos à Nossa Senhora que são ilustrativos de situações de invocações que contemporaneamente trazem uma imagem de uma Maria doce e, ao mesmo tempo, vigorosa na defesa das questões da própria nação. Por exemplo, no caso da Polônia foi a partir da declaração do rei Casimiro em 1656 que Nossa Senhora de Czestochowa foi aclamada como Rainha desse país.

Clodovis Boff afirma que “a escolha de Maria como patrona nacional segundo uma invocação determinada pressupõe a ideia de nação católica” (2006, p. 305) em um processo no qual se relacionam o povo fiel, a Igreja enquanto instituição e o próprio Estado.

Deste modo, a história da vida de Felinski está inserida no contexto mariano do século XIX. Seus relatos biográficos descrevem que desde menino, ao ir para a Igreja, colhia flores pelo caminho e as levava para depositar no altar de Nossa Senhora. Esse ato também era uma devoção familiar, conforme relata Fracek:

As memórias trazem notícias sobre o culto a Maria Santíssima na família dos Felinski. Com esta devoção distinguia-se a mãe Ewa, que em todas as dificuldades procurava auxílio na Mãe de Deus. A avó Rosália Felinski cantava diariamente o Ofício da Imaculada Conceição e para a avó Sofia Wendorff o terço era a oração predileta (2009a, p. 55).

A devoção mariana em sua vida vem desde a Igreja doméstica. Alguns fatos mostram o espírito mariano profundamente presente em sua infância. Comprova-se isso alguns acontecimentos no interior de sua casa:

Também comprova o fato de que os pais escolherem o dia da Assunção de Maria Santíssima para a Primeira Comunhão de Pauline em Beresteczko e ela mesma, para receber o sacramento do Crisma em Luck, escolheu o nome de

Maria, 'para unir-se a Maria Santíssima, a quem cultivava sempre a maior devoção' (FRACEK, 2009a, p. 55).

Fracek, ao discorrer sobre a devoção mariana na vida de Felinski, percebeu sua forte confiança na Mãe de Deus e que, por meio de sua fé, procurava seu auxílio nas lutas da juventude. Educado em profunda religiosidade, o comportamento moral de jovens marcados por ambiente de má influência não condizia com o que aprendera no seio familiar. Assim, o jovem Felinski quis conservar sua índole e fez, na Igreja de Kewan, o voto¹³ condicional de castidade, diante do quadro da Anunciação de Maria Santíssima (2009a, p. 55).

A devoção a Maria era tão presente na vida de Felinski, que este escolheu o dia da solenidade do nascimento da Santíssima Virgem para a sua ordenação sacerdotal, 8 de setembro de 1855. Essa referência também se apresenta no nome dado à Congregação "Família de Maria"¹⁴ que fundou. Na carta ascética de n. 41 diz:

Confio, amáveis Filhas, que seu amor a Jesus as preservará desta infelicidade, e imitando a Esposa do Espírito Santo em toda beleza interior, atrairá muitas virgens e as conduzirá com honras ao Divino Esposo. O que ainda lhes direi nesta manifestação, na qual gostaria de atravessar tudo o que a graça de Deus depositou na minha alma para vocês. Recomendo-lhes o amor à Maria e seu santo esposo. Vocês são Família de Maria, portanto, suas filhas e filhas de São José (FELINSKI, 2000a, p. 179).

Felinski, além de viver a devoção mariana, deixou esse legado para suas filhas espirituais, as Irmãs da Sagrada Família. Tal devoção tem, por sua vez, traços teológicos significativos como aquele referente à dimensão esponsal e de aliança própria da vida consagrada. Em seus escritos, atesta-se que: "Depois da Sagração episcopal para Arcebispo de Varsóvia, dirigiu-se ao Santuário de Nossa Senhora de

¹³ Ao analisar os dados históricos, se nota que não há um esclarecimento sobre esse voto. Portanto, "condicional" pode significar "temporário". Os dados pesquisados dão a entender que se trata de uma decisão pessoal, sem validade jurídica e sem a presença de um sacerdote.

¹⁴ Chamou-a de Família de Maria, para sublimar o caráter familiar e em homenagem especial a Mãe de Deus da qual se intensificou sua devoção neste tempo em consideração às aparições em Lourdes e à introdução nas Igrejas da devoção de maio (HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO, 1983, p. 3). Felinski desejava que as irmãs contemplassem Maria Imaculada e se tornassem uma nova família para as crianças órfãs e pessoas pobres, poloneses privados da sua própria Família, do calor e do aconchego de um lar (FRACEK, 2009, p. 88). Em 1903 a Família de Maria foi agregada à Ordem Terceira de São Francisco e assim passou a chamar-se Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. (FRACEK, 2009, p. 118)

Czestochowska¹⁵, ali recomendou a si, a diocese e todo o povo à proteção de Maria” (ZYLINSKA, 1973, p. 34).

Zylinska (1973) afirma que, quando Felinski chegou na Arquidiocese de Varsóvia, ninguém o esperava, numa atitude de entrega à Maria, ajoelhou-se diante do quadro de Nossa Senhora e consagrou seu ministério episcopal à Virgem. E sob sua proteção e com o seu lema episcopal desafiador das ordens dos poderes públicos, iniciou seu trabalho mandando reabrir todas as Igrejas para oferecer ao povo condições e liberdade para expressar publicamente a sua fé.

Confiando na proteção de Maria Santíssima em suas cartas, iniciava sempre com as iniciais JMJ – Jesus, Maria e José. Durante o seu breve pastoreio na Arquidiocese, escreveu uma circular ao clero e aos fiéis, sobre a devoção a Maria:

Maria é nossa auxiliadora, nossa Consoladora, nosso Refúgio, Maria é nossa estrela na travessia do mar cheio de vagalhões, como é esta vida temporal. Ó honrai a Maria, enfeitai seus altares nos vossos corações com flores da inocência, da virtude ou, pelo menos, com as lágrimas de penitência, de conversão e sincera emenda. Recorrei a esta Rainha que os vossos piedosos antepassados chamaram de Rainha da Coroa Polonesa. Não deixeis de lhe render homenagem com a devoção de maio, e, se a grande distância não vos permitir visitar diariamente nos templos do Senhor, então nas vossas casas, [...] enfeitai a imagem da Virgem Puríssima, com ramos verdes e implorai o seu auxílio e proteção, porque por meio d'Ela veio a Salvação ao mundo (ARQUIVO, 1906–1981, p. 9 -10).

No tempo de seu pastoreio em Varsóvia, divulgou a devoção a Maria, principalmente no mês de maio. Rezou e incentivou o povo a Ladainha Lauretana,¹⁶ não só nos santuários, mas, também nas capelas e residências, e difundiu temas relacionados a fatos especiais da vida de Maria e suas virtudes.

Enquanto Arcebispo de Varsóvia, divulgou na capital o culto ao Santíssimo Sacramento e à Mãe de Deus e difundiu na arquidiocese as celebrações religiosas no mês de maio. Em uma circular, editada por esta ocasião, escreveu: “Oxalá Deus todo

¹⁵ A devoção à Maria na Polônia é marcada pelo culto a Nossa Senhora de Czestochowa, o símbolo da Polônia católica. A expressão mais típica da piedade mariana dos poloneses é a peregrinação anual [...] à cidade de Varsóvia, onde está situado o Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa. (BOFF, 2006, p. 200)

¹⁶ Assim é chamada por ter se popularizado a partir do Santuário de Loreto, na Itália. Foi cantada neste Santuário, solenemente, pela primeira vez no dia 10 de dezembro de 1531, mas provavelmente surgiu antes. Por meio da devoção popular, Ladainhas inteiras foram criadas e dedicadas à Mãe de Jesus. (ALMEIDA, 2010, p. 11)

poderoso permitisse a todos vocês, sem exceção, para que a nossa Rainha fosse a Estrela Guia para uma vida virtuosa, amor recíproco, paz e concórdia”. (FRACEK, [2010?], p. 6)

Muitas vezes Felinski referiu-se à Maria, tomando seus vários títulos: ‘Virgem Imaculada’, ‘Serva de Belém’, ‘Mãe do Salvador’, ‘Esposa do Espírito Santo’, ‘Mãe da Misericórdia’, ‘Rainha dos Anjos’. Há títulos referidos também a função que Maria exerce na vida das pessoas e da sociedade, tais como os títulos de “Auxiliadora”, “Consoladora”, “Refúgio” e “Estrela guia”. Maria é também a padroeira da Congregação fundada por ele: “Família de Maria”. As Irmãs foram orientadas por Felinski para rezar todos os dias o Rosário, o Ofício da Mãe de Deus, a novena antes das solenidades da Imaculada Conceição, da Assunção e, antes da festa da natividade da Mãe de Deus, a celebrar a devoção em maio e a venerar Maria.

Durante seu tempo de pastoreio, na Arquidiocese, incentivava também os fiéis à veneração à Nossa Senhora. Nas orações piedosas e virtuosas, é necessário venerar a Bem-aventurada Virgem Maria, encorajar os fracos na fé, os que se encontram na esperança e os que se apaixonaram por Deus. Ao contemplar as virtudes de Maria, sua vida simples e humilde, o cristão pode despertar para uma vida cada vez mais sagrada.

Felinski enfatizou que o sofrimento carregado de amor e o trabalho interior são meios para o desenvolvimento do ser humano na perspectiva de um caminho de amadurecimento para a fé. Maria é a mulher do *fiat*, que corresponde ao chamado de Deus. Ela vivia, em uma aldeia em Nazaré, uma vida simples em seu cotidiano, sem milagres extraordinários. Com sua singular simplicidade é, assim, chamada de: “a Bem-aventurada Virgem Maria, e é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira” (LG 62).

A espiritualidade mariana de Felinski foi cultivada desde a infância e muitos dos títulos usados em seus escritos são extraídos desta devoção. Assim, era comum invocar Maria chamando-a de ‘Refúgio dos Pecadores’, ‘Consoladora dos aflitos’ e ‘Rainha’. ‘Estrela do Mar’ é a invocação que brilha no meio da tempestade e que guia com segurança para o refúgio e ao descanso aqueles que são lançados às inclinações e tentações do antigo inimigo da humanidade ao mal, sobrevivendo às tempestades da vida, impedindo de destruir a fé em Deus e o caminho para a Igreja.

Antes de deixar Varsóvia, dia 13 de junho de 1863, o arcebispo Felinski benzer a estátua que funcionava ao lado do Estabelecimento da Família de Maria, à rua Zelazna e a estátua da Imaculada, que ofertara para a Congregação. No seu pedestal, dos quatros lados, inserira as inscrições, que se constituem como testamento espiritual do Fundador para as irmãs e, até a capital: 'Varsóvia, 13 de junho de 1863. Olha, ó Senhora, para esta Sua Família. Ó Mãe, eis os filhos seus. Filhos, eis a vossa Mãe. Santo Pai! Guarda em Teu Nome os que me deste; para que sejam um como Nós. Nos desesperos e tentações, nas angústias e opressão, olhe para a estrela, invoque a Maria' (FRACEK, 2009b, p. 99).

A imagem de Nossa Senhora abençoada por Felinski naquela ocasião encontra-se até hoje em frente da casa geral das Irmãs em Varsóvia. A Figura 9, na foto abaixo, mostra um grupo de Irmãs do Capítulo Geral da Congregação de 2008. Estão presente as Irmãs do Brasil e Madre Fabíola era Geral nessa época.

Figura 9 – Casa Geral das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, Varsóvia.



Fonte: FRACEK, 2010.

Dom Felinski, quando foi para o exílio, levou consigo o quadro de Nossa Senhora de Czestochowa¹⁷. No seu retorno organizou em Dzwiniaczka a casa religiosa e, como pai espiritual, preocupou-se com a formação das irmãs mais jovens, colocando como fundamento da formação e da atividade na Igreja o valor de Maria Santíssima, a serva do Senhor. Recomendou que na Congregação fossem celebradas

¹⁷ Nossa Senhora do Monte Claro.

com piedade e solenidade as Festas de Maria Santíssima, especialmente o mês de maio, para torná-la mais conhecida, amada e imitada.

A espiritualidade mariana do século XIX teve como marca a devoção à Mãe de Deus Vivo. Assim sendo, as devoções marianas precisam ser levadas em conta, pois Maria se torna para nós um modelo a ser imitado: de fé, esperança, obediência, confiança, santidade, união com Jesus, doação e força no sofrimento. Além disso, de total entrega.

3.1.1 A liberdade de Felinski a partir do exílio e a liberdade de Maria a partir do discernimento

Aprofundar como se dá a liberdade em Felinski é perceber uma maturidade interior e espiritual muito presente em sua vida. Ele sempre buscou forças para continuar sua missão diante da presença eucarística. Não desistiu frente a uma sociedade que o oprimia, soube transformar a opressão em liberdade interior que lhe permitiu cuidar da Congregação mesmo estando distante dela.

O exílio foi um lugar de muito silêncio no qual aprofundou sua intimidade com Deus e, desta consciência, propõe os princípios e as normas para uma vida de trabalho interior para os adeptos de sua congregação. Interfere, junto ao Czar Alexandre II, na dolorosa situação da nação e da Igreja, a favor do povo, não temendo as consequências. A respeito disso, escreve:

Minha única ambição é permanecer sempre fiel à verdade, ser moralmente transparente qual brilhante e, na medida do possível, ser puro como cristal [...]. Na aplicação prática destes princípios, posso atestar, jamais fiz papel ridículo, [...], sempre segui o que julguei ser verdadeiro e meu dever (CONGREGAÇÃO, 1906-1981, p. 6).

Na sequência de sua vida buscou sempre a verdade. Dessa maneira, durante os 20 anos no exílio, no sofrimento, sempre esteve ao lado do povo. Humilde, generosamente ia ao encontro dos necessitados, ajudando e aliviando as dores, nas mais diversas situações. Fazer o bem é fazer a vontade de Deus, dizia. No exílio, vivia em um apartamento muito simples onde a sala maior foi destinada para reunir os fiéis para a celebração Eucarística e outras funções religiosas.

Nesse período espelhou-se em Maria Santíssima, pois ela, no momento mais crucial de sua vida, ao dar o seu Sim a Deus, encontrava-se sozinha, com grande autonomia. Não recorre à família, nem aos parentes mais próximos, encontrava-se só diante de Deus.

Como pastor da arquidiocese, Felinski tinha conhecimento das consequências que sofreria ao se contrapor à forma de governo vigente. Mesmo assim, agiu com liberdade interior e assumiu as consequências de sua decisão. Dessa forma, podemos comparar a liberdade interior de Felinski com a de Maria. “O que faz livre não é a lei, mas a fé em Deus” (GARCIA PAREDES, 2013, p. 394). “Portanto, não fica situada na linha da lei, da maldição, mas, sim, da liberdade e da benção” (GARCIA PAREDES, 2013, p. 395). Clodovis Boff, escreve:

Quando se confronta Maria na Anunciação [...] com a situação da mulher em seu tempo, nota-se o quanto sua reação representa de ruptura com o modelo cultural vigente. A mulher da época não era um sujeito verdadeiramente autônomo. Dependia o mais das vezes de um homem, pai, marido, irmão ou filho que fosse. Maria, não: Ela está só diante do anjo e se decide em plena responsabilidade. Aceita uma gravidez – e que gravidez! – ‘sem consultar a carne ou o sangue’ (Gl 1,16). Assume em primeira pessoa esta responsabilidade diante de Deus e diante do mundo. Ela não joga o jogo da ‘personagem’, segundo um papel prefixado culturalmente, mas se comporta como ‘pessoa’ que se autodetermina a partir de sua consciência livre e em função da Graça (2006, p. 415).

Uma jovem, no entanto, decidida a assumir o projeto de Deus: “a liberdade de Maria não é mera expressão de autonomia e de autoafirmação” (BOFF, 2006, p. 418). Sua resposta ao anjo não é ingênua ou de ignorância, mas de uma convicção de iniciativa. “Uma mulher jovem e consciente, com os pés no chão, que livremente teve de fazer algumas opções difíceis diante da proposta apresentada a ela por Deus” (KEARNS, 2017, p. 20). Então, pergunta ao anjo: “Como se fará isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1, 34). “Maria questiona, não aceita sem pensar e assume o compromisso de forma livre e consciente. Viveu a liberdade não apenas como atitude interior, mas como disposição à missão e ao compromisso concretos” (BOFF, 2006, p. 420). Então, o anjo Gabriel lhe explica sobre a concepção virginal, sob ação do Espírito Santo, não simplesmente a maneira física, mas espiritual.

Boff continua dizendo que: “Maria aparece como figura da liberdade humana, uma liberdade de entrega, [...]. Ela vive essa dramática aventura da liberdade, com

seus cumes de luz, mas também com seus vórtices tenebrosos” (2019, p. 50). Emerge na autodeterminação concreta, que diz sim:

Maria torna-se verdadeiramente livre, e seu desejo não é outro senão fazer a vontade de Deus, pois Ela não é invadida pela vontade de Deus, pois Ele respeita sua liberdade e espera a resposta de seu livre-arbítrio (TOLEDO, 2016, p. 17).

A partir do questionamento em ser a Mãe do Salvador, passa pelas dúvidas como qualquer pessoa humana, mas com uma certeza: a fé faz com que responda com autonomia dentro de si. Sem se preocupar com o que outros pensam de sua atitude. Ela é agraciada por Deus por aceitar tão grande mistério. Ela viveu, de fato, a liberdade como acolhida de fé. “A resposta de Maria nada tem a ver com a submissão passiva de uma escrava. É, ao contrário, uma resposta plenamente livre e ao mesmo tempo cheia de amor” (TOLEDO, 2016, p. 32).

Nesta perspectiva, o documento de Aparecida ressalta a figura de Maria no seguimento de Jesus:

Sua figura de mulher livre e forte, emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e busca constante do projeto do Pai (DAp 266).

Para Maria, a liberdade é construída a partir do discernimento. Ela discernia a partir da escuta: “[...] conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc 2, 19). Ruminar, guardar em seu coração é compromisso e autodeterminação. “A virgem viveu a liberdade não apenas como atitude interior, mas como disposição à missão e compromisso concreto” (BOFF, 2006, p. 420). O compromisso concreto é assumido com Deus e com as pessoas. A autonomia realiza-se na solidariedade, caso contrário, não é verdadeira liberdade:

O seu ‘sim’ ecoa forte e sem dúvidas, cheio de generosidade. Disponível a Deus, Maria une a liberdade com a vontade. [...]. A anunciação a Maria nos lembra que somos também agraciados por Deus, que ele está conosco, que nos chama à missão e que sua presença produz alegria em nós. A vocação de Maria é um espelho para a vocação cristã (MURAD, 2019, p. 55).

Deste modo, a liberdade interior em Maria é uma atitude concreta. Ela está convicta da presença de Deus em sua vida e, portanto, com coerência e sem medo do que podem pensar. “Maria mostra, desta forma, que a liberdade se realiza na solidariedade, caso contrário, não é verdadeira liberdade” (TOLEDO, 2016, p. 36).

Sobre isso, podemos fazer uma comparação entre a vida de Maria e a de Felinski. Ele viveu a liberdade no exílio, porque soube dar passos na sua interioridade e sem medo, atender os exilados que lá se encontravam, respondendo com generosidade ao sim dado à vocação pela qual Deus o havia chamado, comprometeu-se com o povo que Deus lhe havia confiado. Dessa maneira, atendia a todos os que o procuravam, ia também ao encontro das pessoas a fim de prestar-lhe auxílio espiritual.

3.2 FELINSKI E AS POESIAS MARIANAS

Num primeiro momento, é necessário lembrar que Felinski nasceu numa família de grandes tradições literárias. Seu tio Aloísio Felinski (1771-1820), entrou na literatura polonesa como um grande representante do grupo Clássico. A mãe de Felinski, a senhora Ewa (1793-1859), “deixou seu legado numa bela página na história da literatura polonesa como romancista, memorialista e, sobretudo como patriota” (ZIEJKA, 2009, p. 40). No ano de 1847 em Paris, Felinski conheceu Júlio Slowacki, grande poeta, o qual também contribui para a escrita em poesia.

Assim, aparece em Felinski, uma singularidade para com a poesia e ele aproveitou-se dessa capacidade de poeta para compor versos de cunho mariano¹⁸:

Mostre-nos, ó Rainha, Sua face,
Profira uma palavra para o príncipe
Rogue, para que novamente a terra polonesa
Entoe alegremente à Mãe de Deus! ... (ZIEJKA, 2009, p. 58).

¹⁸ As poesias foram escritas em polonês e não tivemos acesso aos originais. As poesias citadas por Ziejka tem Paulo Filipake como tradutor e as citadas por Zylinska tem como tradutor Francisco Dranka. Em toda e qualquer tradução sempre há uma certa perda do valor da obra literária. Para a poesia, essa perda é ainda maior, o que prejudica o seu teor.

Seus versos à Maria podem ser comparados com o de outro poeta nacional, muito famoso, e que na segunda metade do século XIX era para a Polônia um sinal de resistência. Trata-se de Krasinski, seu contemporâneo, de quem o lema polonês do *semper fidelis* ressoa e a figura de Maria como Rainha aparece, tal como em Felinski:

Rainha da Polônia...,
 Este mundo está se desagregando,
 Mas nenhuma de suas partes laceradas
 Continua a Te invocar!
 Somente de nós, que queimamos na fogueira,
 Sobe ainda a Ti o nosso grito.
 Reconhecerás teus súbditos pela sua voz.
 Sê nosso anjo protetor, agora e para sempre (KRASINSKI, *apud* BOFF, 2006, p. 208).

Segundo Boff (2006), a Polônia neste período era mariana e soube resistir e lutar para sua própria sobrevivência como ideal nacional. A devoção a Maria serviu como potente força moral para a vivência do povo. É nesse contexto que vemos a atuação firme e convicta de Dom Felinski em oferecer o apelo à Mãe de Deus e sua devoção como uma fonte de esperança no meio de governos invasores que procuravam, por sua vez, reprimir as manifestações da devoção do povo e dos próprios membros da hierarquia da Igreja que promoviam peregrinações ou devoções de culto mariano. Para manter a unidade nacional se multiplicaram os santuários marianos e “...no século XIX chegou ao apogeu: 1.097 santuários marianos, espalhados em 977 localidades diferentes, como uma rede imensa de comunicação, onde as tradições nacionais continuaram a se transmitir com toda a fidelidade” (BOFF, 2006, p. 208).

Boff continua dizendo que na história da Polônia, “os governos invasores procuravam, por todos os modos possíveis, reprimir a devoção mariana do povo. [...] Estava também condenado o uso da invocação a ‘Rainha da Polônia’” (2006, p. 208). Mesmo assim, a fé e a esperança da Polônia mariana não cedia, como declama o grande amigo de Felinski, o poeta Júlio Slowacki:

Mãe de Deus, sempre Virgem! ...
 Já resplende a aurora da liberdade,
 Alto ressoa o sino da liberdade.
 Escorre o sangue de um povo livre, Mãe de Deus!
 Ao trono de Deus, leva o sangue do povo livre! (SLOWACKI, *apud* BOFF, 2006, p. 209).

No que se refere ao aspecto devocional, as poesias de Felinski evidenciam uma sintonia de sua vida espiritual com abertura e simplicidade ao falar de Maria.

'...Aos teus pés caio humilde,
 E antes que comece a cantar em Teu louvor,
 Ao Teu trono deposito o meu coração
 Queiras insuflar nele, ó Senhora, santa inspiração...'(FELINSKI, *apud* ZYLINSKA, 1973, p. 113).

Em Felinski sua devoção mariana irradiava todo o seu ser. Ele pedia sempre a proteção de Maria para adquirir novas forças. Como narram os autores: no caminho a Varsóvia, parou diante da imagem de Czestochowa para pedir bênçãos para seu trabalho na Arquidiocese. Um personagem anônimo, com esta oração em forma de poesia, entrega o Arcebispo à proteção da Rainha de Czestochowa:

Ó Rainha da Polônia, que no Monte Claro,
 Entre nós escolheste a morada,
 Fazei que por Ele nos venha a paz,
 Fazei, que Ele afaste as tempestades que nos ameaçam,
 Que console os teus filhos aflitos,
 Acolhei-nos ó Maria sob a Vossa Proteção...
 Sede-lhe a guia ó Santíssima Virgem
 E quando virdes o céu nublado sobre ele,
 Ó, abrigai-o logo, sob a Vossa Proteção (ZYLINSKA, 1973, p. 115).

Nos seus escritos, observa-se, que após a morte de sua mãe, Felinski tenha transferido todo o seu amor à Virgem Imaculada. Para homenagear e glorificar Maria

Santíssima usou sua escrita em forma de poesia. Sua inspiração emergia, muitas vezes, de passeios solitários, meditando as paisagens maravilhosas de Jaroslaw:

Imaculada Virgem Santa,
 A qual o coro dos Anjos louva no céu,
 Eis a minha alma de Tua devoção compenetrada,
 Na terra, deseja louvar-te.
 Queiras alcançar-me com tua intercessão
 Uma centelha de inspiração, da fonte de luz.
 E do peito os cânticos se elevarão;
 Dignos da Mãe Santíssima de Deus (ZYLINSKA, 1973, p. 117).

Para Francisco Ziejka (2009), o brilho poético é uma das características de Felinski, e um dos lugares mais importantes do culto à Mãe de Deus se localiza nas redondezas de sua cidade natal: Krzemieniec – Poczajów¹⁹. Além disso, ele fortalecerá significativamente o culto mariano na literatura polonesa:

Celebérrima Montanha de Poczajów
 Com os seus milagres de antanho
 Da Santíssima Virgem Mãe de Deus
 Da Sua milagrosa
 Imagem decantam resplandecentes (ZIEJKA, 2009, p. 59).

Ziejka comenta que Felinski era poeta, não tanto por vontade própria, mas por acaso. Porém, esse acaso contribuiu para que parte de sua literatura fosse em versos. Sensível, valorizava a criatividade religiosa, filosófica e literária. Pode ser difícil entender isso, pois ele era, acima de tudo, pastor da Igreja. Mas soube usar seus dons e expressar seu amor à Maria, poeticamente. Durante os passeios, meditava e escrevia poesias, numa época em que esta não era apreciada.

A seguir, um exemplo de poesia inspirado em Maria:

¹⁹ Poczajów, 1807 (reedição do ano de 1773). Essa poesia não é de Felinski. “Felinski alcançará o maior nível, indubitavelmente no poema *Praxedes*, no qual de um modo inteligente explorou o esquema romântico do conto poético, para revigorar uma velha lenda hagiográfica ligada ao culto de Nossa Senhora de Poczajów”. (ZIEJKA, 2009, p. 59)

Estrela do mar, dos céus senhora!
 Os corações Te trazemos em oferta,
 Queiras aquecê-los e acendê-los,
 Para poderem louvar-Te dignamente;
 Ó Maria! Ó lírio
 De admirável pureza,
 Dai-nos louvar-Te no céu
 Agora e na eternidade (ZYLINSKA, 1973, p. 117).

Felinski honrava a Santíssima Virgem, quer na oração do terço, quer diante da imagem, na capela, no quarto, na varanda ou no passeio do campo (ZYLINSKA, 1973). Em vários momentos de sua vida manifesta essa devoção em versos, como na linda estrofe escrita em louvor à Nossa Senhora:

Ao contrário, não é pouco o consolo,
 Que isso une com a Igreja em mútua corte,
 Alcançai-nos somente, o sacrifício do espírito,
 Para irmos por causa da verdade, nem que seja até a fogueira (ZYLINSKA, 1973, p. 119).

Ziejka afirma que “a poesia de Felinski não surgiu do sofrimento, embora tenha se originado no período de seu exílio no longínquo Jaroslaw, às margens do Volga” (2009, p. 59). Este fato pode não despertar um eco mais amplo entre a maioria dos leitores. Todavia, representa um documento importante para a manifestação de seu espírito.

Afonso Murad afirma que, normalmente, “herda-se a devoção mariana de algum membro da família, como a mãe, o pai, a tia ou avó” (2019, p. 199), e pode começar com um pequeno hábito, como o de rezar com as crianças a ‘Ave Maria’ antes de dormir. Padre Zezinho lembra, isso, de forma poética:

Eu era pequeno, nem me lembro
 Só lembro que a noite, ao pé da cama,
 juntava as mãozinhas e rezava apressado,
 mas rezava como alguém que ama.
 Das Ave-Maria que rezava,

eu sempre engolia umas palavras.
 E muito cansado acabava dormindo,
 mas dormia como alguém que amava (ZEZINHO *apud* MURAD, 2012, p. 199).

A piedade à devoção mariana é relatada em poesia, baseada em histórias benevolentes e inspiradas em orações à Maria. Por meio de suas poesias, Felinski divulgou a devoção mariana, não só para as gerações de seu tempo, mas, também, para as futuras.

3.3 A DEVOÇÃO MARIANA NAS CARTAS ASCÉTICAS DE FELINSKI

A pesquisa e o estudo sobre as cartas foram realizados, anteriormente, pela Ir. Zofia Grzerzólka na Casa Geral (Polônia). No Brasil, as irmãs receberam as Cartas Acéticas já impressas, em 2000, traduzidas do polonês para o português, trabalho este realizado com muita dedicação por Madre Fabiola Ruszczyk que deixou grande legado para a Congregação.

Dentre as 43 (quarenta e três) cartas ascéticas escritas por Zygmunt Felinski em seu exílio, 6 (seis) foram escolhidas para serem melhor aprofundadas nesta pesquisa. Tratam-se das cartas ascéticas de números 9,13, 20b, 30, 36 e 41.

Como foi possível, em situação de exílio e de perseguição, conservar os escritos de Felinski e, por sua vez, serem transmitidos às novas gerações? Essa pergunta vem nos perseguindo durante toda a pesquisa, sendo que a vida de Felinski, de sua família e em relação a congregação por ele fundada foi uma continua peregrinação.

É importante sublinhar que Felinski, inicialmente, enviava notícias para as Irmãs por ocasião de alguém que o visitava em seu exílio (1863-1883). Preocupado com a situação, começou a escrever cartas, no estilo de conferências espirituais, posteriormente denominadas Cartas Ascéticas, para dar apoio espiritual às Irmãs, e as enviava para a Rua Zelazna, 97 em Varsóvia – Polônia, (atual Casa Geral). Por volta do ano de 1935 essas cartas foram levadas para Leopólis (Ucrânia) junto com o restante dos arquivos da Congregação como medida de segurança devido à Segunda Guerra Mundial. Após alguns anos, voltaram para Varsóvia. Durante o bombardeio e queima da Casa ocorrida em 1944 tudo foi destruído. Portanto, como as Cartas foram

salvas? Por ocasião das conferências ocorridas em Leópolis (Ucrânia) em 1938, as Irs. Teresa Neugebauer e Teresa Moskwityn, desta casa, as datilografaram e guardaram consigo. Teresa Moskwityn declarou, em 15 de outubro de 1952, que as cópias datilografadas são todas fiéis às originais.

As cartas de Felinski não foram datadas por ele e não apresentam títulos. Na primeira escreve simplesmente “carta”, em outras “palestras” ou “exposições espirituais” e, sem assinaturas, mostram simplesmente a inscrição “Tato” (Pai). Na primeira carta, deixa claro que sua escrita tem por objetivo acalmar seus ânimos sobre a Congregação e auxiliá-las na vida religiosa.

Algumas cartas apresentam uma reflexão entre a fé e o compromisso com a vida consagrada, inserindo-se no âmbito de uma espiritualidade que enfatiza a renúncia de si mesmo, a prática da humildade no conhecimento e do combate do vício capital, para as diversidades das vocações na Igreja, da laboriosidade, da pobreza e da pureza do coração, a exemplo de Maria. Abaixo segue um pequeno fragmento da carta ascética de número 9, sobre a humildade:

Eis aí o fundamento de nossa humildade em relação a Deus, mesmo se recebêssemos a plenitude de dons naturais e sobrenaturais como os recebeu a Santíssima Virgem, e se a seu exemplo fôssemos tão fiéis à graça de Deus. Mesmo assim, ainda está consideração, tudo que possuímos agradecemos unicamente à bondade do Criador, que sem mérito algum recebemos, seria além do suficiente para nos manter na humildade. Se soubéssemos olhar imparcialmente o nosso relacionamento com Deus, assim como vemos no exemplo da Mãe de Deus que sendo a cheia de graça, não cessou de se considerar a menor, a humilde serva do Senhor, agradeceríamos ao Criador por todos os dons (FELINSKI, 2000a, n. 9, p. 27 - 28).

Pesquisar suas cartas é refazer o percurso de sua espiritualidade enraizada na fé, esperança e imbuída da presença de Deus, sem deixar de lado o que de mais significativo temos para chegar até Cristo. Suas reflexões o levam ao entendimento da necessidade de tornar conhecido a presença de Maria em nossas vidas:

A exemplo de São Bernardo, chama a Mãe de Deus, de Mãe da Igreja. No desterro tinha consigo um quadro de Nossa Senhora de monte Claro. Ela era ali doçura e consolo nos sofrimentos. [...] Em Dzwiniaczka espalhava a devoção à Maria pela recitação do terço e do Escapulário. O Arcebispo aplica a Maria um grande papel na Redenção do mundo. Afirma que, sob certo ponto, o comportamento de Maria na Anunciação era igualmente decisivo na

questão da salvação da humanidade, como o comportamento de Jesus no Horto (ZYLINSKA, 1973, p. 83).

Já na carta de número 13, Felinski adverte como a manifestação do orgulho aparece no ser humano. Aborda alguns ensinamentos para combater esse vício: mesmo pessoas consagradas estão sujeitas a cair nessa tentação, no desejo de enaltecer-se diante das situações que a vida nos propõe. No decorrer da carta, deixa transparecer a firmeza com a qual transmitiu seus ensinamentos (FELINSKI, 2000a). Em outros momentos, descreve, a partir de sua própria experiência, que para combater os vícios é precioso ter uma espiritualidade enraizada na fé e espelhar-se em “Maria Santíssima, a única, a cheia de graça” (FELINSKI, 2000a, p. 76).

De tal modo, as cartas deixam transparecer que Felinski encontrava na sua interioridade um espaço reservado para o encontro pessoal com Deus e deixava-se ser imbuído por essa presença. De tal modo, abre caminho para dialogar com Deus e abandonar suas intenções e preocupações pela congregação, entregando-a a Maria. Conduz um caminho de reflexão para aperfeiçoar as exigências confiadas:

A reflexão do exemplo da Virgem Santíssima; quantas vezes Ela foi obrigada a trocar de obrigações. No entanto, sempre o fazia por amor à Vontade de Deus. Olhem, a Virgem Maria deve ser sempre o seu modelo, conforme as exigências mutáveis do Senhor em relação a Ela; deixava sem vacilar as ocupações anteriores, aceitava as novas, não olhando o respeito humano, nem as tendências naturais, seguia as indicações da vontade de Deus que era a sua mestra única (FELINSKI, 2000a, p. 176).

Vale lembrar que Felinski propôs a Virgem Maria como exemplo para a Congregação que fundara e recomendou a prática das virtudes da Sagrada Família de Nazaré: viver a unidade e igualdade, e rejeitar o que causa privilégio. Sua recomendação quanto às necessidades urgentes consistia em:

Pode acontecer que no meio da vida laboriosa, serão afastadas da alegria de estar na oração dialogando com Deus por motivo de ocupações externas e urgentes; lembrem, então, de Maria Santíssima que também se afastava da presença de Jesus, para também à distância servi-lo com maior renúncia de si. Nunca se esqueçam, nada é tão agradável ao Senhor Jesus, como realizar em cada momento aquilo que Deus exige de nós (FELINSKI, 2000a, p. 177).

Pode-se afirmar que, quando Felinski escreveu a carta transcrita acima, procurou ensinar às Irmãs o grande valor da laboriosidade, da pobreza e pureza. Orientou-as para que tivessem Maria como protótipo de vida, na simplicidade e alegria, diante das situações de complexidades e dos imprevistos da vida. Dessa maneira, a piedade e devoção refletem no seu cotidiano.

O culto a Maria Santíssima tem seu significado ligado à Maternidade Divina. São João ressalta isso no momento da agonia da cruz: “Perto de Jesus, permanecia sua Mãe, [...] Jesus então, vendo sua Mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua Mãe: ‘Mulher, eis teu Filho!’ Depois ao discípulo: ‘Eis tua Mãe!’” (Jo 19, 25-27). “Todo o cristianismo segue o exemplo de São João, reconhecendo em Maria a Mãe de Deus e Mãe da humanidade” (ZYLINSKA, 1973, p. 114).

A Constituição Dogmática *Lumem Gentium* apresenta argumentos teológicos para a compreensão da devoção mariana. O Concílio Vaticano II traz uma visão equilibrada e sábia quando afirma: “A verdadeira devoção a Maria não consiste num estéril e transitório afeto, nem numa vã credulidade, mas no reconhecimento da figura de Maria e no seguimento de suas virtudes” (LG 67).

Felinski divulgava com grande amor e devoção Maria Santíssima, seu modo de ser e agir para com a Igreja. Esse aspecto já indicava e antecedia os passos de uma Igreja em renovação. Vemos isso no Concílio Vaticano II, de modo especial na *Lumem Gentium*:

Adornada, desde o primeiro instante da sua concepção, com esplendores de santidade e absolutamente singular, a Virgem de Nazaré, ouvindo a saudação do anjo mandado por Deus, que lhe chama ‘cheia de graça’ (Lc 1,28), respondendo ao mensageiro celeste: ‘Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra’ (Lc 1,38). [...] Como diz santo Irineu, ‘pela obediência, ela torna-se causa de salvação para si mesma e para todo o gênero humano’. [...] ‘O laço de desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva atou com a incredulidade, a Virgem Maria desatou-o pela fé. Comparando-a com Eva, chamam a Maria ‘Mãe dos viventes’ e afirmam com frequência: A morte veio por Eva, e a vida por Maria’ (LG 56).

No documento *Marialis Cultus*, Paulo VI, em 1974, afirma que a devoção mariana deve ser celebrada em estreita conexão com o ano litúrgico:

Dispor-nos a tratar do lugar que a bem-aventurada Virgem Maria ocupa no culto cristão, devemos, em primeiro lugar, volver a nossa atenção para a sagrada Liturgia; esta, efetivamente, para além de um rico conteúdo doutrinal, possui uma incomparável eficácia pastoral e tem um bem reconhecido valor exemplar para as outras formas de culto (MC 1).

Maria na devoção popular tem uma marca cultural e não difere do valor religioso. As devoções populares à Mãe de Deus são muito presentes entre o povo e exemplos não faltam: terço, novenas, promessas, romarias e tantas outras fórmulas. “A veneração dos fiéis para com a Mãe de Deus tem revestido, de fato, formas múltiplas, de acordo com as circunstâncias de lugar e de tempo, com a diversa sensibilidade dos povos e com as suas diferentes tradições culturais” (MC 24).

Sendo assim:

Paulo VI na *Marialis Cultus* fala expressamente de culto mariano já no título de sua exortação. Desde a introdução, porém, vê-se no dever de precisar, sem que isso suponha duvidar da legitimidade do culto nem da correção do termo empregado, que o culto mariano se insere no álveo do culto único que justa e merecidamente chama-se cristão (VELASCO, 1995, p. 392).

A devoção mariana percorre toda a Igreja e necessita ser renovada continuamente para valorizar e contextualizar Maria adequadamente. Dessa forma, dentro da liturgia percebe-se seu valor espiritual e teológico. É necessário, pois, que os exercícios de piedade com que os fiéis exprimem a sua devoção para com a Mãe do Senhor, manifestem de modo claro o lugar que Maria ocupa na Igreja.

De acordo com Goffi:

Se a espiritualidade mariana de ontem apresenta Maria sobretudo como ‘aquela a quem devemos rezar’, a espiritualidade mariana de hoje a apresenta como ‘aquela que devemos imitar’: Maria é exaltada menos nos seus privilégios e mais nas funções, menos na sua realeza e mais na sua exemplaridade (1995, p. 479).

No contexto da devoção e piedade popular é preciso recordar que Maria é Mãe de Jesus não por mérito próprio, mas por graça de Deus. Por ser fiel a Deus e ao projeto da salvação. Paulo VI a declarou Mãe da Igreja porque Ela é discípula perfeita de Jesus, modelo para todos os cristãos:

A piedade da Igreja para com a bem-aventurada Virgem Maria é elemento intrínseco do culto cristão. Essa veneração que a Igreja tem vindo a prestar à Mãe do Senhor, em todos os lugares e em todos os tempos, desde a saudação com que Isabel a bendiz (Lc 1,42-45) até as expressões de louvor e de súplica da nossa época, constitui um excelente testemunho da sua norma de oração e um convite a reavivar nas consciências a sua norma de fé. E, em contrapartida, a norma de fé da Igreja exige também que, por toda a parte, floresça com pujança a sua norma de oração pelo que se refere à Mãe de Cristo (MC 56).

Ao observar nos escritos de Felinski sua peculiar devoção a Maria Santíssima abre-se, para nós, um retrato, pois ao colocar a sua expressão ali é como se estivesse descrevendo a nossa própria experiência. Seus escritos relatam ideias e pensamentos que, posteriormente, encontram-se no Concílio Vaticano II. Honrar a Mãe de Deus é um papel importante na vida do ser humano. Desse modo, atribuir graças à vida espiritual e à devoção devem estar relacionados com a leitura da Palavra de Deus e a participação da Eucaristia.

Na liturgia reformada depois do Concílio Vaticano II: “Maria foi recolocada em íntima relação com o mistério de Cristo e da Igreja. No correr do ano litúrgico, há três tipos de celebrações marianas: as solenidades, as festas, e as memórias. As solenidades, como o nome indica, constituem as celebrações mais importantes” (MURAD, 2012, p. 211). As de memórias, muitas são facultativas e a comunidade celebra se quiser. Assim, as celebrações marianas ganham destaque na liturgia. Ao terminar a Liturgia das Horas quotidiana, entre outras, eleva-se esta invocação da Igreja a Maria: “Ó Santa Mãe do Redentor, porta do Céu sempre aberta, estrela do mar, socorrei o vosso povo, que cai e anela por erguer-se. Vós que gerastes, com grande admiração de todas as criaturas, o vosso santo Genitor” (RM 51).

De tal modo, a oração busca, na obra da Virgem Imaculada, relatar as mais diversas necessidades e justificativas ao lembrar que o ato de orar e o ato de viver, conforme o Concílio Vaticano II, traz à tona a consciência de que é tarefa da Igreja fazer adaptações às necessidades dos tempos. O período pós-conciliar não se mostrou menos importante para as resoluções urgentes como, por exemplo, combinar as forças do clero e as dos fiéis leigos. Deste modo, a semente lançada poderá dar frutos em uma colheita abundante. A Igreja lançou e depositou sua esperança em um ato de reavivar na fé.

No percurso deste capítulo, a reflexão sobre a espiritualidade mariana em Felinski, pode nos ajudar a entender a trajetória percorrida pela própria Igreja diante do reconhecimento do papel de Maria, Mãe de Deus exercido na Igreja. Os documentos sinalizam uma devoção, dentro do contexto teológico e litúrgico, que identifica a funcionalidade de Maria e seu lugar que aponta para Jesus como Filho Unigênito de Deus. Assim sendo, a espiritualidade mariana permeou sua vida, como também a espiritualidade franciscana, tema do próximo tópico.

3.4 FELINSKI, MEMBRO TERCIÁRIO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

A partir de São Francisco de Assis, inspirado no estilo de vida e no seu testamento, inaugura-se uma espiritualidade franciscana. Na época, Francisco de Assis (1181-1226) foi tão original e renovador que provocou na Igreja um tempo de especial atenção, penetrando na vida dos fiéis cristãos, mesmo para aqueles que não pertenciam à Ordem Franciscana:

Francisco de Assis, tomando o Evangelho como forma de vida, ‘fez crescer a fé, renovou a Igreja; e, ao mesmo tempo, renovou a sociedade, tornando-a mais fraterna, mas sempre com o Evangelho, com o testemunho. Pregai sempre o Evangelho e, se for necessário, pregai-o também com as palavras’ (FRANCISCO, 2014, p. 9).

Conforme Szczepaniak, Felinski “inspirava a sua vida em obras deixadas por São Francisco de Assis” (2009, p. 20). Na prática, viveu os conselhos evangélicos e sua vida fez recordar, na época, o espírito Franciscano. As ideias franciscanas eram-lhe muito próximas e caras desde a sua juventude. Em Varsóvia, a convivência com os franciscanos, principalmente os capuchinhos e o movimento da Ordem Terceira, possibilitou o acolhimento da espiritualidade franciscana na sua pessoa.

Ingressou na Ordem III de São Francisco de Assis, como Irmão Antônio, em Varsóvia, na Capela das Irmãs Felicianas (nos arquivos encontramos duas datas deste ingresso: dezembro de 1862 e junho de 1863). Foi recebido ao noviciado pelo Frei Procópio Leszcynski. “Com espiritualidade Franciscana, irradiava cotidianamente no seu ambiente. Assim, pois, a vida religiosa exercia uma grande influência na sua formação, bem como em toda a sua vida sacerdotal” (SZCZEPANIAK, 2009, p. 30).

Como membro efetivo da ordem franciscana, mostrou ser um importante pilar de renovação religiosa e moral da nação para o aprofundamento da fé e da criação de laços espirituais entre as pessoas. Com sua formação franciscana, influenciou a renovação do espírito católico nas famílias. Valorizava a formação das mulheres, da família e das novas gerações. Para as mães jovens apresentava como exemplo Maria, fiel Serva do Senhor. Propagava também o espírito franciscano entre os proprietários de terras, os intelectuais, entre o clero e, também, entre o povo simples. Participava das solenidades da Ordem Terceira, divulgava o carisma franciscano e recebia outros membros na ordem.

Como membro terciário, a espiritualidade franciscana irradiava em sua vida e assim era percebida. Como nas notícias de sua Diocese, no jornal “Ecos da Ordem III”:

O nosso arcebispo, sendo terciário, nos estimula com seus maravilhosos ensinamentos, para que cada vez mais nos esforcemos para imitar o nosso patriarca, o Seráfico Pai São Francisco. Parece que o próprio Deus fala através de seus lábios. Que grande a nossa felicidade, que temos em nossa paróquia um pastor assim, o arcebispo Felinski (ARQUIVO DA CONGREGAÇÃO, 1906 – 1981, p.12).

Felinski cumpriu fielmente sua entrega de consagração franciscana e viveu como verdadeiro religioso, vivendo os conselhos evangélicos. Ao retornar do exílio, dedicou-se a animar, com sua zelosa presença, a Ordem Terceira Franciscana. O carisma franciscano era muito presente na vida de Felinski, que deixou esse legado, também, para suas filhas espirituais, as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família:

Em 1888 compilou e imprimiu a Regra e as Constituições da Congregação. São elas fundamentadas na Regra da Ordem III Franciscana, cujo espírito terciário melhor conheceu e aprofundou. Em todas as conferências e orientações, transparece o espírito franciscano. Para que a Congregação pertencesse formalmente à ordem franciscana, no ano de 1889 as Irmãs ficaram agregadas à ordem dos Bernardinos; e em 1903, à ordem dos Frades Menores Conventuais, por decreto. Desde então o nome completo da Congregação: Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria; com isso se acentua o caráter franciscano (ARQUIVO DA CONGREGAÇÃO, 1906 – 1981, p. 12).

Também em 1888, por ocasião do jubileu sacerdotal do Papa Leão XIII, realizou-se uma romaria, partindo da Polônia em direção a Roma, tendo Felinski participado desta peregrinação. No caminho, visitou a Basílica de São Francisco. Durante a celebração Eucarística fez a homilia e falou sobre as virtudes do Seráfico Francisco, estimulando os romeiros a imitá-lo nas virtudes da simplicidade e pobreza. As virtudes franciscanas transbordavam em Felinski, de uma forma que irradiava aos demais: amor e vivência no Evangelho, espírito de paz e bondade, em todas as partes onde se encontrava:

O bem-aventurado Zygmunt Felinski, ainda como sacerdote jovem, fascinara-se com a Regra de São Francisco de Assis, e fervorosamente desejava vivenciá-la. Esta regra dera às suas irmãs – Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Com simplicidade no coração, vivia como sacerdote metropolitano varsoviense. No exílio, praticava a pobreza franciscana em toda sua plenitude. Não somente, não exigia os privilégios que lhe eram devidos, mas dividia com os exilados aquilo que possuía. A sua modesta moradia tornara-se abrigo para os desterrados, o lugar de consolo para todo coração palpitante e errante (NAGY, 2009, p. 328).

Viveu imbuído do espírito de pobreza franciscana. “Escolhera a Cristo pobre no carisma da vida franciscana. Escolhera a Cristo humilde e obediente até a morte” (NAGY, 2009, p. 326). Tudo era vivido na simplicidade, o que tinha, dividia com os necessitados, até sua remuneração episcopal era repartida entre os pobres, órfãos e necessidades da Igreja. Da grande pobreza franciscana afluía uma verdadeira humildade. A sua simplicidade irradiava a todos:

Não julguem que a humildade é uma conquista de algum esforço heróico do nosso espírito. Verdade é que a prática da humildade é bastante exigente, pelo fato de que ela crucifica a nossa natureza, mais que qualquer outra virtude, mas, como sentimento interior como disposição de alma, não há nada mais simples e fácil que a humildade. Nada mais é do que a justa valorização de si mesmas (FELINSKI, 2000a, p. 27).

No retorno do exílio, residiu em Dzwiniaczka, na Galícia. Fundou escola, construiu espaços para a educação e uma Igreja; trouxe as Irmãs da Sagrada Família de Maria, que se dedicaram à educação, assistência aos doentes e indigentes. Viveu intensamente a imitação de São Francisco e foi um fervoroso animador da III Ordem.

Serviu a todos, sem distinção de nação, idade ou status. Cuidou da vida consagrada, não só a fundada por ele, mas também, de outras.

Em síntese, nesta seção, abordamos a espiritualidade mariana e franciscana em Felinski, evidenciamos aspectos próprios de cada espiritualidade e o legado deixado para a Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Maria. Na próxima seção, refletiremos sobre as contribuições teológico-espirituais de Felinski na vida consagrada.

4 AS CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICO-ESPIRITUAIS DE FELINSKI PARA A VIDA CONSAGRADA

Esta seção trata das contribuições teológico-espirituais de Felinski para a vida Consagrada. A própria biografia de Felinski é uma história tecida de grandes manifestações do amor, de um Deus que chama e acompanha em cada passo do nosso itinerário humano-espiritual. É um Deus que, embora muitas vezes parecendo-nos ausente, está presente, fazendo da nossa história, a Sua história. Trata-se, pois de um Deus, que continua a falar a nós, como outrora falava aos profetas, chamava os discípulos para estar com Jesus, envia aqueles que havia escolhido para anunciar as profundezas do seu amor.

Na realidade, é um Deus que continua não fazendo diferença de povos, nações, tempo e espaço. Mas é um Deus que continua se revelando àquele que se abre para acolher Seu infinito amor. E o próprio Felinski, testemunha com seu legado deixado na sua obra predileta, a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Nesta obra manifesta-se o plano de Deus para si e para uma comunidade que se compromete a viver unida a manifestação dos dons de Deus, numa vida doada ao bem do próximo.

E, sobretudo, veremos que as contribuições teológico-espirituais de Zygmunt Felinski sobre a vida consagrada têm seu fundamento no Evangelho, e que sua própria espiritualidade é fruto da pedagogia divina. É aqui onde se coloca o sentido teológico-espiritual da vocação e da vida consagrada.

Felinski foi, no século XIX, um grande animador da vida consagrada. Conforme cita a Exortação Apostólica *Evangelica Testificativo*, ele se preocupava com uma “verdadeira renovação da vida religiosa” (ET 2). A sua formação religiosa cristã e a própria família lhe possibilitaram viver a vida consagrada de maneira embasada no seguimento de Jesus Cristo. A Ordem Terceira de São Francisco de Assis, por sua vez, auxiliou-o a viver o Evangelho de forma mais despojada. Por outro lado, crescendo e vivendo num ambiente de cultura e de tradição polonesa, lituana, bielorrussa e ucraniana, sua formação e seus pensamentos foram fortemente influenciados pelos mais variados problemas sociais, nacionais e religiosos do seu

tempo. Mas, principalmente, os sólidos fundamentos de vida religiosa recebido de sua família, mostraram ser suportes de valores intransferíveis a outros.

Nos arquivos da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria há registros que relatam que sua figura foi marcada pela história da Polônia do século XIX, bem como, pela história da sociedade e a da Igreja. Encontram-se aí traços fortes que mostram uma vida religiosa configurada em Cristo.

Nesta perspectiva, é fundamental aprofundar os aspectos teológicos e espirituais da vida consagrada, pois Felinski tinha a ilimitada confiança na Divina Providência. Dessa forma, também pontuar os elementos teológicos que embasam a congregação fundada por ele. Podemos dizer que os elementos teológicos em Felinski são: hospitalidade, esperança, fortaleza e principalmente a fé.

4.1 SUA OBRA PREDILETA: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA

Conforme já acenamos, a congregação nasce em São Petersburgo (Rússia), da necessidade de assistir aos mais humildes e pobres. No início a congregação recebe o nome de “Família de Maria”. Com o passar do tempo e organização da própria congregação, esta foi denominada de Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria (1857) “cuja finalidade principal era levar auxílio aos mais pobres” (FUDALI, 2009, p. 237). Hoje, a Congregação está presente na Polônia, Brasil, Itália, Ucrânia, Rússia, Cazaquistão e no continente Africano.

De acordo com Fracek:

O pe. Felinski ao fundar a Congregação não se baseara nas tradicionais estruturas religiosas. Criara um [...] modelo organizacional próprio. Uma autêntica vida espiritual baseada no Evangelho. Colocando Maria como exemplo e recomendando às irmãs a imitação das virtudes da Sagrada Família: a humildade e simplicidade, a pobreza e o trabalho (2009b, p. 89).

A fundação da Congregação ocorre num momento em que na sociedade russa havia muitos idosos e crianças desamparados e necessitados de atendimento. A

implantação de um sistema de governo czarista²⁰ não foi capaz de fornecer condições favoráveis para o bom desenvolvimento de seu povo e do Estado como um todo. Portanto, as condições de vida eram péssimas, os cidadãos não tinham direitos, nem liberdade de expressão, quem se opusesse ao czar era perseguido. A decisão em fundar uma congregação exigiu coragem por parte de Pe. Felinski, o que acarretou muito sofrimento, críticas e projetos não concluídos.

Diante disto, Felinski, não teme, funda a Congregação, contando com a ajuda de três irmãs: Madre Florentina Dymman, Ir. Anete Malców e Ir. Sofia Choroszewska. Após cinco anos de existência, a Congregação contava com 30 irmãs e Florentina Dymman foi nomeada co-fundadora das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria e esteve na direção durante o longo período que Felinski esteve no exílio.

Quando Felinski retorna do exílio em 1883, Dymman, pessoa de sua inteira confiança, sentiu-se ameaçada e promoveu uma cisão na Congregação, levando consigo a maioria das Irmãs. Sobraram apenas cinco Irmãs, três postulantes e sua vontade de recomeçar após tanto sofrimento e luta²¹. Em seu retorno, Felinski fixa residência em Dzwiniaczka, região da Galícia pertencente à atual Ucrânia. Reinicia o contato com as irmãs e procura incentivá-las a viver sob a ação do carisma originário. Seu papel diante da Família de Maria resume-se nas palavras:

As minhas obrigações com referência à Família de Maria, apresentam-se em minha consciência, não como secundárias, mas muito importantes, devido ao papel que me fora confiado pela vontade de Deus, na fundação desta Congregação. Hoje, ausente da direção direta por 20 anos, novamente reúnem-se debaixo de minhas asas e, por isso, somente estabeleceram-se em Czerniewicz. Para usufruir os últimos anos de minha vida, no entendimento do espírito de sua regra, penso que deverei fazer tudo o que a mim compete, para corresponder à sua confiança. (FRACEK, 2009a, p. 103-104).

²⁰ Czarista foi um sistema político que imperou na Rússia desde 1547 até a revolução de 1917. Czar era o título que se dava ao Imperador Russo.

²¹ Florentina Dymman, não aceitou a regra escrita por Felinski, por isso separou-se. Durante os 20 anos de exílio de Felinski, ela dirigiu a congregação e sentia-se fundadora. (Historicamente não podemos negar esse fato). A separação ocorreu em 1889. Felinski tinha receio que a Congregação, não baseada na regra, poderia sucumbir. Dymman falece em 1906 e em 1908, esse grupo uniu-se a Congregação Franciscana das Missionárias de Maria, francesas, mas em 1913 separaram-se novamente. Em 1918 a Polônia recupera a liberdade religiosa. Em 1919 os dois grupos existentes unem-se com o espírito e o carisma da Família de Maria. Assim, após 30 anos, realizou-se o desejo de Pe. Felinski: uma união baseada na espiritualidade, no carisma e no seu legado.

Desse modo, Felinski retoma a Congregação e, sob sua direção, reorganiza as constituições que escrevera em 1857, pois era necessário renová-la, e edita-a em 1888, sob o título “Estatuto da Família de Maria ou servas dos pobres”.²² Desde o seio familiar, sua mãe, Ewa Felinski, incutiu nele os valores cristãos. Dessa maneira, sua constante preocupação e perspicácia com a formação sacerdotal e religiosa está inserida em seu interior. Dessa forma, estabelece meios para que este legado se faça presente na vida das pessoas, principalmente daquelas que desejavam consagrar-se a Deus e, assim, constrói a base do ser humano vocacionado.

Conforme Severino Alonso (1994), a consagração em sentido teológico nos configura realmente com Cristo e supõe uma verdadeira transformação interior. Ou seja, a vida religiosa é consagração teológica e entrega imediata a Deus.

A forma utilizada por Felinski para refletir, promover e animar a vida consagrada foi evidenciar a necessidade em ter pessoas disponíveis e próximas daqueles que sofrem: crianças e idosos desamparados. Assim, inicia a congregação “Família de Maria” para dar assistências aos mais necessitados.

4.2 FELINSKI, UM REFORMADOR DA VIDA CONSAGRADA

Nos anos de 1862 a 1863, quando Felinski foi pastor na Arquidiocese de Varsóvia²³, conduziu com grande estima e dedicação a vida consagrada, atendendo e valorizando com ardor todas as congregações. Era imbuído do carisma de estar em constante contato com as congregações, por isso nenhuma delas passava despercebida. Sua convicção com a vida consagrada era tão intensa que exerceu influência na formação de todas elas.

Felinski acolheu muitas congregações na Arquidiocese de Varsóvia e também se responsabilizou em dar assistência espiritual e animar seus membros:

²² Regra atualizada: Constituições da Congregação das irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Curitiba, 2017.

“As Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria orientarão sua vida religiosa e suas atividades apostólicas segundo o espírito do Evangelho, cultivando de modo particular o amor a Deus e ao próximo, pelo fiel cumprimento da Vontade de Deus, a exemplo de Cristo e de sua Mãe Santíssima”. (CONSTITUIÇÕES, 2017, n. 7).

²³ Desde 1862, as Irmãs da Família de Maria desenvolviam uma atividade de instrução e de educação em Varsóvia. A sua fundação na Capital, está ligada à nomeação de Felinski para o cargo de arcebispo varsoviense.

Para a espiritualidade da vida consagrada, tem sido decisiva a volta aos Fundadores. [...]. São os fundadores os que nos têm ensinado o caminho de espiritualidade com sua peculiar forma de seguir a Jesus, de viver em Jesus segundo o Espírito, que em cada um dos momentos e em cada circunstância da história nos impele a viver em plenitude a filiação, a fraternidade e a missão. Os fundadores nos introduzem na configuração com o Jesus pobre, totalmente dedicado às coisas do Padre, compassivo e misericordioso, solícito pelos mais necessitados. Têm nos ensinado a exercer a profecia e a promover a dignidade humana. Com seu exemplo e doutrina, ajudam a integrar as dinâmicas básicas e os meios adequados para o crescimento (MERINO, 2013, p. 30).

Como a espiritualidade deve ser a marca na vida dos consagrados, estes são convocados a viver os traços dessa espiritualidade que o fundador deixou para cada congregação. Na Congregação das Franciscanas da Irmãs da Sagrada Família de Maria, essa marca está pautada na obediência à vontade do Pai, amor à Eucaristia, espírito de família, devoção a Nossa Senhora, acolhimento a todos com alegria, confiança na Divina Providência, humildade, simplicidade, atenção e cuidado com os pobres e necessitados.

Segundo as Constituições das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, pelos Conselhos Evangélicos as Irmãs ligam-se de modo particular com a Igreja e com sua Missão. Por sua consagração a Deus se obrigam a cooperar, por meio de oração e trabalho, para o incremento e fortalecimento do Reino de Deus na terra (CONSTITUIÇÕES, n. 161).

Nesse sentido, a Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, de Paulo VI (1971) diz: “a regra suprema da vida religiosa, a sua norma última, é seguir a Cristo, segundo o ensinamento do Evangelho. Não foi esta preocupação que suscitou na Igreja, através dos séculos, a exigência de uma vida casta, pobre e obediente?” (ET 12). Desse modo, a vida religiosa consagrada suscita no coração de quem abraçou a causa, valores que são originários. Segundo Sancho:

A vocação à vida religiosa, mesmo quando nos seus valores centrais respeita a vocação originária do ser humano, é uma ‘vocação sobrenatural’. É seguimento radical de Cristo: imitação e vivência dos conteúdos que Ele na sua vida e mistérios nos transmite. Mas antes de tudo caracteriza-se pelo carácter de entrega total e indivisível ao amor de Deus: A profissão religiosa consiste na entrega total de todo o ser humano e de toda a vida ao serviço de Deus; ela exige a obrigação de usar os meios que resultam idôneos para o cumprimento da vocação: renúncia a toda posse de bens, renúncia a todo o vínculo humano-vital, renúncia à própria vontade (2008, p. 2).

Logo, viver a vocação, a vida religiosa, é um valor que a pessoa recebe e que por sua vez merece uma resposta, neste caso, a de Deus. Neste sentido, Felinski, fundando a congregação na clandestinidade, teve a ousadia de enfrentar o Governo do Czar. Ele sabia que, ao responder conscientemente a Deus pertencendo a uma congregação, poderia realizar, dessa maneira, um trabalho em prol da sociedade. De tal modo, Felinski esforçou-se para que os menos favorecidos fossem atendidos na sua dignidade. Mesmo que as congregações fossem clandestinas, poderiam realizar seu trabalho de forma profícua e, da mesma forma, os religiosos poderiam viver sua consagração porque é através dos:

conselhos evangélicos que a Vida consagrada procura viver na mesma forma e radicalismo que Cristo. Por isso, a visão geral que Edith Stein tem da consagração religiosa manifestada através da profissão dos votos de castidade, pobreza e obediência, apresenta sempre uma imagem totalmente positiva. Os votos são em si o meio e o caminho que orientam a resposta do homem (SANCHO, 2008, p. 3).

Na sua Arquidiocese de Varsóvia, Felinski, em seu primeiro pronunciamento aos religiosos da capital, afirmou: “acrescentai esforços para protegê-los e contribuir para seu crescimento espiritual e desenvolvimento” (ARQUIVO, 1995, p. 4). Sua estima era muito grande pelas congregações. Por isso, destinava a elas um lugar especial na Igreja e na sociedade. “Considerava-as como ‘medula e coração da Igreja’, mas também pedia para que estivessem ligadas à Igreja e às necessidades atuais, assim estariam cumprindo sua missão” (ARQUIVO, 1995, p. 4).

Mesmo diante do governo que expulsava as congregações e não compactuava com o trabalho por elas realizado em favor dos necessitados, Felinski continuava sua missão de pastor em atendimento às congregações.

Dois eram os motivos que induziam o arcebispo Felinski no principal interesse pelas congregações religiosas. Primeiramente, via nos conventos femininos o crescimento dos centros de verdadeira piedade, irradiando o ambiente e atraindo os outros cristãos para a piedade; em segundo lugar, os conventos femininos ocupavam-se da educação e instrução da juventude, como também das obras de misericórdia e boa educação das novas gerações e liquidação da miséria entre o povo, o que preocupava muito Felinski. (ARQUIVO, 1995, p. 5).

Em 1862, Felinski levou para Varsóvia as Irmãs da Sagrada Família, confiando a elas a educação e instrução das crianças pobres, e para que também pudessem dar assistência aos idosos e enfermos. Conseqüentemente, para contribuir nas mais diversas ações pastorais. Deste modo, no tempo do exílio, no interior da Rússia, mesmo de longe cuidava das congregações religiosas, enviando cartas e incentivando a vida consagrada. Por meio do conhecimento da Palavra e imbuídas da ação do Espírito Santo, para as muitas congregações que esperavam a aprovação papal, Felinski não mediu esforços em ajudá-las.

Algumas congregações aspiravam, nessa época, pela aprovação papal: Irmãs Capuchinhas, Irmãs Felicianas e Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia. Felinski envia cartas ao Vaticano, pedindo a aprovação delas. Era um ato de grande coragem, pois a descoberta destas correspondências em Roma, ameaçava-o ao exílio nas Ilhas Soviéticas, o que seria bem pior do que o exílio no qual já estava confinado em Jarosław, no Volga.

Destarte, as congregações pediam a proteção de Deus para que nada acontecesse com Felinski, pois sentiam-se apoiadas em suas vidas de consagradas. Madre Madalena Borowska, futura geral das Irmãs Felicianas, no ano de 1867, convivia com grandes sofrimentos interiores e escreveu ao Frei Honorato Kozminski: “Existe um homem, ao qual eu acreditaria, se em nome de Deus ele me dissesse, que tenho vocação [...] mas, isto é somente uma ficção, este homem está muito longe [...] e, acho não verei nunca mais, porque é nosso Arcebispo” (ARQUIVO, 1995, p. 5-6). Madre Madalena teve a graça de encontrar-se com Felinski e, assim, desfrutar de seus ensinamentos espirituais.

Sendo Felinski um animador da vida consagrada, em muitos momentos a inspiração vem d’Aquele que ele sempre venerou, e consagrou sua vida, Maria Santíssima, à qual entregou e consagrou a Arquidiocese de Varsóvia. “Maria é consagrada para a altíssima diaconia de tornar possível e visível o Emanuel, ‘Deus-conosco’” (CANDIDO, 1995, p. 1268). Em Maria, o Espírito Santo operou e consagrou a maternidade divina:

Maria é, de fato, exemplo sublime de perfeita consagração, pela sua pertença plena e dedicação total a Deus. Escolhida pelo Senhor, que nela quis cumprir o mistério da Encarnação, lembra aos consagrados o primado da iniciativa de Deus. Ao mesmo tempo, dando o seu consentimento à Palavra divina que

nela se fez carne, Maria aparece como modelo de acolhimento da graça por parte da criatura humana (VC 28).

Segundo Candido (1995), a vida consagrada é criativa e dinâmica, inclusive na reflexão em torno da Virgem Maria Mãe de Deus. Ao longo dos séculos, a contribuição mariológica foi-se ampliando: também ela representa um dom para a Igreja, para a teologia, para a mística e para a eucologia.

A vida consagrada é uma novidade constante, a consagração é cristocêntrica, mas percebe-se, todavia, que a presença de Maria é indispensável no caminho e na realização dessa vocação. “A consagração religiosa, por sua totalidade e radicalidade, acha sua máxima realização em Maria, pobre, obediente, sobretudo, virgem, expressão suprema de sua entrega total a Deus” (ALONSO, 1991, p. 516). É preciso descobrir em Maria um sinal excelente, o protótipo da vida consagrada, pois ela também passou pelo processo de desapegos, renúncias de si mesma para a contribuição no plano da salvação. Para que a missão dos consagrados possa ser profícua é preciso ter a oração como fonte da fecundidade missionária.

Desse modo, o Papa Francisco, convoca os consagrados para o discernimento, tendo presente a oração e a contemplação para fazer o êxodo:

Foi Cristo que vos chamou a segui-lo na vida consagrada, e isto significa realizar constantemente um ‘êxodo’ de vós mesmos para centrardes a vossa existência em Cristo e no seu Evangelho, na vontade de Deus, despojando-vos dos vossos projetos, a fim de poderdes afirmar com São Paulo: ‘Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’ (Gl 2, 20) (FRANCISCO, 2014, p. 22).

A vida consagrada deve voltar-se para uma vivência do Evangelho no concreto, com os pobres, com os desprezados na sociedade, enfim, aqueles que estão à margem da sociedade.

4.3 O CARISMA DE FELINSKI À LUZ DA RENOVAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA NO VATICANO II

Como descrevemos nos parágrafos anteriores, após dois anos de sacerdócio, em 1857, Felinski fundou a Congregação “Família de Maria”, hoje denominada

Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Esse processo aconteceu sem formalidade, na clandestinidade, para não ser visto pelo governo czarista. A preocupação com a formação da vida consagrada era uma constante na vida de Felinski, ele compreendia a necessidade da boa formação das religiosas e dos presbíteros para bem formar as crianças e os jovens e saber cuidar dos enfermos e dos idosos.

Severino Maria Alonso atesta que: “consagrar, em sentido teológico, é fundamentalmente o mesmo que santificar, divinizar, sacralizar ou sacrificar” (1994, p. 243). Por isso, a vida consagrada é o cumprimento destes valores numa doação total a Deus. De tal modo, “a verdadeira consagração não parte, pois, da iniciativa do homem e, sim, do chamado de Deus em Jesus Cristo” (ALONSO, 1994, p. 243). Neste sentido, Felinski não se cansava de incentivar os consagrados a se doarem constantemente à missão.

Segundo Zdzislau Gogola Pe. Felinski, foi “um renovador da vida religiosa, tanto em Petersburgo, em Varsóvia, quanto na Galícia e, principalmente, em Dzwiniacka e seus arredores” (2009, p. 79). Para Felinski, a vocação é pura graça de Deus, maior do que qualquer outra graça: tornar-se colaborador de Cristo na obra da salvação é o ponto máximo da entrega do ser humano a Deus. Não é o ser humano que escolhe o Salvador, mas, sim, Ele que escolhe o ser humano, é um chamado pessoal. Por isso é devida a Ele a infinita gratidão, da parte da pessoa, por esse dom.

As Constituições da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família exortam a imitação de Cristo e a vivência dos conselhos evangélicos:

A Vocação Religiosa que tem por fim a imitação de Cristo através dos Conselhos Evangélicos é um grande dom de Deus. Por isso, em espírito de gratidão e colaboração com a graça do Espírito Santo, empenhem-se as Irmãs em cultivar e desenvolver a graça da vocação, ajudem-se mutuamente para se manterem em Deus na Vida Religiosa. (1982, n. 26).

A preocupação com a formação religiosa era-lhe tão central que desde 1859 assumiu a pregação de retiros de várias congregações, como também para pessoas que desejavam conhecer a vida consagrada. No século XIX, já se vivia esse ardor de uma renovação e formação da vida religiosa nos Institutos de Vida Consagrada. E hoje a Vida Consagrada é lida à luz de uma renovação que permeia o caminho para

dar continuidade, através de um sinal evangélico, onde encontre abertura, diálogo e onde os consagrados possam dar testemunho do sentido de sua vida:

Sem este sinal concreto, a caridade que anima a Igreja inteira correria o risco de refrear-se, o paradoxo salvífico do Evangelho de atenuar-se, o 'sal' da fé de diluir-se num mundo em fase de secularização. A vida da Igreja e a própria sociedade têm necessidade de pessoas capazes de se dedicarem totalmente a Deus e aos outros por amor de Deus (VC 105).

A Vida Consagrada é sinal concreto da presença de Cristo. Por isso, o próprio Jesus Cristo doa esse carisma a algumas pessoas, para serem capazes de levar o amor e a misericórdia a todos os povos. Os escolhidos advêm da graça de Deus e, para que esse caminho floresça, faz-se necessária uma formação adequada e sólida para essas pessoas. “Felinski preocupava-se com o desenvolvimento interior e exterior das congregações religiosas confiadas a ele, principalmente pela Família de Maria, por ele fundada” (SZCZEPANIAK, 2009, p. 29).

Continua Szczepaniak: Felinski apoiava espiritualmente as congregações em Petersburgo e, também, no tempo em que permaneceu exilado. Recomendava que quem abraçasse a vida religiosa, o fizesse desinteressadamente e não desejasse reconhecimento, prêmios, nem gratidão por parte daqueles a quem se dedicavam.

Recomendou que a vocação fosse cultivada: “o amor de sua vocação que se revela numa paz interior imperturbável, com liberdade e alegria de espírito, logo transparece como chama deste amor e incendeia os corações dos outros” (SZCZEPANIAK, 2009, p. 31).

A vida religiosa,

No ensinamento de João Paulo II, estimula as pessoas consagradas para que se tornem testemunhas e instrumentos da paciência e poder do Espírito Santo. Para que demonstrem com consideração e com coragem missionária, a fé em Jesus Cristo, a luz que ilumina toda formação humana (SZCZEPANIAK 2009, p. 31).

No entanto, para viver uma vida consagrada, é necessário um processo formativo a fim de que as pessoas possam vivê-la na sua integridade. “Não prejudicando, mas corroborando e elevando os próprios valores humanos” (VC 97). O

Concílio Vaticano II abre para uma renovação eclesial e para a vida consagrada, e coloca um espaço específico para tratar isso à luz e ação do Espírito Santo:

Para que a adaptação da vida religiosa às exigências do nosso tempo não seja meramente externa, nem se dê o caso de aqueles que se destinam, por força do Instituto, ao apostolado externo, não se encontrem preparados para o seu múnus, sejam convenientes instruídos, segundo os dotes intelectuais e a índole pessoal de cada um, acerca dos hábitos e dos modos de sentir e pensar da vida social hodierna. A formação há de orientar-se de tal modo que, pela fusão harmônica dos seus elementos, concorra para dar unidade à vida dos religiosos. Durante a vida, procurem os religiosos completar cuidadosamente esta cultura espiritual, doutrinal e técnica; e os superiores deem-lhes, tanto quanto puderem, oportunidade, meios e tempo (PC 18).

Segundo Szczepaniak, Felinski, “desde a mocidade, interessava-se pelas vocações e por suas questões” (2009, p.18). Como leigo, nas cartas para a família, principalmente para o irmão mais velho, Aloisio, Felinski concebe o seu carisma na perspectiva do Evangelho. Propõe, também, a Virgem Maria como protótipo a ser imitado pela Congregação e recomenda a prática das virtudes da Sagrada Família. Em linhas gerais, pode-se dizer que o enfoque passa por modelar o espírito na Família de Nazaré, viver na unidade, na recusa a qualquer privilégio, não estar condicionado aos bens temporais e sustentar-se com o próprio trabalho. A exemplo da Virgem de Nazaré com a perspectiva de consagrar-se por inteiro:

[...] a pessoa consagrada encontra ainda uma Mãe por um título absolutamente especial. De fato, se a nova maternidade conferida a Maria no Calvário é um dom feito a todos os cristãos, tem um valor específico para quem consagrou plenamente a própria vida a Cristo. ‘Eis aí a tua Mãe’ (Jo 19,27): estas palavras de Jesus, dirigidas ao discípulo ‘que Ele amava’ (Jo 19,26), assumem uma profundidade particular na vida da pessoa consagrada (VC 28).

A formação espiritual e religiosa para Felinski era preciosa, pautada no Evangelho. Sua vida foi repleta de ajuda às pessoas que procuravam seguir Jesus na vivência de sua consagração. Neste sentido, “a consagração religiosa é entrega e consagração imediata a Deus; portanto, tem valor e sentido teologal. Propriamente, o religioso não se consagra ao culto, ao serviço, a glória de Deus, e sim a Deus mesmo” (ALONSO, 1994, p. 251).

Nas cartas ascéticas escritas para as irmãs, suas orientações sempre estão voltadas para um ensinamento espiritual e até hoje fazem parte do fundamento da formação religiosa na Congregação das Irmãs Franciscana da Sagrada Família de Maria. Na carta número 34²⁴, lemos: “O dever de glorificar a Deus, não é de nenhum modo uma espécie de mandamento, não saberíamos de sua existência, se não nos fosse revelado. Este dever advém da lei natural que o próprio Criador gravou no nosso coração” (FELINSKI, 2000a, p. 137).

De acordo com Fracek, na carta ascética n. 40 Felinski indica caminhos para a Congregação: “a Família de Maria [...] escolhe como finalidade principal a divulgação da glória de Deus, o trabalho com o próprio aperfeiçoamento e a dedicação ao próximo” (2009b, p. 102). E assim, com essa finalidade geral para todas as congregações, Felinski traça sua missão, a “característica das irmãs, que escolheram ‘a vida ativa’, isto é, ‘dedicação aos pobres’” (2009b, p. 102). Quanto ao caráter da Congregação, “desde o seu início e até hoje, propõe a capacidade de adaptação às necessidades do momento” (FUDALI, 2009, p. 238).

Felinski, em sua carta n. 31, recomendou que, para ser religioso, não é preciso ser perfeito. Seria um erro pernicioso. “A perfeição aqui na terra é algo impossível. Ela é o fim último ao qual perseguimos até a sepultura. Somente o Senhor Jesus e a Santíssima Virgem, ‘a cheia de graça’, foram perfeitos na terra” (2000a, p. 123).

O Concílio Vaticano II renovou a vida consagrada com todo seu valor eclesial e pede aos membros de seus Institutos para rever suas origens carismáticas e, assim, assumir o seguimento de Jesus na sua radicalidade, no meio dos pobres, viver a inserção, participar da vida da Igreja e empenhar-se na ação missionária. Enriquecer a evangelização através da formação continuada e constante faz com que os consagrados se tornem presenças vivas nas suas atividades de missão:

O processo de renovação do Concílio Vaticano II trouxe mudanças nos vários âmbitos da vida eclesial e na reflexão teológica, um dos fatores que ganha destaque é a vida religiosa. [...] A Vida Religiosa ou consagrada, se caracteriza pela prática dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, em determinado Instituto de Vida Consagrada, cujos fundadores/as imprimiram um carisma particular e acentuaram aspectos originais da vivência da espiritualidade cristã (MURAD, 2015, p. 831).

²⁴ Esta carta encontra-se na íntegra em anexo, no final desta dissertação.

O Concílio Vaticano II foi o evento que trouxe grandes renovações para as estruturas da Igreja, e a Vida Consagrada não ficou de fora dessa renovação. A consagração é dom do Espírito Santo e Felinski, com a certeza desse dom, funda a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria para que, imbuída dessa ação, pudesse dar uma resposta comprometida e profética. Consequentemente,

É o Espírito que suscita o desejo de uma resposta cabal; é ele que guia o crescimento desse anseio, fazendo amadurecer a resposta positiva e sustentada, depois, a sua fiel realização; é ele que forma e plasma o espírito dos que são chamados, configurando-os a Cristo casto, pobre e obediente, e impelindo-os a assumirem a sua missão (VC 19).

A vida consagrada é profecia, é configurar-se com Cristo, é opção de castidade, pobreza e obediência, é construir valores humanos em uma sociedade em constante mudança. “A vida consagrada é uma vivência de valores evangélicos no meio do mundo, que muitas vezes não aprecia, ou até rejeita esses valores” (KEARNS, 1999, p. 28). É empreender o amor recebido do Pai e distribuí-lo ao próximo como dom gratuito de Deus, já antes de ser consagrado na vida religiosa:

Pelo batismo, o cristão já morreu para o pecado e ficou consagrado a Deus; mas, para conseguir fruto mais abundante da graça batismal, procura, pela profissão dos conselhos evangélicos na Igreja, libertar-se dos impedimentos que o poderiam afastar do fervor da caridade e da perfeição do culto divino, e consagrar-se mais intimamente ao serviço de Deus. Esta consagração [será o vínculo, com o qual] é representado Cristo, indissoluvelmente unido com a Igreja, sua esposa (LG 44).

Afonso Murad (2015), afirma que a necessária atualização da *Vita Consecrata* comporta, simultaneamente, a volta às fontes da vida cristã, a inspiração fundacional dos Institutos e a sua adequação às novas condições dos tempos. Resumidamente, os critérios gerais são:

- a) adotar como regra suprema o seguimento de Cristo;
- b) manter o espírito e as intenções dos fundadores e as tradições, que constituem o patrimônio de cada Instituto;

c) participar da vida da Igreja e favorecer as iniciativas eclesiais em matéria bíblica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e social;

d) oportunizar aos seus membros o conhecimento da realidade atual do mundo e das necessidades da Igreja, de forma a atuar com zelo apostólico e ir ao encontro das pessoas;

e) animar e renovar a vida espiritual (PC 2).

Em Alonso (1994) a consagração, em sentido teológico, implica e, ao mesmo tempo, é relação estritamente pessoal, de tu a tu, com Deus. É referência direta e imediata a Ele, aplicável à pessoa na sua individualidade. Só a pessoa pode relacionar-se de modo íntimo, entranhável e formal com Deus, só a pessoa está sujeita à graça e ao amor. Assim, só ela pode ser introduzida no âmbito de Deus-Trindade e responder à sua ação com consentimento livre.

A grandeza da vida consagrada consiste em apresentar Cristo com clareza no meio em que se vive. Levá-lo ao povo para que possa contemplá-lo, através de sua missão, confortando os enfermos, aliviando as dores, o cansaço e o sofrimento. Desse modo, é acolher o ser humano na sua fragilidade. Papa Francisco na carta aos consagrados nos adverte:

Acolher tal magistério significa renovar a vida segundo o Evangelho, não no sentido de radicalidade entendida como modelo de perfeição e, muitas vezes, de separação, mas no sentido de adesão *toto corde*²⁵ ao encontro de salvação que transforma a vida: 'Trata-se de deixar tudo para seguir o Senhor. Não, não quero dizer radical. A radicalidade evangélica não é só para os religiosos: a todos se exige. Mas os religiosos seguem o Senhor de modo especial, de modo profético. Espero de vós esse testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo' (FRANCISCO, 2014, p. 8).

Dessa maneira, o testemunho está visível na vida consagrada. Embora a profissão dos conselhos evangélicos implique a renúncia, eles contribuem para a purificação do coração e para a liberdade do espírito.

A vida consagrada é acontecimento eclesial, no sentido forte dessa palavra, porque nasce na Igreja e para a Igreja, em suas mesmas entranhas e de sua vitalidade intrínseca, como representação sacramental de Cristo-virgem-pobre-

²⁵ Com todo o coração (em tradução livre)

obediente nela. Nisto consiste sua identidade teológica e sua verdadeira missão (ALONSO, 1994, p. 276).

A vida consagrada faz parte da vida eclesial, e colabora nas mais diversas necessidades da Igreja. “A vida religiosa é convidada a significar, em suas variadas formas, a própria caridade de Deus, em linguagem de nossa época” (CAT 926). Há uma participação diversificada de evangelização, pois os carismas são diversos e estão a serviço desta inserção:

A inserção não foi outra etapa das transformações sofridas pela vida religiosa desde o Concílio. Sua novidade consiste em ter vislumbrado a conexão interna das etapas anteriores, integrando suas conquistas dentro de sua preocupação em configurar todo o projeto religioso de uma maneira diferente (PALÁCIO, 1990, p. 515, tradução nossa).

A reflexão teológica da vida consagrada aprofundou as perspectivas no Concílio Vaticano II. “A vida consagrada, presente na Igreja desde os primeiros tempos, nunca poderá faltar nela, enquanto seu elemento imprescindível e qualificativo, expressão da sua natureza” (VC 29).

Na atualidade a vida consagrada é lida à luz de uma renovação que permeia o caminho de continuidade através de um sinal evangélico possível de abertura, de diálogo e onde os consagrados possam dar testemunho de sentido de sua vida. Desse modo:

A vida consagrada, que no passado soube criar e dirigir obras inspiradas na lógica evangélica, é chamada hoje a repensar, reinventar, criar lugares em que o Evangelho possa ser lido em suas possibilidades, inspirações e frutos, em que se possa ver e tocar Deus (CNBB, 2017, 87).

O Concílio Vaticano II traz um novo ardor para essa renovação, e coloca um momento específico para tratar isto à luz do discernimento. O Cardeal João Braz de Aviz, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica no Vaticano, afirma que estamos diante de um novo chamado do Espírito Santo. Como João Paulo II, à luz da doutrina da Igreja-comunhão, exortou as pessoas consagradas a “serem verdadeiramente peritas na comunhão e praticarem a

sua espiritualidade” (VC 46), também o Papa Francisco, inspirado em São Francisco, fundador e inspirador de tantos institutos de vida consagrada, alarga os horizontes e convida-nos a sermos artífices da fraternidade universal, guardiões da casa comum da terra e de cada criatura (LS 2015).

Por meio dos ensinamentos teológicos e espirituais de Felinski, hoje a vida consagrada das Irmãs da Congregação Franciscanas da Sagrada Família é impulsionada na mesma ação do Espírito Santo, com a realidade na qual cada consagrada possa viver a sua missão e se fortalecer pela Palavra de Deus:

É a Palavra de Deus que suscita a fé, que a alimenta e regenera. É a Palavra de Deus que sensibiliza os corações, que os converte a Deus e à sua lógica, que é tão diferente da nossa; é a Palavra de Deus que renova continuamente as nossas comunidades (FRANCISCO, 2014, p. 36).

A vida consagrada nasce da escuta da Palavra de Deus, acolhe o Evangelho como norma de vida e, assim, a missão é realizada na alegria, com a função de comunicar Cristo às crianças e aos jovens, atendendo os doentes, idosos, famílias, dando testemunho e compromisso com a vida. Com este testemunho a vida consagrada é convidada a rever o objetivo inicial da fundação e colocar-se, nos tempos hodiernos de uma realidade de pós-pandemia, de um modo diferente e, naturalmente, novo. Dessa maneira, também os consagrados foram convidados a rever suas vidas, partindo do seu próprio interior:

O vírus nos mostrou que há coisas na vida consagrada que deixaram de ser importantes. A atual realidade estrutural da vida consagrada foi posta em questão, sobretudo o fato de não se cultivar e se cuidar daquela que podemos chamar de pedra angular da vocação religiosa: a felicidade. É preciso sair desse cerco que multiplica as verdades e os costumes intocáveis e, em vez disso, buscar novas formas para chegar a expressar os valores evangélicos (ARNAIZ, 2021, p. 1).

Desse modo, percebe-se que a vida consagrada é vivida em diferentes contextos e expressa valores espirituais e teológicos nos quais os consagrados são chamados a responder no seguimento a Jesus Cristo. Na próxima seção refletiremos sobre a especificidade — a natureza carismática —, para compreendermos os carismas na realidade atual.

5 CONTRIBUIÇÕES DO CARISMA DE FELINSKI PARA A REALIDADE DA VIDA CONSAGRADA HOJE

Esta seção traz uma reflexão sobre o que é carisma para Felinski, suas contribuições para a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria e para a vida consagrada hoje.

Segundo Romero (1994, p. 89), “o termo carisma tem procedência na raiz grega *char* e se refere ao objeto e ao resultado da graça divina, ‘*charis*’: algo que produz bem-estar, um dom outorgado por Deus aos crentes de qualquer ordem ou grau”. Sendo assim, o carisma é um dom que Deus dá às pessoas a fim de que possam contribuir na realização do plano de Deus nas mais diversas realidades do mundo. É uma experiência do Espírito de Deus, que o ser humano vive na sua vida e que o impulsiona para a missão e para o anúncio do Reino de Deus, ou seja, refere-se a uma graça, a um dom ou a dons gratuitos do Espírito Santo.

Trata-se de uma dádiva concedida a alguém, não porque é melhor que os outros, nem porque a mereceu: é um presente que Deus lhe oferece para que, com a mesma gratuidade e com o mesmo amor, o possa pôr ao serviço da comunidade inteira, para o bem de todos (FRANCISCO, 2014, p. 1).

Por conseguinte, o carisma é dom, graça concedida a uma pessoa; não é uma doutrina e, sim, a própria pessoa de Jesus Cristo que se doa. Os fundadores das mais diversas ordens e congregações viveram e transmitiram o que de mais precioso descobriram dentro de si. “A fecundidade dos fundadores centra-se no carisma, ou no dom do Espírito que os torna capazes de realizar uma missão para o bem da Igreja” (LOZANO, 1994, p. 494). São Paulo usa o termo carisma para indicar o dom concedido pelo Espírito Santo em vista de um bem comum. “Tendo, porém, dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada, aquele que tem o dom da profecia, que o exerça segundo a proporção da nossa fé” (Rm 12,6).

Na Carta aos Romanos, Paulo coloca isso de forma objetiva, para que cada batizado realizasse e distribuísse o dom conferido: “o carisma é uma graça, um dom conferido por Deus Pai, por obra do Espírito Santo” (FRANCISCO, 2014, p. 1). Assim, pensar o carisma de Felinski, é repensar a Congregação que ele fundou diante das demandas atuais. A fonte de toda inspiração é sempre o Espírito Santo, Ele é quem

impulsiona a pessoa a viver um determinado carisma. A biografia de Felinski continua a nos impulsionar, pelo dom do Espírito Santo a ele doado, a continuar a “obra” por ele fundada: a Congregação ‘Família de Maria’. É um Carisma específico na e para a Igreja:

Em sã teologia, fiel a São Paulo, somente o Espírito é autor dos carismas na Igreja. É, portanto, o Espírito que comunica esse mesmo carisma aos outros membros do Instituto. O fundador liga-o somente no sentido de que, ao morrer, deixa sua vida como protótipo com o qual confrontar-se e com ela a descrição que fez ou veio fazendo de seu carisma. O grupo nasce precisamente porque certo número de homens e mulheres tomam consciência de seu próprio carisma vocacional, ao ver o fundador, e se associam com ele para realizar sua vocação (LOZANO, 1994, p. 494-495).

Nesse sentido, os dons que Deus ofereceu à Igreja não envelhecem, mas também não permanecem perpetuamente iguais; se permanecerem, fazem-no sempre num duplo movimento que pressupõe renovação e fecundidade. No século XXI vivemos uma pluralidade de carismas na Igreja que se abrem às novas organizações carismáticas, diante das várias e emergentes necessidades e transformações sociais e eclesiais.

No entanto, cabe aos Bispos, assim como outras instâncias da Igreja, oferecer o seu serviço na integração e renovação das novas realidades carismáticas, conhecendo, partilhando, acolhendo e acompanhando, a partir de uma atitude humilde e caridosa de escuta do Espírito Santo, e assim saberem guiar, coordenando um caminho de integração dos novos carismas, sem tentarem uniformizá-los ou catalogá-los. Contudo, a Igreja possui também a tarefa de recordar a necessidade de voltar ao que é conhecido — ou seja, aos carismas originários — mas que hoje é necessário se fazer presente de novo, para responder às exigências da comunidade eclesial. E a urgência particular neste tempo histórico é de comunicar eficazmente o Evangelho: a nova evangelização é uma tarefa indispensável de toda a Igreja.

5.1 O CARISMA DO FUNDADOR: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Nesta pesquisa, em várias partes, mencionamos que a Igreja é assistida pelo Espírito Santo mediante os seus dons. Eles têm a missão de governá-la: os dons

hierárquicos; e de enriquecê-la: os dons carismáticos. O Espírito distribui os seus carismas a todos os fiéis para a edificação da Igreja. Os leigos os recebem para contribuir com sua missão salvífica mediante o apostolado. Estes carismas estão amplamente difundidos, mas não devem ser desejados temerariamente: devem ser submetidos ao discernimento e integrados na vida e atividade da Igreja (LG 12, 30).

Com a eclesiologia do Vaticano II, de modo particular, com a perspectiva proposta na *Lumen Gentium*, a vida religiosa é apresentada como um chamado universal à santidade. Ou seja, a vida religiosa é apresentada no contexto amplo do chamado de todos os cristãos à santidade. Nesse sentido, a Vida Religiosa é somente um caminho para atingi-la dentro da Igreja.

Além dessa perspectiva, a vida religiosa é inserida na realidade carismática da Igreja mediante o uso da palavra “carisma”, “dom” e “graça”. Portanto, a vida religiosa é identificada pelo Concílio não como carisma, mas como “dom”. A Vida Religiosa, que se identifica com os conselhos evangélicos, é considerada um dom do Espírito à Igreja. Um dom que existe como testemunho à vida dos homens e mulheres que abraçaram os conselhos evangélicos ao longo da história da Igreja.

Nesse sentido, o fundador de uma congregação recebe de Deus um dom que é concedido a ele: dom pessoal, particular e intransferível. Ele vive o que intui dentro de si, coloca à disposição da Igreja o que de mais caro lhe foi concedido por obra do Espírito Santo. “O carisma na teologia do fundador (ou mais simplesmente na vida religiosa: celibato, por exemplo) é dom vocacional” (LOZANO, 1994, p. 494). O fundador desenvolve o dom recebido em favor de outras pessoas que querem responder e seguir o chamado a uma vocação específica. “O carisma é uma riqueza que vem de Deus e que é dado à comunidade dos cristãos a fim de que não falte, na Igreja, nenhum dom” (1Cor 1, 7).

Deste modo, o Carisma dos fundadores, nasce no campo fecundo da reflexão:

Paulo VI é o primeiro a usar essa terminologia ao dirigir-se ao capítulo geral especial dos padres montfortianos e aos irmãos da instrução cristã de São Gabriel [...]. É também o primeiro que inaugura num documento oficial: na exortação apostólica *Evangélica testificativo*, (1971). Nesse documento é usado também, pela primeira vez, a expressão ‘carisma da vida religiosa’, que ‘longe de ser impulso nascido da carne e do sangue’ (Jo 1,13) [...] ‘se conforma com o mundo presente’ (Jo 1,13) e é ‘o fruto do Espírito Santo que opera sempre na Igreja’ (ET 11). É sinal concedido para servir a toda a

unidade eclesial mais do que para a santificação da pessoa que o recebe (ROMERO, 1994, p. 95).

Deste modo, viver o dom-carisma não é fazer as mesmas coisas que o fundador fez, mas responder aos apelos do Espírito diante das necessidades de hoje. “O carisma admite evolução. Não é estático, mas dinâmico, como a vida. A lídima evolução é sempre enriquecedora, nunca permite contradição, senão profundidade e um explícito evoluir na mesma linha do pensamento e da vida (ALONSO, 1991, p. 496). Em seguida, o carisma é vivido com a comunidade na qual se vive e com outras comunidades religiosas. A Vida Religiosa, portanto, é suscitada na Igreja como um dom do Espírito. Se esta Vida Religiosa surge dos carismas, a sua identidade se encontra nesta dimensão, constitutiva e essencial da Igreja. É parte imprescindível de sua vida e dinamismo.

Sendo assim, “O núcleo central do carisma responde à vocação a satisfazer essa necessidade, para a qual nasce o Instituto religioso, e para a qual abraçam a vida religiosa seus membros” (LOZANO, 1944 p. 495). A vocação à vida consagrada é sempre convidada a refletir, rever e viver de modo assíduo o carisma deixado pelo fundador(a):

Ao se falar de ‘carismas dos fundadores’ é mister distinguir ‘o carisma de fundador’ do ‘carisma do fundador’. Com a expressão ‘carisma de fundador’ indica-se o dom, em sentido geral, que habilita uma pessoa para iniciar uma nova fundação, prescindindo das modalidades históricas de atuação e de seus conteúdos específicos espirituais. Com a expressão ‘carisma do fundador’ faz-se referência ao conteúdo mais específico do dom inerente de um modo singular a todo fundador para perceber, viver e mostrar na história uma experiência particular do mistério de Cristo, segundo as notas originais do fundador (ROMERO, 1994, p. 95).

As habilidades recebidas para comunicar de forma clara a mensagem inspirada pelo Espírito Santo e transmitir valores e sentimentos que perpassam sua história de vida, são sementes lançadas no chão para produzir frutos. São os novos semeadores propagados pelo Evangelho de Marcos. E os frutos dessas sementes são a dimensão na qual o carisma chega a diversos lugares: “o carisma – todo carisma – é, em primeiro lugar, uma auto revelação de Deus. É nessa manifestação divina que a pessoa se descobre a si mesma” (CENCINI, 2002, p. 61). Dessa forma, vive-se a mais alta dimensão do amor a Deus na partilha dos seus dons:

À parte os dons que pode receber individualmente, enquanto origem humana de um Instituto, a fundadora ou fundador recebe duplo dom: primeiro, o que o habilita para criar uma família evangélica na Igreja; segundo, o que orienta para um gênero de vida e um serviço na comunidade. O primeiro é seu como pessoa; no segundo coincidirá com os membros de seu grupo e será por isso carisma do instituto (LOZANO, 1994, p. 494).

Amadeo Cencini (2002) assegura que todo carisma está contido na Bíblia, é uma página da Bíblia, ou pelo menos algumas linhas do Evangelho particularmente frisadas. A meditação e contemplação dessa Palavra faz nascer uma forma correspondente de se viver o relacionamento com Deus e de experimentar a intimidade com ele. Em 1Cor 12, 4 - 11, Paulo apóstolo explica os dons, o carisma conforme a pessoa recebe e, assim, pode distribuir aos outros, fazendo o que o Espírito lhe concedeu em graça:

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito, a outro, o mesmo Espírito dá a fé, a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a poesia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz (1Cor 12, 4 - 11).

Romero (1994) assevera que a expressão “carisma dos fundadores” designa, em seu significado geral, aquele dom do Espírito oferecido benevolmente por Deus a alguns fundadores, homens ou mulheres, a fim de produzir neles determinadas capacidades que os tornam aptos a dar luz às novas comunidades de vida consagrada na Igreja.

Desse modo, Felinski respondeu às urgentes necessidades da Igreja do século XIX ao contribuir com seu carisma específico, de ajudar a Igreja com a missão concreta no amparo às pessoas necessitadas e, também, devolvendo-lhes a dignidade humana. Mesmo diante do controle total do governo czarista, não se calou na missão que Deus lhe havia confiado, pois o chamado é Deus quem faz e o caminho se dá na oração e no silêncio: “o dom da fecundidade é espiritual” (LOZANO, 1994, p. 494).

Felinski passou em sua vida por diversos sofrimentos, desde muito jovem: a perda de seu pai, a mãe exilada, os irmãos órfãos. Nunca desistiu do seu ideal e conseguiu dar continuidade aos seus estudos mesmo com muitas dificuldades. É possível perceber que o dom de fundar a congregação já se fazia presente, impulsionando-o a levar adiante a proposta de Deus.

O início da Congregação “Família de Maria”, seu pastoreio na Arquidiocese de Varsóvia, seu exílio e a separação dessa mesma Congregação, foram momentos de grande aprofundamento, aprendizado e discernimento que, ainda hoje, são um testemunho fecundo frente às crises surgidas, na atualidade, em diferentes tópicos (político, econômico, social, religioso, sanitário etc.), e à globalização e facilidades inerentes ao século XXI, que cobrem toda a geografia do planeta. Essa nova modalidade de viver nos coloca de frente à nossa vulnerabilidade e escarna a urgência do termo solidariedade, pois fica evidente a dependência uns dos outros para cuidar da vida individual e comunitária, e do planeta como um todo.

Felinski, com seu testemunho de vida, nos ensina que é preciso perseverar no chamado de Deus e levar adiante o carisma – renovando-o. É preciso situar-nos ante a evidência inegável das brechas sociais que minam a possibilidade de viver com dignidade. Compreender que “toda a vida humana comporta sofrimento. [...] A existência do místico distingue-se pelo gozo vivíssimo, fundamental, e pelo sofrer igualmente vivo. É surpreendente a presença dos sofrimentos nas vidas dos fundadores e fundadoras” (LOZANO, 1994, p. 496).

Mas os fundadores souberam viver o carisma como uma tarefa compartilhada, num sentido de pertencimento e de serviço à Igreja:

O carisma do fundador é intransferível, porque corresponde somente ao fundador inaugurar esta iniciativa na história, somente a ele corresponde criar novo e particular estilo de vida espiritual. Ao carisma do fundador, enquanto fundador, pertencem aquelas características únicas e irrepetíveis e que se não podem ideologizar nem imitar (ROMERO, 1994, p. 95).

Sendo o carisma intransferível, os membros que pertencem a uma congregação são convocados a interpretar o dom que o fundador recebeu para uma determinada época, sua extensão na história da Igreja e sua dinamicidade. Viver o carisma fundacional requer que se compreenda seus elementos essenciais e

originais. De tal modo, compreende-se o franciscanismo, p. ex., que se perpetua e continua se atualizando nas realidades atuais. Na base do carisma de cada Congregação está o carisma pessoal doado ao fundador em vista do bem da Igreja.

Paulo VI, na sua exortação apostólica *Evangelica Testificatio* nos ajuda a compreender os carismas dos fundadores quando escreve:

Só assim podereis despertar de novo os corações para a Verdade e para o Amor divino, segundo o carisma dos vossos fundadores, suscitados por Deus na sua Igreja. Desta forma, insiste o Concílio e justamente, na obrigação dos Religiosos e das Religiosas, de serem fiéis ao espírito dos seus fundadores, às suas intenções evangélicas e ao exemplo da sua santidade, vendo nisso precisamente um dos princípios da renovação em curso e um dos critérios mais seguros daquilo que cada Instituto deveria empreender (ET 11).

Como dissemos, o carisma é dom e ação do Espírito Santo. “Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o coração do Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício” (EG 130). Uma congregação será fiel ao seu carisma se o mantiver vivo e atualizado à luz do Espírito Santo. A atualização do carisma é uma questão de discernimento pessoal diante das exigências nas quais a congregação e seus membros são chamados.

Sejam extraordinários, sejam simples e humildes, os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, ordenados que são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo (CAT 799).

O desenvolvimento teológico-eclesiológico do termo carisma ajuda-nos a identificar com precisão o seu significado. Alguns autores diferenciam carisma de fundação de carisma do fundador. O primeiro, é dom que habilita uma pessoa a dar início a uma fundação; o segundo, é uma experiência particular no mistério de Cristo. As diretrizes para a Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, *Mutuae Relationes*, 1978, afirma que:

A nota carismática própria de qualquer Instituto exige, tanto no Fundador como nos seus discípulos, contínuo exame da fidelidade ao Senhor, da docilidade ao seu Espírito, da atenção inteligente às circunstâncias e da visão cautamente voltada para os sinais dos tempos, da vontade de inserção na

Igreja, da consciência de subordinação à sagrada Hierarquia, da coragem nas iniciativas, da constância em doar-se, da humildade em suportar os contratempos. A relação justa entre carisma genuíno, perspectiva de novidade e sofrimento interior, comporta uma constante histórica de conexão entre carisma e cruz, a qual, mais que qualquer outro motivo para justificar as incompreensões, é sumamente útil para discernir a autenticidade de uma vocação (MR 12).

Nesta reflexão sobre o carisma insere-se também a congregação fundada por Felinski, as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, chamadas a responder, no século XXI, ao dom deixado pelo seu fundador.

5.2 CARISMA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA

A congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria teve seu início no final do século XIX, quando a vida religiosa na Rússia estava praticamente sendo fechada por causa do governo czarista.²⁶ A liberdade da Igreja Católica estava limitada e a vida religiosa condenada a desaparecer. Mesmo diante deste cenário, um grupo de jovens saiu à procura de mosteiros fora da Rússia, dedicando-se ao trabalho de caridade.

O carisma da nova congregação consiste em seguir Jesus Cristo da Sagrada Família, pobre, obediente e crucificado. Seguindo as inspirações de Felinski, as Irmãs são convocadas a traduzir em gestos concretos as virtudes da Família de Nazaré - sua humildade e simplicidade²⁷ - no Evangelho como forma de vida, e iluminadas pelo carisma de São Francisco, para que “aprendam as Irmãs a fraternidade, a alegre convivência com as criaturas, o despojamento, e sigam as pegadas do Divino Mestre, pobre, obediente e crucificado” (CONSTITUIÇÕES DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DA SAGRADA FAMÍLIA, 2017, n. 11). Um carisma, como propõe Papa Francisco na *Laudato Si*, preocupado com o desenvolvimento integral do ser humano. Porque

²⁶ Por incrível que pareça, a Congregação (das irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria) recebe do próprio Czar da Rússia a aprovação, guardando as características de congregação religiosa. (CRUZ, 1993, p. 43)

²⁷ A característica da Espiritualidade da Congregação, transmitida pelo Fundador, é o espírito de humildade e simplicidade, à luz da qual as Irmãs formarão o seu relacionamento com Deus e com o próximo, e cumprem a Vontade de Deus, confiando na Divina Providência (CONSTITUIÇÕES, 1982, n. 8, p. 12).

somente nesse movimento o ser humano pode encontrar possibilidades de compreender-se a si e ao outro e de reencontrar sua identidade.

Na sociedade hodierna, onde vivemos uma cultura do descarte e do desprezo pelo outro, as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria são chamadas a testemunhar o dom do carisma: “Sem diferença, todas têm o dever para com um amor sincero e efetivo. Tal amor chamamos de serviço. Faça tudo o que te pertence, oriente os menos conhecedores da fé, anuncie e esclareça os santos mistérios” (FELINSKI, 2009a, p. 9).

Como comunidade, unida na fé, a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria é “convidada a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta” (LS, 14), e conseqüentemente, o futuro da humanidade. A renovação desse diálogo pode ter como caminho, primeiramente, as reflexões empreendidas sobre a formação da pessoa. Para tanto, faz-se necessária uma educação cuja finalidade deve ser a formação de um ser integral.

Diante das atuais crises, da realidade complexa em que vivemos, o carisma do fundador Felinski nos convida, a partir de um olhar de fé e esperança, a ler os fatos com uma atitude crítica e profética e um compromisso construtivo, em discernimento, reconhecendo o que Deus nos indica, alertando que a vida religiosa é chamada a ir até as fronteiras, a denunciar, a sair em missão. “Aquele que tem o dom do serviço, o exerça segundo a proporção da nossa fé” (Rm 12, 7).

Na Última Ceia, Jesus dirige-se aos Apóstolos com estas palavras: “Não fostes vós que me escolhestes, fui Eu que vos escolhi” (Jo 15,16). Dessa forma, Jesus recorda a todos que a vocação é sempre uma iniciativa de Deus. Para isso é necessário assumir os valores do Evangelho, como horizontes de ser e agir, apostando em caminhar com outros, abraçando a situação dos pobres e excluídos, empenhados na formação de uma consciência crítica e de responsabilidade social, deixando ressoar as propostas do carisma e da Igreja hoje.

Seguindo as palavras da Igreja refletidas no carisma fundacional, a congregação é chamada a profetizar e testemunhar. Este foi o chamado que fez Felinski à vida religiosa, mostrando que a nossa vida é um mistério, é um lugar onde as pessoas toquem e digam: ‘Deus existe, a esperança existe’. “Traduzir na vida e atividade o Evangelho de Jesus Cristo” (CONSTITUIÇÕES DA CONGREGAÇÃO

DAS IRMÃS DA SAGRADA FAMÍLIA, n. 1). Isso significa corresponder aos desígnios de Deus. Tendo sempre presente a prontidão e alegria, servir o Reino de Deus, ao qual é dado o 'sim', professando os Conselhos Evangélicos. “A alegria do Evangelho” (2013), esta também foi a rota sugerida pelo Papa Francisco para a caminhada da Igreja nos próximos anos. Quase a profecia de uma renovação profunda proposta a todos os cristãos. Um texto operacional destinado a sacudir todas as instâncias e todas as dinâmicas da Igreja; um convite a emancipar-se de tudo o que entorpece a missão de anunciar o coração palpitante do Evangelho entre os homens de hoje, assim como são.

O próprio carisma impulsiona para a missão, para ir além das fronteiras e deixar-se imbuir pelo chamado de ser consagrada:

O Arcebispo Felinski, no seu modo de pensar, se antecipou ao pensamento do Concílio Vaticano II, visto que já naquela época afirmava que a missão é questão de cada Congregação. Definia este pensamento em seus escritos, dizendo que o serviço à Igreja é a participação na sua missão salvadora. O Fundador preparava as Irmãs e as estimulava na obra missionária. Nas normas ascéticas, intituladas *O Espírito da Família de Maria*, exigia das Irmãs plena prontidão para partir a qualquer parte do mundo a fim de cumprir a sua missão. Definiu que as Irmãs devem expressar a sua “[...] disponibilidade de partir sob a ordem da Madre, mesmo que seja para a parte mais distante do mundo, para fundar ou atender outras casas da Família de Maria (FUDALI, 2009, p. 238).

Danuta Fudali afirma que: “as Irmãs receberam o espírito missionário de seu Fundador. É dele o exemplo e as orientações que constituíram a causa de todas as ações positivas, inspiração e estímulo para as ações das primeiras missionárias no início de tudo” (2009, p. 245).

Assim, desde a sua fundação até os dias de hoje, as irmãs da congregação continuam fiéis ao carisma. Imbuídas desse espírito, prestam serviço à Igreja e contribuem nas mais diversas necessidades da missão, sem esquecer que se encontram inseridas na realidade atual. “Uma ajuda preciosa vos é oferecida pelas formas de vida que a experiência, fiel aos carismas dos diversos institutos, levou a adotar, e das quais ela diversificou as sínteses e para as quais sugere incessantemente ulteriores transformações” (ET 32). O documento do Papa João Paulo II sobre a *Vita Consecrata* nos impulsiona, ainda, a viver na fidelidade o carisma de cada congregação, mas na comunhão com os outros carismas:

Antes de mais, exige-se a fidelidade ao carisma de fundação e sucessivo patrimônio espiritual de cada Instituto. Precisamente nessa fidelidade à inspiração dos fundadores e fundadoras, dom do Espírito Santo, se descobrem mais facilmente e se revivem com maior fervor os elementos essenciais da vida consagrada (VC 36).

Viver na intensidade do carisma é dar passos firmes frente à missão da Igreja confiada a cada ser humano, especialmente aos chamados a viver uma vida de consagração pelo Reino de Deus. “Se sofremos como católicos, como pessoas consagradas a Deus, não só não lamentemos, mas alegremo-nos, porque nos tornamos dignos em sofrer algo por Cristo, como outrora os apóstolos” (FELINSKI, 2000a, p. 158). Assim, o carisma surge, funda-se a congregação para dar uma resposta à sociedade e à Igreja de seu tempo:

O carisma de uma congregação surge para responder a particulares necessidades, materiais, de algumas categorias de pessoas. Ele não é concebível sem este impulso e esta atenção orientada para os outros. É isso que constitui e caracteriza a identidade carismática de toda a família religiosa (CENCINI, 2002, p. 43).

Sofia Krupa, em palestra proferida em 15 de maio de 2021, em Curitiba por videoconferência, ressaltou que cada Irmã é a fonte originária da congregação, isto é, o Carisma, a Missão e a Espiritualidade. Vale lembrar que o único carisma do qual procedem todos os carismas é Jesus Cristo, porque Ele é doação perfeita do Pai.

Os consagrados são convidados a viver o seu carisma como um dom a serviço da Igreja. Deste modo, o carisma é um dom para os outros e deve ser partilhado, pois na partilha enriquece cada vez mais. Não é para o bem-estar psicológico, nem mesmo espiritual da pessoa que recebe (CENCINI, 2002).

A finalidade última de um carisma é levar auxílio aos necessitados, isto é dom do Espírito Santo confiado a uma pessoa para o bem de toda a Igreja (FUDALI, 2009). A regra escrita por Felinski no ano de 1888 é prova disso. Nela encontramos uma definição da finalidade da Congregação e de sua missão na Igreja:

A Família de Maria escolhe para si como finalidade principal a propagação de glória divina, o trabalho com o próprio aperfeiçoamento e a dedicação do serviço ao próximo, principalmente aos pobres, por meio da educação e instrução das Crianças, cuidado aos doentes, deficientes e idosos nos

estabelecimentos que estão aos cuidados da Família de Maria (FUDALI, 2009 p. 237).

Felinski, ao fundar a congregação não teve medo dos limites de espaço e tempo. Desde o início, na capital setentrional do Império Russo esteve atento às necessidades e às suas adaptações. As primeiras Irmãs da Sagrada Família de Maria eram pessoas atentas aos sinais dos tempos. O artigo 5º das Constituições da Congregação define a missão da Família de Maria:

As Irmãs realizem o fim apostólico da Congregação na formação e educação das crianças e da juventude, na assistência aos enfermos e anciões, bem como, na colaboração com o clero na pastoral, na catequese, nos seminários e nas obras de caridade (CONSTITUIÇÕES DA CONGREGAÇÃO DA IRMAS DA SAGRADA FAMÍLIA, n. 5).

A semente que um dia foi lançada por Felinski continua se reproduzindo em missões diferentes e distantes, atentas aos desafios de cada época. A fé, o espírito de doação e abandono nas mãos misericordiosas do Pai, o amor incondicional a Maria, o zelo pela Igreja, a entrega a Jesus Cristo das primeiras Irmãs, Maria Grzegorzewicz, Sofia Ulatowska e Edviges Dudek, deram início à obra de Felinski. Pessoas corajosas deixaram sua família e sua pátria, e responderam ao chamado de Deus, colocando-se a serviço de um povo carente e sofrido. As primeiras irmãs que chegaram em 1906, no Brasil, em muitos momentos, com medo do desconhecido, foram fiéis e construíram uma história que hoje se faz memória. “Caiu a chuva, vieram enxurradas, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha” (Mt 7,25).

Elas deram continuidade à missão iniciada por Felinski na Rússia. Imbuídas do espírito missionário, com fé na Divina Providência e coragem, pois queriam ver frutificar a obra de Felinski em terras distantes:

Muitas vezes é conveniente para a irmã desligar-se, não somente do lugar onde está a família e ficar distante dos seus, dentro do seu país, da sua Pátria para dedicar-se a Deus e viver na Congregação. É necessário ainda mais: ser enviada para além-mar, para regiões estranhas a fim de cumprir na íntegra as palavras do salmo [...] ‘Escuta minha filha, olha e inclina o seu ouvido; esqueça a sua nação e a casa de seu pai...’ Em uma outra admoestação afirma que cada Irmã com submissão e resignação, e até com valentia, abandona o país para correr para além-mar, pois no seu serviço

Divino compreende que deve glorificá-lo no espírito e na verdade [...] Apesar de inúmeros trabalhos na região da Galícia, a Madre Sofia dedicou-se a fim de preparar as Irmãs para a distante terra do Brasil, porque sentia nesta solicitação o chamado Divino para colaborar na divulgação do Reino de Deus (FUDALI, 2009 p. 239).

O primeiro grupo das Irmãs chegou ao Brasil em março de 1906. Ao desembarcarem no porto de Paranaguá, seguiram para Curitiba, no Bairro Orleans, onde estabeleceram residência. No início, destinaram sua missão ao auxílio dos migrantes poloneses, estendendo-a em seguida para todas as pessoas necessitadas residentes na região. Com o passar dos anos a Congregação foi se expandindo para os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A missão continuou a se expandir em Brasília (DF), Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Tocantins.

Depois de 164 anos, a missão e o carisma da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria continua se expandindo e exercendo sua ação missionária e caritativa, renovando-se nos passos da Igreja e de Francisco de Assis, e no Carisma do fundador, Zygmunt Felinski. No próximo tópico, discorreremos sobre o carisma franciscano.

5.3 CARISMA FRANCISCANO

O carisma franciscano nasceu com São Francisco de Assis quando teve a experiência com Jesus. “O santo de Assis encontra Jesus no rosto do leproso, no crucificado de São Damião, nas Igrejas que ele visita contidamente, e concentra sua existência no Evangelho” (LAMMARRONE, 2005, p. 164). Quando Francisco se deu conta do que significa viver o Evangelho a exemplo de Jesus Cristo, soou para ele como um convite: torna-te pequeno, menor, despojado de poder e riqueza e vai pelo mundo anunciando o Reino de Deus e a conversão. Francisco decide seguir esse caminho. Na sua época essa decisão, para muitos, significava loucura, mas para ele correspondia a responder ao ardente desejo de seguir Cristo e viver um carisma diferente dos ideais que o mundo oferecia:

Francisco, por diversos motivos, mas principalmente por um carisma recebido do alto e por uma simples aproximação do dado evangélico, de fato se aproxima de Jesus Cristo e capta sua realidade global na perspectiva do amor de Deus que se manifestou e doou, se mostra e se doa na modalidade da

humanidade, da pobreza, da minoridade e do serviço oblato (LAMMARRONE, 2005, p. 166).

Na pequena cidade de Assis, Itália, houve o grande encontro de Francisco com o Crucificado. Com essa inspiração nasce, na Igreja, uma maneira original de viver o Evangelho. Um estilo de vida pautado na Boa Nova, que resgata o modo de viver das primeiras comunidades cristãs: “Dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2, 45):

O carisma do Pai, em sua doação plena e total na pessoa de seu Filho, porém, só é revelado, captado e recebido pelos fundadores e membros de uma Ordem em florações cada vez diferenciadas, novas e próprias. Assim, por exemplo, o que São Francisco captou da revelação que o Espírito lhe proporcionou, no encontro com o Crucificado de São Damião, foi sublimidade do Mistério da paixão de Jesus Cristo, pobre e crucificado (FASSINI, 2002, p. 45).

O carisma de São Francisco de Assis é o Cristo pobre e crucificado. Isto o marcou profundamente e foi vivendo intensamente esse carisma que recebeu os estigmas de Jesus Cristo. São Francisco viveu o carisma de maneira muito simples: tomando o Evangelho como forma de vida, pregou com o seu testemunho, pois vivia o próprio Evangelho encarnado.

São Francisco de Assis foi obediente à Igreja. Apesar de ser um reformador, nunca foi contra a Igreja e sua autoridade. Para seus frades reforçou a obediência ao Papa. Amou a Eucaristia, zelou pelas igrejas, principalmente onde havia a presença de Cristo Eucarístico.

Felinski, desde jovem, aprofunda a espiritualidade franciscana como membro da Ordem Terceira. Ele lia, meditava e vivia o Evangelho. Por onde passava irradiava o Espírito de bondade. Teve grandes dificuldades, principalmente durante seu pastoreio em Varsóvia, mas soube, com espírito evangélico, conduzir seu rebanho. No exílio, passado no silêncio e fazendo o bem, ajudou e amou os pobres e pecadores. No retorno do exílio, serviu a todos sem distinção.

O coração de Felinski recorria ao Salvador, a exemplo de São Francisco. Meditava a Paixão de Cristo, e isso era o baluarte em sua vida. A Cruz de Cristo foi a grande força e consolo nas provações duras de sua vida, especialmente os anos duros de exílio. Honrava com amor a Eucaristia, era o seu refúgio, passava horas

diante do Santíssimo em fervorosa oração. Presidia a Santa Missa com ardor e gratidão, por tão grande mistério fazer parte de sua vida.

Felinski, sendo um franciscano, viveu o espírito de pobreza que distinguiu por grande amor à Cruz. São Francisco viveu diante da cruz e respondeu ao chamado de Deus. Duas figuras pertencentes a diferentes séculos, porém, viveram com a mesma intensidade o Evangelho e de modo singular o carisma.

Todo carisma nasce em determinada época e dentro de uma particular cultura. Manifesta-se, pois, de acordo com as modalidades e os instrumentos típicos daquela época e cultura; assume sua linguagem e símbolos, seus parâmetros interpretativos e seus valores; adapta-se até, na medida do possível, aos seus valores; adapta-se até, na medida do possível, aos seus costumes e estilo de vida. Entretanto, confronta-se também com as problemáticas e as incertezas, as contradições e as angústias de uma determinada civilização. Aliás, à medida que vai realizando tudo isso, pode também dar-lhe uma resposta acreditável ou estimular salutarmente (CENCINI, 2002, p. 87).

A escuta maior do carisma franciscano ressoa na voz do crucifixo de São Damião: 'Francisco, não vês que a minha casa está se destruindo? Vai, pois, e repara-a para mim'. Segundo Fassini (2002, p. 41), os biógrafos de Francisco narram que, quando ele foi tocado pela visita do Senhor na Igreja de São Damião, ficou repleto de contentamento e iluminado, sentindo verdadeiramente em sua alma a presença de Cristo Crucificado.

O carisma franciscano nasce de uma forma radical de seguir Cristo: Francisco respondeu com todo entusiasmo e paixão ao seguimento de Jesus Cristo.

São Francisco reconstruiu a Igreja de São Damião e consertou o que estava em ruínas. Não fez alicerce, mas edificou sobre o que tinha, porque ninguém põe outro fundamento senão o que já existe: pois Jesus Cristo é o grande fundamento. Foi no alicerce de Jesus que Francisco construiu a Igreja. Quando iniciou a construção, pensou que o pedido era para reconstruir a igreja material; depois entendeu que Cristo pedia para construir a sua a Igreja viva, ou seja, expandir seu amor à humanidade através do carisma franciscano.

No carisma fundacional, o fundador e a fundação de uma Ordem ou Congregação recebem a missão de participar de algum dos traços

característicos, ou momentos próprios, dessa insondável e inesgotável plenitude abissal da riqueza da *Charis* de Deus, feita visível e encarnada em Jesus Cristo, o Enviado do Pai. E isso, para cultivá-lo como precioso tesouro da Igreja e para a Igreja em favor da humanidade toda, e desenvolvê-lo como a herança mais marcante e decisiva de sua nova identidade (FASSINI, 2002, p. 45).

Sendo assim, identificar-se com o carisma, é transmitir a graça, pautada nos valores do Evangelho, tendo como único tesouro, Jesus. A única coisa que Francisco pediu aos seus seguidores e companheiros era viver segundo o Evangelho. A teologia do carisma franciscano permeia a cruz de São Damião, com um significado e uma explicação teológica²⁸ impregnada de símbolos muito ricos, com explicações de vários versículos do Evangelho de São João. Jesus saindo da cruz, solto, olhos abertos, não tem a coroa de espinhos, sai da cruz; Jesus Ressuscitado.

Figura 10 - Cruz de São Damião



Fonte: FASSINI, 2002, p. 127

²⁸ Este ícone, geralmente denominado Cruz da Vocação franciscana, inspirado na Teologia do Evangelho de São João, é de fundamental importância para toda a Família Franciscana porque foi através dele que Deus inspirou Francisco de Assis a abandonar o mundo para seguir Jesus Cristo, pobre e crucificado. Mas é também importante para compreendermos, sempre mais e melhor, o real e verdadeiro sentido do carisma e da missão da Vida Consagrada. Cristo aparece crucificado e ao mesmo tempo vivo, ressuscitado, glorioso. O ícone parece proclamar que não existe um Cristo ressuscitado e vivo sem a cruz, fora da Paixão. Cruz e paixão não são meros fatos históricos pertencentes a um passado próximo ou longínquo, mas revelação do modo de ser do Deus de Jesus Cristo, sua identidade mais profunda e eterna: um Deus misericordioso e apaixonado, que ama e sofre com seus filhos. Por isso, o que impressiona nesta representação é a dinâmica da universalidade da misericórdia redentora de Deus, realizada pela gloriosa Paixão de seu Filho querido. Ereto sobre a cruz, em vez de esmagado e sucumbido pela dor e pelo sofrimento, como nas representações modernas, Cristo aparece sereno e vitorioso, de olhos abertos, contemplando e abraçando o Reino que o Pai lhe confiara: a Humanidade, o mundo inteiro, céu e terra. Dominando todo o quadro, não apenas pelo tamanho de seu corpo, mas, principalmente, pela sua luminosidade, parece repetir: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14, 6). *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida* (Jo 8, 12). Parece proclamar que agora seu reinado no mundo passou da promessa para a realização; que chegou a hora de seus amigos tomarem parte (Jo 13, 18), dele beberem da vinha do Reino do Pai. (Mt 26, 29) (cf. FASSINI, 2002, p. 128)

5.4 CARISMA DE FELINSKI PARA A IGREJA

A vida consagrada, assim como os demais carismas, é para a Igreja um sinal visível do Espírito Santo. O chamado para a vida consagrada é um dom de Deus para a Igreja, e seus membros são convocados a viver na radicalidade os conselhos evangélicos. Trata-se, pois, de viver a pobreza, a castidade e obediência num chamado especial, que leva a consagrar-se a uma união íntima com Deus: “perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a Mãe de Jesus” (At 1, 14), e proclama ao mundo que “Deus é amor” (1 Jo 4, 8).

Carisma tem, na sua origem, um tríplice encaminhamento:

Primeiro, encaminhamento para o Pai, no desejo de procurar filialmente a sua vontade através de um processo contínuo de conversão, no qual a obediência é fonte de verdadeira liberdade, a castidade exprime a tensão de um coração insatisfeito com todo o amor finito, a pobreza alimenta aquela fome e sede de justiça que Deus prometeu saciar. [...] No segundo os carismas de vida consagrada implicam também um encaminhamento para o Filho, com quem induzem a cultivar uma íntima e feliz comunhão de vida, na escola do seu serviço generoso a Deus e aos irmãos. No terceiro, todo carisma comporta um encaminhamento para o Espírito Santo enquanto dispõe a pessoa a deixar-se guiar e sustentar por ele (VC 36).

Nesta tríplice dimensão do carisma, a vida consagrada é impulsionada a responder dentro de um Carisma singular:

Carisma na vida consagrada significa sempre a inspiração que dá origem e fundamenta este ou aquele determinado Instituto. Por isso, pode-se dizer que a Vida Consagrada de uma pessoa ou de um Instituto é sempre, ao lado do sacerdócio e da vida secular, um novo carisma dentro da Igreja (FASSINI, 2002, p. 40).

A vida consagrada é dom para a Igreja e está inserida no coração dela como elemento decisivo para a missão. Por isso, o carisma impulsiona para a missão e nessa dimensão tem como fonte inspiradora o Espírito Santo. A vida consagrada é chamada “a encarnar a Boa-Nova, no seguimento de Cristo, o Crucificado Ressuscitado” (AVIZ, 2014). Atraídos por Jesus Cristo, os vocacionados são capazes de deixar tudo para segui-lo. “Constitui memória viva da forma de existir e atuar de

Jesus como Verbo encarnado face ao Pai e aos irmãos” (VC 22). O carisma da vida consagrada pertence ao fundador que, a exemplo de Jesus, lançou suas redes para as ondas do mar. Neste sentido, “os carismas fundacionais põem uma pergunta sobre as emergências da história que exigem o empenho de uma resposta. A identificação dos problemas e das perguntas é ponto de partida decisivo para toda forma de vida consagrada” (CNBB, 2017, n. 53).

Conforme Fassini (2002, p. 47), “a Congregação que tem como carisma Jesus Cristo crucificado, por sua vez, tem como missão a misericórdia de Deus”. Conseqüentemente, o carisma e a missão são expressos na espiritualidade própria, na Regra, nas Constituições e nas atividades da própria congregação.

A vida consagrada é dom particular que toda a Igreja, em sua profunda configuração de comunhão orgânica e hierárquica, deve saber acolher, fazer florescer, examinar, autenticar, custodiar, defender e ajudar a amadurecer com gratidão e reconhecimento (ROMERO, 1994, p. 94-95).

Assim expressa a *Evangelii Gaudium*: “Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total entrega, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal” (EG 265). E a vida pessoal do consagrado vai além do ser: os conselhos evangélicos são utilizados de maneira teológica para viver o carisma deixado pelo fundador em prol da Igreja. “Os conselhos evangélicos são meios para cumprir perfeitamente o duplo mandamento do amor” (ALONSO, 1994, p. 277).

Os membros das congregações são convocados a responder com o carisma fundacional na realidade de hoje, nas diversas necessidades emergenciais da Igreja e da sociedade.

Enfim, estar na missão da Vida consagrada é, acima de tudo, a exemplo do vaso nas mãos do oleiro, deixar-se moldar pelo carisma e pelo espírito originário e próprio da Ordem e dos Fundadores para, assim, aos poucos, vir a ser com eles uma só e única coisa (FASSINI, 2002, p. 48).

A Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família é impulsionada, com o carisma deixado por seu fundador, a levar aos irmãos mais carentes o conforto, e aos doentes e abandonados o cuidado, testemunhando o amor de Cristo. Felinski

insistiu para que a congregação pudesse ser contemplativa e ativa, e desejou que o apostolado fosse considerado um dos objetivos mais importantes.

A Congregação das Irmãs da Família de Maria é chamada a compartilhar seu carisma com os leigos, pessoas cristãs que queiram na família viver o carisma deixado por Felinski. Sendo assim, a semente já foi lançada no dia 27 de dezembro de 2021, quando a Congregação completou seus 164 anos de fundação. “O carisma é um dom que não visa ao enriquecimento pessoal do fundador, antes, porém, ao interesse de toda a Igreja. É um dom que leva consigo uma missão social” (ALONSO, 1991, p.76). Logo, os leigos são os protagonistas na sociedade, pois eles estão inseridos nos mais diversos campos de trabalho.

Na sociedade hodierna, líquida, muitos jovens clamam por um testemunho mais autêntico do Evangelho. Querem experimentar a alegria de serem salvos por Cristo ressuscitado. É missão de todos os que foram chamados e vivem um carisma oferecer respostas que sirvam à vocação de todos os cristãos, além de testemunhar a razão de ser da Igreja. A experiência do encontro pessoal com Cristo é “o manancial de toda a ação evangelizadora”.

Torna-se, portanto, necessário repensar o carisma deixado por Pe. Felinski, chamado feito também às famílias que queiram viver esse carisma, que a exemplo da própria história de sua família, possam recuperar os valores cristãos. Enfim, sua espiritualidade e seu carisma continuam presentes na Igreja, por meio da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, fundada por ele. Desse modo, o seu legado é presente na Igreja. Essa trajetória de vida possibilitou um aprofundamento de tudo o que Felinski realizou em sua vida.

A pandemia, de fato, tem sido um tempo em que estamos reaprendendo a viver a proximidade, e valorizar o olhar, o sorriso, a escuta, e de não nos deixarmos abater pela desesperança, pela tristeza, pelo negativismo. Um tempo para entender que o ritmo das coisas nem sempre é aquele que esperamos, com muitas coisas indo devagar, ou até paradas. Um tempo de reflexão, de busca de respostas diante do mistério da vida humana. Trata-se de uma experiência pedagógica, que nos ensinou que há uma esperança para o futuro, levando-nos a descobrir que a esperança é algo de Deus.

Felinski, em sua experiência de sacerdote, pastor e fundador, deixou um grande legado para a história da Igreja da Polônia, que, por meio de sua obra, a criação da Congregação das Irmãs da Família de Maria, ultrapassou as fronteiras, lançando-nos o desafio de que é possível em qualquer momento da história assumir o jeito dos profetas e profetisas da Bíblia.

Sendo assim, ao ultrapassar as fronteiras e chegando ao Brasil, percebe-se que o carisma de Felinski em relação à vida consagrada não ficou somente no âmbito europeu, mas transportou-se para além-mar. O carisma se perpetua, portanto, na vida das pessoas consagradas na Congregação fundada por Felinski.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta dissertação, chegamos a algumas ponderações frente à pergunta inicial que conduziu esta pesquisa: Como podemos entender o carisma de Zygmunt Szczeny Felinski hoje?

Os preceitos científicos pertinentes à área de atuação desta dissertação possibilitaram a construção de um conhecimento circunscrito em volta do legado deixado por Felinski, o que ajudou a encontrar algumas respostas possíveis à pergunta feita acima. Não podemos deixar de notar que todas as etapas pertinentes ao estudo do tema e à pesquisa teológica ajudaram a compreender de maneira mais profunda a vida sofrida de Felinski, acompanhada do itinerário da cruz.

Antes de mais nada, ao analisar sua história, encontramos uma personalidade incomum, de caráter cristalino, senso de responsabilidade e prudência, com atitudes que evidenciam a grandeza de um autêntico cristão, imbuído de uma vivência radical à luz do Evangelho. Costumava-se dizer que:

Era uma pessoa de aptidões incomuns e raras, assim descreveram os seus contemporâneos. Outra testemunha ocular anotara: 'Em uma condição tão solidária, somente um pe. Felinski era capaz de perseverar [...], e é de se admirar como poderia dar conta de tanto trabalho'. Além disso, é digno de nota um traço característico da personalidade do pastor exilado: um grande desejo de fazer o bem. Onde quer que estivesse, sua consideração e seu amor eram cativantes (DAROWSKA *apud* GOGOLA, 2009, p. 80).

É possível afirmar que sua trajetória e seu carisma proporcionaram à Igreja e, principalmente, à Congregação fundada por ele, propostas novas para colaborar com os cristãos e com a sociedade polonesa do século XIX sob o domínio de um governo czarista perverso. Sem medir esforços para estar com os mais necessitados, ele percebeu que, sozinho, não poderia desenvolver os planos de Deus e recebeu ajuda de pessoas capazes de abandonar tudo para prestar auxílio em conjunto. Assim, nasceu a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

Desde a sua fundação até os dias atuais, a congregação perpetua o carisma deixado por Felinski, continuando a prestar serviço à Igreja e a contribuir nas mais diversas necessidades encontradas na atual realidade. Na transmissão do carisma, a

congregação é continuamente convocada a responder seu chamado vocacional e a atualizá-lo frente aos valores do Evangelho.

Trilhar seu percurso ajudou a refletir sobre sua vida à luz do Evangelho deixado por Jesus. No decorrer da dissertação, muitos elementos puderam ser notados: sua biografia, o caminho traçado no sofrimento, mas sem jamais esmorecer, o legado herdado de sua própria família, a congregação que fundou, os anos de sacerdócio, o pouco tempo como arcebispo de Varsóvia, os 20 de exílio e, com a anistia, não podendo voltar para Varsóvia, seus últimos anos dedicados ao povo de Dzwiniaczka.

O caminho espiritual percorrido acompanhado, principalmente, pela espiritualidade mariana, tornou-se um suporte sólido em todos os momentos cruciais de sua vida. Soma-se a isso, uma sensibilidade diante das mazelas à sua volta, o que levou o grande animador da vida consagrada a cuidar com zelo e carinho de todas as congregações religiosas sob sua responsabilidade, a preocupar-se com sua formação e com o mesmo carinho a cuidar do povo polonês e ucraniano.

Tornar conhecidas a vida, a espiritualidade e o carisma de Zygmunt Szczeny Felinski para a Igreja e para a sociedade é poder colaborar com o campo da teologia, pois a compreensão de sua história e de seu percurso de vida deixa claro que este homem dedicou-se inteiramente, sem perder de vista Aquele que o chamou, a contribuir com a construção do Reino de Deus.

O carisma nascido com ele cresceu, se desenvolveu, alcançou outros países e se abriu para viver os desafios dos novos tempos com um caminho sendo ainda traçado, pois a morte de Felinski não indicou o término desta história, mas sim que ele deu passos firmes e deixou marcas exemplares para todos aqueles que querem seguir o caminho da cruz com a segurança de estar agindo corretamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Carlos. **Ladainha de Nossa Senhora**. O sentido de cada invocação. São Paulo: 2. ed. Ave Maria, 2010.

ALONSO, Severino. Maria. *In*: RODRIGUES, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals; (dir.) **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. **A vida consagrada**. São Paulo: Ave-Maria, 1991.

ARQUIVO. Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. **Palavras proferidas pelo Monsenhor José Pelzar no funeral do arcebispo Zygmunt S. Felinski**. Província Menino Jesus: Curitiba, 1895.

_____. **Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria**. Brasil, 1906 – 1981.

_____. Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. **Arcebispo Felinski Imitador de São Francisco, amigo das congregações**. Província Menino Jesus: Curitiba, 1995.

_____. **História da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria**. (Apostila datilografada).

ARNAIZ, José Maria. **Covid: um apelo à vida consagrada**. Trad. Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/612308-covid-um-apelo-a-vida-consagrada-artigo-de-jose-maria-arnaiz>. Acesso em 11 de janeiro de 2022.

AVIZ, João Braz de. **Mensagem por ocasião do 25º ano da Vida Consagrada**. 2014. Disponível em: <https://www.salvatorianas.org.br/blog/25o-dia-mundial-da-vida-consagrada/>. Acesso em 20 de maio de 2021.

BENTO XVI. Papa. **Homilia de canonização de Felinski**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_benxvi_hom_20091011_canonizzazioni.html. Acesso em 11 de março de 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição ver. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. **Mariologia Social: O significado da Virgem para a Sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Mariologia: Introdução à Teologia**. Petrópolis: 7. ed. Vozes, 2019.

BORTOLAN GRYBOSI, Roseli Teresinha; PIANOVSKI VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque. **Educar e Construir: Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria nas Colônias**. Curitiba: Appris, 2019.

_____. **A concepção de educação de Zygmunt Felinski à luz da contemporaneidade.** Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/4511/47966885>. Acesso em 26 de julho 2020.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Partições da Polônia.** Encyclopedia Britannica, 17 de outubro de 2021, disponível em: <https://www.britannica.com/event/Partitions-of-Poland>. Acesso em 3 de janeiro de 2022.

CANDIDO, Luigi de. *In*: FIORES, Stefano. MEO, Salvatore. (dir.). **Dicionário de Mariologia.** São Paulo: Paulus, 1995.

CAPRI, Elizabete Johanen. **De Católicos Poloneses a Ponta-grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945.** Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35455/R%20-%20D%20-%20ELIZABETH%20JOHANSEN%20CAPRI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 de junho de 2020.

CENCINI, Amadeo. **Amarás o Senhor teu Deus: Psicologia do encontro com Deus.** São Paulo: Paulinas, 2002.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA. **Arcebispo Metropolitano de Varsóvia.** Fundador da congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Tradução: Fabíola Ruszczk. Brasil, 1906 – 1981. (Apostila datilografada)

_____. **100 Anos de Vida e Ação no Brasil.** Ponta Grossa: 2005.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia Princípios e Diretrizes.** Vaticano, 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html#Cap%C3%ADtulo%20V. Acesso no dia 16 de julho de 2021.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APÓSTOLICA, **Anunciai.** Aos consagrados e às consagradas, testemunha do Evangelho entre o povo. Brasília: CNBB, 2017.

CONCÍLIO VATICANO II. **Perfectae Caritatis.** Decreto sobre a conveniente renovação da vida religiosa. *In*: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. ed. 2., 2002. São Paulo, 2001.

CRUZ, Afonso de Santa. **Onde o Céu é Família...** (Dom Zygmunt S. Felinski) Curitiba: Rosário. [1993?].

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja das Revoluções.** I. Diante de novos destinos. V. VIII. São Paulo: Quadrante, 2003. Disponível em: A Igreja Das Revoluções (I) Diante De

Novos Destinos PDF Henri Daniel (indicalivros.com). Acesso dia 02 de janeiro de 2022.

DEVOCIONÁRIO. Da congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Tradução Fabíola Ruzczyk. Varsóvia: Michalineum, 2013.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007.** São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2008.

DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2001.

FASSINI, Dorvalino Francisco. **Vida Consagrada e Formação.** Porto Alegre: Província São Francisco de Assis. 2002.

FELINSKI, Zygmunt. **Constituições da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.** Roma: 1982.

_____. **Constituições da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.** Curitiba, 2017.

_____. **Carta para a Mãe.** Moscou, 20 de janeiro de 1840.

_____. **Carta para a Mãe.** Moscou, 11 de março de 1840.

_____. **Carta para a Mãe.** Moscou, 20 de abril de 1840.

_____. **Carta para a Mãe.** Moscou, 23 de abril de 1841.

_____. **Carta para a Mãe.** Moscou 06 de outubro de 1841.

_____. **Carta ao irmão Aloísio.** Moscou, 1844.

_____. **Arquivo da Congregação.** Apostilas. Curitiba, 1863.

_____. **Paulina:** filha de Eva Felinski. Leopólis: Editado, 1885. Tradução Ir. Aquilina Caon. Revisão Ir. Fabíola- S.F e Ir. Conceição S.F. Livro em Brochura. (Datilografada).

_____. **Cartas Ascéticas.** Escritas em Jaroslaw às margens do Rio Volga, para as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. Tradução de Fabíola Ruzczyk. Curitiba: Vicentina, 2000a.

_____. **Espiritualidade da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.** Tradução: Fabíola Ruzczyk: Varsóvia, 2000b.

_____. **Testamento:** para você, Irmã. Tradução de Fabíola Ruzczyk. Varsóvia: [S.I.], 2009.

FRACEK, Teresa Antonieta. **Caríssimos veneradores do Servo de Deus, Arcebispo Zygmunt Szcesny Felinski**. Tradução de Fabiola Ruszczyk. Varsóvia; 1997.

_____. **São Zygmunt S. Felinski Juventude**. Tradução: Fabíola Ruszczyk, (brochura), Varsóvia, 2009a.

_____. A congregação das Irmãs Franciscanas da Família de Maria. A atividade no Período de 150 anos. *In*: MORKIS, Jorge. **Família de Maria: A obra do bem-aventurado Zygmunt Felinski 1857-2007**. Tradução: Paulo Filipake. Carmelitas Descalços: Cracóvia, 2009b.

_____. **Minha Única Ambição**. Tradução: Fabiola Ruszczyk, Varsóvia, [2010?].

FRANCISCO. Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Laudato Si**. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015.

_____. **Audiência Geral Praça de São Pedro**. 1º de outubro de 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.pdf. Acesso dia 06 de maio de 2020.

_____. **Congregação para os Institutos De Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica**. Ano da Vida Consagrada. Alegrai-vos. Carta circular aos consagrados e consagradas. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20140202_rallegratevi-lettera-consacрати_po.pdf. Acesso em 20 de maio de 2021.

_____. **Homilia da XXVIII Jornada Mundial da Juventude**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130728_celebrazione-xxviii-gmg.html. Acesso dia 08 de novembro de 2021.

FUDALI, Danuta. **Biografia São Zygmunt S. Felinski**. Tradução: Monsenhor Francisco Fabris. Curitiba, 2011.

_____. As Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria no Brasil. *In*: MORKIS, Jorge. **Família de Maria: obra do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski 1857-2007**. Tradução de Paulo Filipake. Cracóvia: Editora dos Carmelitas Descalços, 2009.

GALAZKA, Grzegorz. **Zygmunt Szczesny Felinski**. Exemplo luminar. Varsóvia: Michalineum, 2010.

GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. **Mariologia. Síntese bíblica, histórica e sistemática**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

GAWRON, Pawel. **Servo da misericórdia**. Tradução Fabiola Ruszczuk. Curitiba: Gráfica Olsen, [entre 2000-2016].

GOGOLA, Zdzislaw. A atividade do arcebispo Zygmunt S. Felinski à luz das cartas dirigidas ao casal Rogawski. *In*: MORKIS. **Família de Maria**: obra do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski 1857-2007. Tradução de Paulo Filipake. Cracóvia: Editora dos Carmelitas Descalços, 2009.

GOFFI, Tullo. *In*: FIORES, Stefano; MEO, Salvatore; (dir.) **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

GRIESE, Germán Sánchez. **O que é o carisma**. Disponível em: <http://es.catholic.net/op/articulos/7698/cat/176/o-que-e-o-carisma.html>. Acesso em 27 de Julho de 2021.

JOÃO PAULO II. Papa. **Catecismo da Igreja Católica**. 1. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Vita consecrata**, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. 6. ed. 5ª Reimp. São Paulo: Paulinas, 2019.

_____. **Homilia de Beatificação de Zygmunt Felinski**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020818_beatification-krakow.html. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

_____. **Mensagem para a celebração do primeiro dia da vida Consagrada**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/consecrated_life/documents/hf_jp-ii_mes_06011997_i-consecrated-life-day.html. Acesso dia 11 de abril de 2021.

_____. **Redemptoris Mater**. Carta Encíclica sobre a Bem-aventura Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.pdf. Acesso dia 08 de novembro de 2021.

JORGE, José Antonio. **Dicionário Bíblico, Teológico e Litúrgico**. Com Aplicações Práticas. São Paulo: Átomo, 1999.

KAMINSKI, Lukasz; KORKUC, Maciej. **Guia pela história da Polônia de 966 a 2016**. Disponível em: <https://yoenpolonia.com/wp-content/uploads/2017/07/Guida%20pela%20historia%20da%20Polonia%20YEP.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2021.

KEARNS, Lourenço. **Devoção a Maria**. Aparecida: Santuário, 2017.

_____. **A Teologia da Vida consagrada**. São Paulo: Santuário, 1999.

KRUPA, Sofia. **Carisma, Missão e Espiritualidade**. Vídeo Conferência; 2021. Palestra para a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

LAMMARRONE, Giovanni. **Manual de Teologia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEONARDI, Paula. **Pedagogia da memória**: aparições marianas e congregações católicas no século XIX. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p. 1-13

LOZANO, Juan Manuel. *In*: RODRIGUES, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals; (dir.) **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

VATICANO II. **Lumen Gentium**, Constituição Dogmática. São Paulo: Paulus, 2001.

LUKOWSKI, Jerzy. **The Partitions of Poland 1772, 1773, 1795**. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315841793/partitions-poland-1772-1793-1795-jerzy-lukowski>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.

MERINO, Aquilino Bocos. **Concílio Vaticano II e a Vida Consagrada**. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/CASA%20BAHIA/Downloads/sumario3%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/CASA%20BAHIA/Downloads/sumario3%20(3).pdf). Acesso em 28 de julho de 2021.

MURAD, Afonso. **Maria Toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas e Santuário, 1. ed. 8. reimp. 2019.

_____. *In*: PASSOS, J.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2015.

NAGY, Estanislau. Santa Missa com o pedido da canonização do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski. *In*: MORKIS, Jorge. **Família de Maria**: A obra do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski 1857-2007. Tradução Paulo Filipake. Carmelitas Descalços: Cracóvia, 2009. P. 325-329

PALÁCIO, Carlos. *In*: ELLACURIA, I. SOBRINHO, J.: **Mysterium Liberationis**. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación. Madri: Editorial Trotta, 1990.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

PAULO VI. Papa. **Marilais Cultus**. Exortação apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventura Virgem Maria. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em 01 de junho de 2021.

_____. **Evangelica Testificatio**. Exortação Apostólica: Sobre a renovação da vida religiosa segundo os ensinamentos do concílio. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19710629_evangelica-testificatio.pdf. Acesso dia 13 de junho de 2021.

PIO IX. Papa. **Encíclica Urbi Urbaniano**. Aos veneráveis bispos da Rússia e da Polônia. Tradução Francisco Fabris. Castel Gandolfo: 1864.

RAPALA, Lucyna. **Swiety Zygmunt Szczesny Felinski**. Folia Histórica Cracoviensi, Cracóvia, Vol. 15-16, pp. 543-573, 2010. Disponível em: <http://czasopisma.upjp2.edu.pl/foiahistoricacracoviensia/article/view/1497/1389>.

_____. **São Zygmunt Szczesny Felinski**. 2010. Tradução Nossa.

RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals. (dir.). **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

ROMERO, Antonio. *In*: RODRIGUES, Angel Aparício; CASAS, Joan, Canals; (dir.) **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECULARES. **Sagrada congregação para os Bispos critérios diretivos para as relações mútuas entre Bispos e os religiosos na Igreja**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_14051978_mutuae-relaciones_en.ht. Acesso em 28 de julho de 2021.

SANCHO, Javier. **Pensamento de Edith Stein: a vida consagrada**. Disponível em: <https://diocese-aveiro.pt/cultura/pensamento-de-edith-stein-a-vida-consagrada/>. Acesso dia 31 de dezembro de 2021.

SCHAFFER, Bob. **Deputado Bob Schaffer elogia a beatificação do Arcebispo Zygmunt Szczesny Felinski**. 2002. Vol. 9, ed. 28. Estados Unidos, 2002. Disponível em: http://www.users.interport.net/s/a/salski/No28Folder/Felinski_Arch.htm. Acesso em 30 de julho de 2021.

SILVA, Maria Quitéria Ferreira da. **Maria, Francisco e Zygmunt Servos Menores**. Porto Alegre, 2011.

SILVEIRA, Ildefonso; REIS, dos Reis; (org.). **São Francisco de Assis**. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SZCZEPANIAK, João. A preocupação do bem-aventurado arcebispo Zygmunt Felício Felinski com a formação sacerdotal e religiosa. *In*: MORKIS, Jorge. **Família de Maria: A obra do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski 1857-2007**. Tradução: Paulo Filipake. Carmelitas Descalços: Cracóvia, 2009.

THUOR SAUER, Lucas. **Mudança Territorial**. Disponível em: <https://universoracionalista.org/tradicao-x-modernidade-no-inicio-do-seculo-xix/>. Acesso em 13 de janeiro de 2022.

TOLEDO, Valdecir. **Maria poderia ter dito não? A liberdade humana e a vontade divina**. 1. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2016.

VELASCO, Juan Martin. *In*: FIORES, Stefano; MEO, Salvatore; (dir.) **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

WOLCZANSKI, José. O desenvolvimento espiritual da Congregação das Irmãs Franciscanas da Família de Maria nos territórios do sudoeste da república. *In*: MORKIS, Jorge. **Família de Maria**: A obra do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski 1857-2007. Tradução: Paulo Filipake. Carmelitas Descalços: Cracóvia, 2009.

WOLFF, Larry. **Faith and Fatherland**: Catholicism, Modernity. JUNE 2012, Vol. 117, No. 3 (JUNE 2012), pp. 957-959. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/23310709>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

ZAMOYSKI, Adam. **História da Polônia**. Tradução: Miguel Mata. Lisboa: Edições 70, 2010.

ZIEJKA, Francisco. O bem-aventurado Zygmunt Felinski. *In*: MORKIS, Jorge. **Família de Maria**: A obra do bem-aventurado Zygmunt S. Felinski 1857-2007. Tradução: Paulo Filipake. Carmelitas Descalços: Cracóvia, 2009.

ZYLINSKA, Regina. **Vida heroica do Arcebispo de Varsóvia**. Tradução: Francisco Dranka. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1973.

ANEXO A – CARTA nº 34 – DEVER DE ESTADO, COMUM A TODAS AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

Já conhecem, amáveis Filhas, o que exige de vocês a vocação em relação ao trabalho da vida espiritual. Agora vamos refletir sobre os deveres de estado que, ingressando na Família de Maria, contraíram diante de Deus e do próximo. A norma desses deveres constitui para vocês, a Regra mais concretamente, manter-se no que determinam suas Constituições. Está dito na Regra, que a Família de Maria escolheu como fim principal a propagação da glória de Deus, trabalhar pela perfeição pessoal e servir o próximo. Este tríplice fim, é comum a todas as Congregações, apenas as próximas expressões determinam em que a sua vocação se distingue de outras congregações religiosas.

Antes de analisar os seus deveres específicos, refletiremos estes que são comuns a todas as almas consagradas a Deus. Começemos pelo dever de propagar a glória de Deus. Para responder devidamente, é preciso antes de tudo entender o que é a glória de Deus e quais são os meios para propagar. Esta expressão: glória de Deus, na Sagrada Escritura tem duplo significado. Às vezes, significa a majestade do Criador, isto é, o conjunto das perfeições ou a própria Natureza Divina, considerada do lado de louvor e glorificação ao que é digna, e isto é glória de Deus em si, sempre única e indivisível, totalmente independente da criação. Em outro lugar do Livro Sagrado entendem por glória de Deus, esse louvor e honra que as criaturas prestam ao seu Criador, e neste entender, a glória de Deus é variável, dependente da vontade e natureza das criaturas, então poderá aumentar ou diminuir, e quando encerrado tudo, fecha-se na delimitação do tempo e espaço. Desta divisão, justifica-se realmente, que o dever de propagar a glória de Deus, relaciona-se a esta última categoria, pois é algo impossível multiplicar a matéria própria da glória. Deus deixaria de ser Deus, isto é, Ser perfeitíssimo; não se pode acrescentar uma migalha a sua perfeição. Tudo em Deus, não é somente glorioso, mas gloriosíssimo e não tem nada que não seja. Dizendo: Deus, é dizer; conjunto de tudo aquilo que é, que era e o que vem digno de louvor. Esta glória divina que somente Ele pode dar a si, pois somente Ele entende perfeitamente o que Nele e em que grau de glória é digno; tanto assim, que não depende das criaturas, mesmo antes que o mundo existisse, antes que aparecesse o tempo e o espaço, a glória de Deus era igualmente perfeita, assim como é hoje e será até o fim dos séculos, quando será absorvido o tempo pela eternidade e o espaço pelo infinito. Deus cheio de glória é perfeitamente feliz em si, não precisa desta relativa glória que as criaturas prestam a Ele. Se a fé ensina que Deus criou tudo para sua glória, isto não significa que através disto, aumentasse algo em Deus, mas pelas criaturas, que são a manifestação visível da Sabedoria e Poder e a Glória. O mundo visível é prova da Poderosa Sabedoria do Criador que existiu sempre no seu seio, assim a glória imperfeita que a criatura presta a Ele nos convence o quanto é digno de glória. Aquele a quem os seres limitados devem a glória e o louvor. O dever de glorificar a Deus, não é de nenhum modo uma espécie de mandamento, não saberíamos de sua existência, se não nos fosse revelado. Este dever advém da lei natural que o próprio Criador gravou no nosso coração. É algo possível, necessidade da alma, é uma satisfação em vez de constrangimento, causa-lhe maior prazer. Como ao olho corporal não precisa ordenar que se agrade como o raio do sol, assim também ao olho da alma, é suficiente fazer ver a perfeição infinita do Criador, para despertar nela maior enlevo e encanto. Um coração puro e razão sem preconceitos, não recusarão a honra e glória ao Criador, mesmo que conheçam em fraca imagem a Sua

natureza, para que o homem não creia em Deus ou blasfeme, alguma paixão deve ofuscar a razão e corromper o coração. Somente uma escuridão tenebrosa pode privar o homem do conhecimento e amor de Deus, mas a maldade é capaz de enxertar no coração humano o desprezo ou o ódio. Para prestar a devida glória ao Senhor, não precisamos de nenhum esforço extraordinário da vontade. É suficiente colocar diante de si a verdadeira imagem da perfeição divina e conter o coração para que não se renda a excitação da concupiscência, e logo a alma inflamada com o fogo do amor divino, sujeita-se à tendência da própria natureza. Na verdade, será um amor natural, mas se o raio da graça vem iluminá-la logo o transforma em virtude sobrenatural.

Como veem, o primeiro dever de cada um que quer prestar glórias ao Senhor, é conhecer cada vez mais a perfeição e as obras gloriosas de Deus, as quais por si mesmas geram louvores na alma. O segundo dever não menos importante, é a vigilância sobre as inclinações ou impulsos da natureza, para que a visão da alma enganada pela beleza das criaturas, não se torne indiferente pela maravilha eterna do Criador. A primeira obrigação nossa é o exercício permanente no conhecimento das verdades da fé, pois somente pela fé é que podemos conhecer a perfeição divina. A segunda nos pressiona para um trabalho perseverante em refrear as paixões, sem o que nunca a maravilhosa incriada nos encantara ou atrairá. Sob este último aspecto, o dever de propagar a glória de Deus converge com o dever pessoal, pois santificando-nos, contribuimos para a glória do nosso Criador. Se um mestre genial pintasse um quadro de beleza sem igual, e tanta, que uma crítica severa não encontrasse defeito, mas, se em seguida um outro pintor; levado pela inveja, borrasse a obra de arte, transformando em algo horrendo, não é de admirar, que os desconhecedores desse fato, fossem praguejar o mestre, julgado, que de suas mãos saiu uma monstruosidade. E se aparecesse um artista consciencioso, que de um lado por amor a beleza e de outro pela verdade, assumisse o penoso trabalho em remover as camadas de tintas coloridas e recuperar a beleza original apresentado novamente aos espectadores, quem não vai reconhecer que a recuperação da forma original da obra de arte pelo artista consciencioso contribui para sua fama de mestre genial? Agora coloquemos Deus no lugar desse mestre, o homem no lugar de Sua imagem, o satanás no lugar do artista invejoso e logo entenderemos que, para a glória de Deus, cada um contribui efetivamente, seja em si, seja no próximo desfigurado pelo pecado, esforça-se em recuperar a beleza original da imagem divina. Mas, voltemos aos meios de trabalhar para a glória de Deus. Através da escuta da Palavra de Deus, leituras piedosas e, em especial pela meditação das verdades eternas, acende-se na alma um grande amor ao Criador e Redentor e a enche com sentimentos de louvor que se revela pela oração fervorosa. O mais puro fruto do amor de Deus é a oração de louvor, onde a alma, esquecendo-se de si e do mundo visível, encanta-se com a incomparável perfeição do Criador, saciada de felicidade que, justamente, na fonte do bem, da verdade e da beleza, pode mirar com os olhos de fé. Em seguida a alma imersa em Deus, volta a atenção a si e vê existisse ou não em condições de criaturas irracionais, nunca conseguiria conhecer e amar a Deus. Essas observações enchem a alma de gratidão e arrancam de seu íntimo oração de ação de graças, a qual, igualmente, como a primeira serve para aumentar a glória de Deus na terra. De maneira semelhante a alma que ama o Senhor, agradece pela graça da redenção, pelo perdão dos pecados, pelo chamado exclusivo ao serviço Divino, enfim, pela constante vigilância sobre nós e a quem somos agradecidos por todo bem. Não somente para agora são necessárias a misericórdia e proteção divina, mas para o futuro, daí a alma não só fará oração de louvor e gratidão, mas também de petição. A nossa dependência de Deus unida à fé sua onipotência e confiança na bondade e proteção,

constitui a base desta oração pela qual louvando o Senhor como governante do mundo, contribui para aumentar Sua glória entre os homens. Mesmo com a melhor boa vontade, por motivo da limitação e fraqueza, a cada passo ofendemos o Senhor, como testemunha São João, o justo, peca sete vezes ao dia. Toda vez que a alma olha o seu íntimo, compara com isso que é com o que deveria ser de acordo com exigência divina, com grande vergonha, sempre encontra mil razões de sua infidelidade, incoerência, teimosa. Logo que deseja retornar a união com Deus, terá que afastar de si tudo que Ele condena e, em seguida, pedir perdão pelas faltas cometidas, o que constituiu a oração de suplica. Essas quatro categorias de oração são como veem, uma necessidade natural da alma, não tendo nada em si o que seja repugnante ou difícil para natureza. Louvando isto, o que consideramos como perfeito, e agradeçamos por aquilo que é benefício para nós, pedindo isto o que é útil e salutar, esforçando-nos em satisfazer aos nosso Benfeitor e amado Senhor, pela ofensa que a consciência nos acusa. Prosseguimos com natural impulso do coração assim que a graça fortalece unicamente este sentimento e eleva a dignidade de virtude sobrenatural. É diferente a questão com a quinta categoria de oração, que pode ser chamada de oração do abandono, da qual como exemplo perfeito, deixou-nos Jesus no Horto. Esta oração brota do fundo da alma que ama o Senhor, quando a razão não entende nem o motivo, nem a utilidade das provas e aflições das quais a natureza se repugna. A alma, seguido as diretrizes da fé, fortalecida pela graça, vence a teimosia da natureza corrompida testemunha ao Pai celestial, que aceita de suas mãos as cruzes, com submissão e confiança, unindo-as com a Santíssima Paixão do Salvador. A aceitação das provações que Deus nos manda, é a honra mais agradável que a criatura pode prestar ao seu Criador. Cabe, aí também, o ato de fé, que tudo que o Senhor faz é o melhor, mesmo que para nós pode parecer incompreensível e repugnante; é ato de esperança, que expressa a ilimitada confiança no Senhor, apesar de que nos prova e aflige; enfim um ato de perfeito amor, provando que ama acima de tudo o Doador e não as dádivas. Nada aumenta tanto a glória de Deus, quanto a oração cheia de amor e humildade nas tribulações. Nela está o maior louvor e sacrifício. Louvor, quando o louvamos por tudo o que nos olhos da graça é louvável, sacrifício, em que renunciamos ao juízo, vontade e amor próprio, e escolhemos o que é agradável a Deus, aquilo que não entendemos, o que não queremos e o que nos é repugnante por natureza. Vejam, pois, amáveis Filhas, que o dever interior de aumentar a glória a Deus, satisfaz esta quem louva o Senhor, pelo fato de Sua perfeição. Agradece por todos os benefícios, recorre a Ele com confiança nas necessidades próprias e do próximo. Por todas as faltas e limitações pede perdão com coração arrependido e enfim aceita com amor e submissão as cruzes, tentações, aflições e decepções. O cristão e, em especial o servo do Senhor, não pode cessar em prestar honra, glória e louvor ao seu Senhor. Também, além disso, tem o dever de animar e despertar o seu próximo para que louve o Criador. Esclarecer aos ignorantes as verdades da fé, anunciar e explicar os santos mistérios. Mostrar os infinitos benefícios da Divina Providência, para despertar nos corações a gratidão pelas dádivas. Construir e ornamentar os santuários, contribuir de qualquer maneira a abrilhantar e solenizar as celebrações. Propagar os livros piedosos e construtivos, fundar ou amparar todo tipo de instituições caritativas. Encaminhar os fiéis a frequente Confissão e Santa Comunhão, remediar os escândalos públicos ou afastá-los. Com uma palavra, ajudar o próximo a se libertar da escravidão corruptível e encaminhá-lo a glória da liberdade dos filhos de Deus. Nisto consiste o dever de propagar a glória de Deus. Diz o apóstolo: “Quer comais ou bebais, ou fazeis qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus”. Questões mais insignificantes podem glorificar o Senhor,

contanto que sejam realizadas com esta intenção, assim ao que o Senhor, tudo leva a salvação, assim como tudo serve para glorificar o Amado.

ANEXO B - HOMILIA DA BEATIFICAÇÃO DE FELINSKI

O Beato Sigismundo Félix Felinski, ex-Arcebispo de Varsóvia, numa difícil época caracterizada pela falta de liberdade nacional, exortava a perseverar no serviço generoso aos pobres, a fundar instituições educativas e estruturas caritativas. Ele mesmo fundou um orfanato e uma escola, e fez chegar à capital as Religiosas da Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Maria por ele fundada no ano de 1857.

Depois do termo da insurreição de 1863, orientado por sentimentos de misericórdia para com os irmãos, ele defendeu abertamente os perseguidos. O preço que teve de pagar por esta fidelidade foi a deportação para a periferia da Rússia, onde passou vinte anos.

Mas também ali continuou a recordar-se das pessoas pobres e perdidas, manifestando-lhes um grande amor, paciência e compreensão. Dele desejou escrever-se que, "durante o seu exílio, oprimido de todas as partes, na pobreza da oração, permaneceu sempre e unicamente aos pés da Cruz, recomendando-se à Misericórdia Divina".

Ele é um exemplo de ministério pastoral que hoje, de maneira especial, quero confiar aos meus Irmãos no Episcopado. Caríssimos, o Arcebispo Félix Felinski apoia os vossos esforços em ordem a elaborar e pôr em prática um programa pastoral da misericórdia. Que este programa constitua o vosso compromisso, em primeiro lugar na vida da Igreja e depois, como elemento necessário e oportuno, na vida social e política da Nação polaca, da Europa e do mundo inteiro.

Impelido por este espírito de caridade social, o Arcebispo Zygmunt Félix Felinski comprometeu-se profundamente em benefício da salvaguarda da liberdade nacional. E isto é necessário também hoje, quando várias forças, com frequência orientadas por uma falsa ideologia de liberdade, procuram apropriar-se deste terreno. Quando uma ruidosa propaganda de liberalismo, de liberdade desprovida de verdade e de responsabilidade, se intensifica inclusivamente no interior do nosso País, os Pastores da Igreja não podem deixar de anunciar a única e infalível filosofia da liberdade, que é a verdade da Cruz de Jesus Cristo. Esta filosofia de liberdade está estruturalmente ligada à história da nossa Nação.

ANEXO C – MAPAS: PRIMEIRA, SEGUNDA E TERCEIRA PARTILHA DA POLÓNIA



Fonte: ZAMOYOSKI, 2010, p. 200

ANEXO D – MAPA: A EUROPA NAPOLEÓNICA, 1809

Fonte: ZAMOYOSKI, 2010, p. 209

ANEXO E – MAPA: O REINO DO CONGRESSO, 1815-1831



Fonte: ZAMOYOSKI, 2010, p. 213